

Tem um louco solto na Amazônia



Felix Richter

Tem um louco solto na Amazônia

romance

versão eletrônica 20/01/2015

Atenção: a versão eletrônica deste livro está sendo disponibilizado, de forma gratuita, pelo autor. Fica estabelecido que:

A) a versão impressa continua sendo vendida nas principais livrarias do Brasil. O autor tem o direito de vender, no futuro, uma versão eletrônica do livro. Ou seja, aproveite para ler o livro agora, pois agora é de graça.

B) impressão da versão eletrônica:

- é permitido imprimir esta versão eletrônica para uso pessoal.
- não é permitido distribuir, vender ou presentear cópias impressas desta versão eletrônica.
- professores que queiram usar o livro em sala de aula ou para fins educacionais em geral podem orientar os alunos para que cada um faça uma impressão da versão eletrônica.

C) conteúdo:

- o conteúdo do livro e/ou do arquivo PDF disponibilizado não pode ser editado e/ou modificado.

D) distribuição:

- a versão eletrônica pode ser distribuída, livremente, através de sites, email, redes sociais e outros meios eletrônicos, desde que esta distribuição seja de forma gratuita e esteja de acordo com os itens A, B, C acima listados.

É proibido cobrar qualquer valor por esta versão eletrônica.

A versão impressa deste livro pode ser comprada nas principais livrarias do país. ISBN: 978-85-87467-26-3

“Louco é aquele que perdeu tudo,
menos a razão.” (Adágio grego)



BRASÍLIA, julho de 2004, início de uma tarde de sexta-feira. A chuva finalmente se dissipou no horizonte, permitindo a decolagem do avião monomotor. O pequeno aeroporto fora pavimentado durante a construção da capital, para suprir, discretamente, engenheiros e empreiteiros com prostitutas. Anos após a inauguração de Brasília, transformara-se numa opção econômica para táxis aéreos, na fuga das altas taxas operacionais do Aeroporto Internacional. Desde cedo, piloto e três passageiros aguardavam melhores condições meteorológicas, sentados no sofá de couro da minúscula sala de espera – chão de ladrilhos, paredes brancas sem quadros – somente o mapa do Brasil e um folheto de campanha para vacinação contra a febre amarela.

Duas horas adiante, sobrevoavam a Floresta Amazônica rumo a Manaus. Os passageiros, calados durante a longa espera no aeroporto, agora conversavam com desenvoltura em espanhol, causando estranheza ao piloto, pois haviam se identificado como brasileiros, portando, inclusive, carteiras de identidade nacionais. Seriam colombianos? O sotaque assim o indicava. De repente, o piloto percebeu um cano gelado na nuca e soube tratar-se de roubo. Sentiu, com estranheza, o sabor de doce caseiro na boca, laranja com canela, paladar há muito esquecido na infância distante no sítio dos avós. Em frações de segundo, ultrapassou os vinte anos que o separavam daquele passado, viu pássaros, crianças e trovoadas. Entristeceu-se por ter abandonado um sonho em especial, de viver na floresta. Um dos marginais assumiu o controle da aeronave, e ordenaram ao piloto destituído que pulasse do avião. Ele recusou-se. Ameaçaram matá-lo a tiros. O piloto argu-

mentou que morreria saltando da altura de 1000 pés, “morro de qualquer jeito”, ao menos o avião se mancharia de sangue caso o executassem no interior da cabine. Sabia que a intenção dos bandidos era vender a aeronave no mercado negro, provavelmente no da Colômbia. Ofereceram uma opção: sobrevoar um rio na altura de poucos metros, para que ele pulasse na água, podendo escapar com vida. Tampouco aceitou. Explicou que, mesmo superando a queda no rio, não haveria a menor possibilidade de sobreviver na Floresta da Amazônia, longe de qualquer vestígio da civilização. O marginal no comando da aeronave irritou-se, “Ya lo sé, déjame a mí!”. Seguiu voando por 50 minutos até pousar o avião em uma pista clandestina do tráfico de drogas, abandonada fazia alguns meses. Quando em atividade, repassava-se droga vinda da Colômbia a receptadores brasileiros. Um avião colombiano cruzava a fronteira, descarregavam os entorpecentes, e outro, brasileiro, levava a droga a São Luís do Maranhão, de onde seguia para os Estados Unidos e para a Europa. A Polícia Federal descobrira a ação, e os traficantes mudaram a rota.

Os sequestradores retiraram o piloto do avião para executá-lo. Deitaram-no sobre a grama, rala, seca e desidratada, e veio-lhe o cheiro de terra aos pulmões. Cerrou os olhos e aceitou a morte, em um gesto de humildade diante da força do destino. Não atiraram. Um dos marginais riu e disse: “Quero você se arrependendo pelos próximos cinco dias por não ter pulado do avião. Vai morrer de fome, medo, sede ou devorado por uma onça.”

ROMA, INSPIRADO NA CAPITAL ITALIANA, era o nome do piloto. Nascido em São Paulo, no início da década de 70, auge do movimento hippie brasileiro, não viveu a paz e o amor. Filho de pais judeus imigrantes da Polônia, teve uma educação rígida com poucos confortos. Pai e mãe eram amigos de infância. Em 1938, quando ainda crianças, os pais de Roma trocaram de continente. Vieram ao Brasil trazidos pelos avós paternos do piloto, que fugiram do exército nazista, enquanto os avós maternos se recusaram a deixar a pátria, desaparecendo para sempre no terror dos campos de concentração.

Na infância, Roma aprendeu o significado de ser filho de imigrantes judeus poloneses: os poucos confortos traduziam-se em culpa, a família era prioridade absoluta, e o lamento inexistia, uma vez que nada se comparava ao sofrimento dos compatriotas na Segunda Guerra Mundial. Mesmo sendo os pais prósperos comerciantes, o fusca, na garagem da modesta casa na capital paulista, traçava o limite dos excessos. Só não pouparam com educação: Roma frequentou os melhores cursos e colégios. Aos oito anos de idade, dividia-se entre os estudos e uma das lojas da família, ajudando na organização do estoque. Na escola, observava os colegas de sala, combinando as tardes no clube, e jamais compreendeu a escolha dos pais em abrir mão de qualquer forma de lazer e interação social. Não os culpava ou os repreendia nem se lamentava, apenas acreditava ser maior a vida. Via e ouvia fatos, como a lendária revolução hippie de Canoa Quebrada, quando um grupo de jovens adultos decidiu pela liberdade do ser e do sentir, renunciando a empregos, horários, estudos e a outros compromissos.

Somente durante as férias escolares, Roma mudava a rotina. Passava-as no sítio dos avós paternos, no interior de São Paulo, nas proximidades da cidade de Marília. Os avós foram marcados de forma diferente pelo holocausto; eram extremamente gratos por terem escapado aos horrores nazistas e perceberam que o valor da vida estava na modéstia do existir. Uma vez aposentados, recolheram-se à vida do campo, onde deixavam Roma brincar e se divertir; riam, jogavam cartas, faziam doces caseiros, caminhadas na floresta e pescavam em um rio próximo. Acordavam com o canto do galo e jantavam ao pôr-do-sol.

Roma aprendeu a ser sozinho. Na escola, não tinha amizades, por falta de contato com o mundo consumista dos colegas. No recreio, sentava-se a sós em um banco no fundo do pátio escolar e alimentava pombos com migalhas de pão. Raramente aparecia nas festas de aniversário dos colegas e, após algum tempo, deixou de ser convidado.

No sítio dos avós, extravasava toda energia juvenil acumulada. Corria horas pelas florestas de eucalipto ou desbravava a mata nativa. Quando cansado, observava pássaros, o passatempo preferido. Certo dia, admirando um casal de bem-te-vis, viu um tufo de penas alçar voo, um dos pássaros fugir e outro, tombar. Em seguida, ouviu gritos animados de dois garotos, ambos portando estilingues. Eram cerca de dois anos mais velhos que Roma, usavam roupas de marca e cabelos engomados. A ira o dominou. Catou um pedaço de pau e partiu para cima dos garotos. Antes que eles pudessem reagir, estavam estirados no chão, as cabeças sangrando e os estilingues despedaçados.

Nos anos seguintes, repetiram-se diversos episódios

de confronto. Roma aprendeu tudo sobre caçadores clandestinos e passava as férias escolares destruindo armadilhas e agredindo crianças que portassem estilingues. Muitas vezes levou a pior, pois não escolhia adversários. Certa vez meteu-se com um bando de sete meninos e sofreu tamanha surra, que precisou ser atendido no posto de saúde de Marília. Assim que se sentiu recuperado, foi sozinho às casas de todos os meninos, para denunciar o ocorrido aos respectivos pais. Os filhos eram caçadores, matavam animais indefesos e haviam-no agredido. De tão convincente e verdadeiro, arrancou um pedido de desculpas dos sete meninos e os transformou em seus primeiros amigos. A gangue de caçadores mirins transformou-se em defensores da mata, e Roma, em uma pequena lenda. Quando completou dezoito anos, ninguém na região ousava caçar, e todos aprenderam a respeitar a natureza e a admirar a vida silvestre. Até que ambos os avós faleceram em um intervalo de poucos meses. Os pais de Roma desfizeram-se do sítio, e ele nunca mais retornou à região.

Ingressou no curso de Biologia, contrariando os pais, que desejavam um advogado na família, e, paralelamente, tirou o brevê de piloto. Nunca namorou sério, embora arrancasse suspiros ao cruzar os corredores da universidade: alto, loiro e forte, os olhos azuis piscina e a barba malfeita. Todos o admiravam, temiam e respeitavam-no de uma forma estranha, o tipo de pessoa que esbarrava no encrinqueiro da cidade e, ao invés de sopapos, recebia um pedido de desculpa. Carregava uma integridade tão profunda no olhar, que ninguém ousava questioná-lo. Formou-se como o primeiro da turma de Biologia, a melhor média de toda a faculdade, sem nunca estudar em casa, li-

mitando-se a prestar atenção às aulas. Em seguida, empregou-se como piloto em uma empresa de táxi-aéreo, a fim de se capitalizar para um doutorado na Europa.

ROMA PERMANECEU DEITADO por longos minutos, os olhos cerrados, incrédulo, perplexo, sentindo a terra vibrar nos passos dos bandidos para o avião, no decolar da aeronave; depois o silêncio e novamente a terra vibrando, agora na batida do coração. Percebeu cada membro do corpo, órgãos em atividade, sangue fluindo, saliva se compondo, ar invadindo-lhe as narinas, sobrancelhas se contraindo. O incômodo silêncio indicava isolamento. Fitou a intransitável Amazônia. Riu. Ironicamente, desejara esse momento algumas vezes, a solidão completa no coração da selva. Lembrou-se da famosa expressão, “cuidado com o que você pede”. Jamais seria encontrado naquela pista de pouso, pois deixara de ser usada por traficantes, e as investigações da polícia estavam encerradas. Precisava seguir adiante, dar o primeiro passo. Adentrar a selva significava dar adeus à segurança ilusória da abertura na floresta. Sabia que, uma vez na mata, não reencontraria o caminho de volta para a pista de pouso. Comparou-se a um naufrago deixando uma ilha a nado para cruzar o oceano repleto de tubarões, mas não enxergou alternativa. Grande parte das pessoas que morrem perdidas na floresta não falecem de fome, sede, frio, desidratação, de doenças ou atacados por animais selvagens; sucumbem por inércia, desistência ou por desespero.

Atônito, permaneceu sentado na grama até o anoite-

cer. Somente na púrpura do fim do dia, notou um acampamento abandonado pelos traficantes – quatro estacas de madeira, um teto de lona preta e uma rede de dormir amarrada com cordas grossas nas estacas. Encontrou ainda um pequeno estoque de suprimentos – dez latas de milho, seis isqueiros, água potável em dois garrafões de cinco litros, um rolo de barbante, meia garrafa de cachaça e um facão. Certificou-se de não haver aranhas, abelhas, marimbondos, escorpiões, formigas ou cobras no acampamento, descalçou as botas e acomodou-se na rede. Trajava roupas apropriadas à selva, pois, sendo piloto atuante na Amazônia, sempre considerou a hipótese de ser obrigado a fazer um pouso de emergência. Além das botas que cobriam até a metade das canelas, vestia calça de tecido resistente e jaqueta de couro. Calçou as botas novamente; na escuridão absoluta, quis estar pronto para a fuga no caso de uma emergência; a questão seria apenas uma: para onde fugir?

A brisa suave afastava os mosquitos. Deitado na rede, surpreendentemente calmo, pensou na vida. Àquela hora, sua mãe começaria a ficar aflita com a falta de notícias do filho. Ligaria para a empresa de táxi-aéreo e, após horas de falsas informações, diriam que o avião desaparecera no trajeto Brasília – Manaus. As buscas seriam iniciadas no dia seguinte, mas o controle aéreo acabaria por informar que o radar registrara o avião cruzando a fronteira com a Colômbia. Informariam à mãe que Roma, muito provavelmente, estaria morto. Ela não aceitaria. E passaria dias, semanas, meses esperando pelo filho, até que ele retornasse ou o tempo lhe apagasse a fé. Um forte calafrio percorreu a espinha de Roma. Conscientizou-se do quão

difícil seria a missão de atravessar a floresta até encontrar qualquer vestígio de civilização, uma casa de caboclos, garimpeiros, índios, grileiros, madeireiros ou um pequeno povoado. Traçou o plano de andar pela mata até alcançar um rio, para, então, seguir-lhe o fluxo. Quase todo rio pequeno desemboca em outro maior, e todo rio maior acaba por beirar alguma cidade. Ador-meceu.

Ao raiar do sol, um pequeno mico-macaco escalou a rede e sentou-se na barriga de Roma. O piloto acordou, assustou-se, gritou; o macaco o mordeu na mão esquerda, pulou para fora da rede e desapareceu na mata. Roma extravasou: “ahhhahhhahhhahhahha”. Veio-lhe a ameaça paranoica de ter contraído raiva, mas a formação de biólogo minimizou tal hipótese. Lavou o ferimento e aplicou um pouco da cachaça para desinfetar. Com o facão, abriu uma das latas de milho e fez a primeira refeição na selva. Bebeu pouca água, sem saber quando encontraria mais.

O que levar do acampamento? Facão, barbante e isqueiros pouco pesavam, mas não podia deixar para trás água, latas de alimento, rede, a lona preta e até mesmo a garrafa de cachaça, que acabou se justificando importante. Amarrou o facão na cintura, os isqueiros, dividiu-os entre os bolsos da calça e da jaqueta; dobrou a lona e a embrulhou, juntamente com as latas de alimento, a cachaça e um galão de água na rede, que transformou em bolsa para carregar às costas. O outro galão iria nas mãos, dividindo o peso.

Deliberou em qual direção partir. No pouso do avião, dera uma conferida nos instrumentos, memorizando o rumo aproximado de Manaus. Roma encontrava-se entre os rios Solimões e Negro, a 500 quilômetros de Manaus,

próximo à fronteira com a Colômbia. Surgiu a dúvida: por um lado, a saída mais próxima da mata localizava-se na direção sul, rumo ao Rio Solimões, onde havia um considerável fluxo de embarcações; por outro, seguindo ao norte, na direção do Rio Negro, aumentava a probabilidade de encontrar afluentes. Além do plano de seguir o fluxo de um rio, pesava a necessidade de obter água potável. E, mesmo sendo menor o trajeto para o Rio Solimões, a distância ainda superava os 150 quilômetros em linha reta.

Novo problema: uma vez escolhida a direção, como manter o rumo? Na mata densa, o céu é encoberto por folhagens, tornando impossível qualquer referência ao sol e às estrelas. Na realidade, pouco importava a direção, pois, no decorrer de algumas horas, provavelmente estaria caminhando no sentido oposto. Viu-se perdido na floresta, assustado, andando em círculos, sem sair do lugar. Atorreado, quis desistir. Precisou refletir sobre o problema de forma filosófica: na situação em que estava, era preferível morrer tentando a morrer esperando.

Avançou dez metros mata adentro, pretendendo avaliar a dificuldade de locomoção. Surpreendeu-se por ser mais fácil que o imaginado. Uma vez que as copas das árvores retinham grande parte da luz do sol, o que ele acreditou-se ser uma teia de plantas variadas era, na realidade, uma floresta espaçosa, onde facilmente se deslocaria. Surgiu um sopro de esperança.

Quando o relógio de pulso marcou o exato meio-dia, Roma, agora carregando toda aquela tralha, deu o primeiro passo da aventura forçada. Decidiu seguir na direção norte, trilhando o percurso maior, na expectativa de encontrar água. Outra tática seria escalar, toda manhã e fim de dia,

uma árvore, para ver a posição do nascer e do pôr-do-sol e manter o rumo.

LONGE DA SELVA brasileira, no Canadá gelado, Tiffany abdicava de conforto e de previsibilidade, em troca de alguns sorrisos e da certeza de tornar o mundo melhor. Nascida em 1984, na cidade de Toronto, filha caçula de quatro irmãos, veio ao planeta a passeio. Os pais trabalhavam meio expediente e tiveram todo o tempo do mundo para proporcionar aos quatro filhos uma infância repleta de amor, brincadeiras, dedicação, teatros, montanhas, cavalgadas, cursos de línguas estrangeiras, bichos de estimação e de outros mimos. Durante 20 anos, duas singelas palavras descreviam a existência de Tiffany: alegria e felicidade.

O universo trabalha, em parte, através dos extremos. Em 2004, Tiffany teve a paz ferida por uma reportagem sobre a exploração sexual de meninas adolescentes nos garimpos clandestinos da Amazônia brasileira. A canadense inocente, habitante do mundo perfeito, de repente se viu confrontada com os dois maiores pesadelos da mulher: escravidão e violência sexual. A matéria, publicada em uma revista semanal, descreveu com tantos detalhes as malverdades do homem na selva, que uma imensa culpa se abateu sobre Tiffany, confrontando felicidade extrema e abandono completo, amor e estupro, enfim, paz e inferno. O passeio no planeta terra terminara. Sentiu-se incapaz de continuar na perfeição do Canadá: precisava fazer algo não só pelas meninas injustiçadas, mas por ela mesma. Surgiu

a necessidade de retribuir ao mundo o imenso carinho que recebera durante infância e a adolescência.

Contatou, por email, o jornalista da reportagem arrebatadora, e ele a informou de uma senhora australiana de nome Madlen, na cidade de Novo Airão, Estado do Amazonas, que cuidava de meninas vitimadas pela violência sexual. Após alguns dias e muita insistência, Tiffany localizou um conhecido de Madlen, em Manaus, que prometeu consultar a senhora sobre a possibilidade de Tiffany ajudar no trabalho com as meninas. A resposta veio em cinco dias: “Sim, o quanto antes melhor!”. Após longas discussões com a família, que, até então, não levava a sério as intenções de Tiffany, a moça abandonou aquele mundo perfeito e desembarcou no Aeroporto Internacional de Manaus sob o calor úmido de 38 graus.

Conforme o combinado, Reginaldo, o amigo de Madlen, aguardava-a no aeroporto com um cartaz indicando o nome de Tiffany. Ele arranhava o inglês, e ela falava espanhol, de forma que se comunicaram com facilidade. Reginaldo era um homem na casa dos cinquenta, a pele escura, provavelmente de tanto expô-la ao sol, pois olhos verdes indicavam origem estrangeira, mesmo que distante. Os poucos cabelos grisalhos brincavam ao vento, enquanto ele dirigia um fusca branco, a janela aberta e o braço pendurado para fora. Tiffany observou Reginaldo com curiosidade. As marcas do tempo revelavam uma vida incompatível com a realidade canadense. O braço para fora do carro também seria impensável naquele país, e a espontaneidade da conversa pouco lembrava as formalidades de Toronto. Reginaldo fora instruído a dirigir com a moça por alguns bairros carentes da periferia de Manaus,

para que Tiffany percebesse um pouco da conflitante realidade brasileira, antes de se isolar em Novo Airão. Madlen acreditava ser necessário mostrar a razão de as meninas abandonarem os lares, vendidas ou por vontade própria. A pobreza extrema não justifica certos gestos, mas torna-os um pouco compreensíveis. Madlen queria evitar que Tiffany chegasse a Novo Airão julgando a todos e todo mundo, como outros voluntários o fizeram antes. A questão nunca foram os julgamentos em si, mas a incapacidade de aproximação entre um voluntário e o ajudado, quando não havia o mínimo de aceitação da realidade alheia, por mais oposta que fosse.

Após duas horas cruzando a periferia, Reginaldo deixou Tiffany em um hotel barato na área portuária de Manaus. Combinaram rever-se à noite para jantar fora. Somente no dia seguinte, ela seguiria de barco até Novo Airão. Tiffany tomou um banho rápido e deixou cair-se na cama ao som entorpecente do ventilador de teto. O quarto em nada fazia lembrar os hotéis de sua terra natal – um espelho trincado e manchado na parede frente à cama, logo em baixo, uma mesa de madeira envergada, algumas rachaduras no teto, infiltrações no rejunte da janela e um armário cuja porta não fechava. No banheiro, a cortina de plástico surrado separava o chuveiro do vaso sanitário.

Tiffany cerrou os olhos, e as imagens dos bairros pobres de Manaus bombardearam-na: crianças brincando em poças de água imundas, cachorros corroídos por bicheiras, homens dormindo nas calçadas, ruas sem asfalto e instalações elétricas sem isolamento adequado. Meninas trajando roupas provocantes, minissaias e camisas recor-

tadas, que, no Canadá, nem mesmo mulheres adultas vestiriam. Pessoas desnutridas contrastando com pessoas gordas, diferentes dos obesos canadenses – difícil de explicar. Viu bares de fundo de quintal, brigas de bêbado e meninos soltando pipa; viu porcos, cabras, vacas e cavalos cruzando as ruas, o homem sem pernas arrastando-se de skate, um cego que parecia enxergar pedindo esmola, carros caindo aos pedaços, churrasquinho de beira de estrada e tanto mais, que não conseguiu pegar no sono.

Compreensível, pois o Canadá é o mundo quase perfeito. Qualquer cidadão, mesmo que jamais tenha contribuído com impostos, tem direito a uma aposentadoria de fazer inveja aos melhores planos de previdência privada no Brasil, custeada pelo governo. As escolas e os hospitais, além de gratuitos, figuram entre os melhores do mundo. A taxa de criminalidade é mínima, mesmo comparada a outros países do dito Primeiro Mundo, como à Alemanha e aos Estados Unidos. Os serviços são impecáveis, desde o transporte público às associações de moradores. Há natureza para todos os gostos: oceanos, lagos, montanhas, neve, praias, geleiras, rios e campos vastos, exemplarmente preservados. Enfim, o Canadá figurava no topo da lista dos países com melhor qualidade de vida do planeta.

Quando, no início da noite, Reginaldo pediu que chamassem Tiffany, esperou durante quase meia hora, pois a moça havia caído em sono profundo, o primeiro após 40 horas de viagem. Finalmente, ainda tonta, surgiu na recepção do hotel, trajando calça jeans justa e camiseta branca. Só agora, Reginaldo notou a beleza de Tiffany. Longos cabelos negros e encaracolados, realçavam o rosto de traços finos, enquanto os olhos verdes, grandes e re-

dondos contrastavam com a pele branca e sedosa. Elegante e delgada, media quase um metro e oitenta, os seios pequenos, quadril justo, braços magros e pernas longas. Reginaldo, em hipótese alguma, teria se aproximado dela com intenções de namoro. Casado, pai de duas filhas, sabia respeitar beleza e sensualidade, e conhecia, ao contrário de muitos homens, o limite da idade que os separava. Mas era impossível ignorar a beleza de Tiffany.

Após o jantar, Reginaldo, seguindo as instruções de Madlen, familiarizou Tiffany com a realidade da prostituição. Tratou de levá-la ao maior prostíbulo legal de Manaus – legal, pois todas as moças eram maiores de idade e trabalhavam sem vínculo com a casa, o cliente pagava separadamente pelos serviços da moça e do prostíbulo. Todas trabalhavam por livre e espontânea vontade – ou por capricho do destino – como costumavam afirmar. Reginaldo e Tiffany sentaram-se em um sofá no fundo do salão escuro, de onde podiam observar a relação das moças com os clientes, sem chamar atenção.

As moças figuravam na faixa dos 18 aos 20 anos e, aos olhos de Tiffany, eram de grande beleza, principalmente de corpo. Usavam roupas padronizadas, vestidos curtos e arejados, que erguiam com frequência para enlouquecer os clientes. Muitas tinham traços indígenas, não que fossem índias, mas o parentesco, pelo menos distante, era inegável. Garçons circulavam por entre as prostitutas e os cerca de vinte clientes. Música e luzes coloridas faziam do local uma festa animada. Os clientes beijavam algumas moças, depois beijavam outras moças, então as moças beijavam outros clientes e, para criar excitação, as moças beijavam-se também. Em intervalos regulares, uma prostituta subia

no pequeno palco montado ao lado do bar, para fazer um strip-tease. Alguns dos clientes enfiavam as mãos por baixo dos vestidos, mas eram logo reprimidos pelas prostitutas. Acabavam se rendendo à excitação e desapareciam com uma ou mais moças por uma escada no fundo do salão, que levava aos quartos.

Tiffany sentiu certo receio por estar com um homem desconhecido em um prostíbulo de um país estranho, mas, por outro lado, ele fora indicado pelo jornalista norte-americano, e duas importantes entidades de direitos humanos confirmaram-no de confiança. Reginaldo, percebendo o ligeiro mal-estar, tratou de explicar-se à moça.

“Madlen me pediu pra te trazer aqui, pra você ver com os seus próprios olhos o que muita gente não quer entender: existem prostitutas que querem ser prostitutas. Como elas chegaram a esse ponto, é uma outra história. Algumas dessas moças foram iniciadas de forma violenta e forçada, mas hoje não largam essa vida por opção. Conseguem tirar, em poucas horas, o que uma atendente de supermercado ganha como salário mensal. Você tá me entendendo ou quer que eu fale mais devagar?”. Tiffany fez sinal que sim, que estava entendendo perfeitamente. Reginaldo prosseguiu: “Você vai encontrar muitas dessas moças pela frente, e nos garimpos a questão se torna ainda mais incompreensível, pois lá elas se prostituem pelo valor de um almoço. Meninas de 15 anos fazendo sexo por alguns trocados. Então você pensa que oferecer casa e comida a essas moças é uma imensa caridade, mas elas surpreendentemente dizem não. Satisfazendo dez homens em um único dia, conseguem dinheiro suficiente pra comprar uma saia nova, algo que nunca tiveram em casa. Veem a possi-

bilidade de abandonar a miséria onde nasceram. Não se contentam em dividir o quarto com outras cinco meninas na ONG de Madlen, lavar louça, ter três refeições básicas e recuperar o tempo de escola que perderam. Querem o pouco poder financeiro que a prostituição oferece.” Tiffany acreditava compreender as palavras de Reginaldo, mas ele sabia que esse entendimento desapareceria quando a canadense visse a situação penosa dessas prostitutas de perto. Continuou: “Madlen não ajuda esse tipo de meninas. Ela não consegue convencer alguém a deixar de fazer algo no que esse alguém acredita, mesmo que seja uma menina de 15 anos se prostituindo por um par de sapatos. O trabalho de Madlen é ajudar meninas que são forçadas, muitas vezes pelos próprios pais, a se prostituir. Meninas que não recebem o dinheiro do sexo, escravas privadas de infância e adolescência, espancadas e humilhadas diariamente. Quando ela descobre uma dessas meninas na selva, conta com o apoio de alguns policiais de Novo Airão para resgatá-la. Existe um acordo tácito: Madlen não combate a prostituição de menores de 18 anos em si, pois muitos policiais mal-pagos recebem um dinheiro extra fazendo a segurança das meninas. Em troca, a escravidão sexual é combatida com rigor, e Madlen e suas resgatadas recebem proteção policial.”

ROMA PERDERA POR COMPLETO a noção de orientação após três dias na mata. A ideia inicial, de subir em árvores para orientar-se na posição do sol, falhara na primeira tentativa, ao deparar-se com uma jararaca e ser

picado por formigas. O fim próximo do primeiro galão de água inquietava, não havendo vestígios de rios ou riachos. Suava muito no calor abafado da Amazônia. Na intenção de consumir menos água, caminhava somente de manhã cedo e à tarde, descansando nas horas próximas ao meio-dia. Pernoitava na rede, armada entre duas árvores, a no mínimo um metro do chão, resguardando-se de cobras, aranhas e insetos. Preocupava-se constantemente com a pouca quantidade de comida, sendo a provável futura falta de alimento o pensamento dominante, ideia fixa que dissimulava a questão principal, estar perdido na Floresta da Amazônia. Caso Roma compreendesse que vagava desorientado na maior floresta do mundo, encostar-se-ia em uma árvore para morrer de desistência. A constante preocupação com o alimento servia de escape à realidade, artifício complexo da mente humana. Encontraria água cedo ou tarde, mesmo porque chovia diariamente, temporais dos trópicos, e descobriria uma forma de coletar a chuva, mas repor o estoque de comida seria complicado. Pensou em construir uma armadilha, lembrava de diversas da época em que as destruía no sítio dos avós, mas faltava a ceva. Caso utilizasse o milho, formigas o devorariam antes de atrair um gambá, tatu ou paca. Concentrava as esperanças em encontrar frutas.

No fim da manhã do quarto dia, Roma, exaurido, encostou-se em uma sumaúma gigante, cerrou os olhos e adormeceu. Acordou com um estrondo pavoroso, urro selvagem e violento. Mesmo sem nunca ter ouvido semelhante bramido, soube tratar-se de uma onça. Receoso, abriu os olhos e avistou uma onça-negra, enorme, pesada, musculosa. Menos de 15 metros os separavam. Cruzaram

olhares por alguns segundos, e a fera desapareceu na mata. Roma manteve-se calmo. A onça o respeitara durante o sono, também não o atacaria no futuro, concluiu. Mas tão logo prosseguiu no cair da tarde, não sabia dar dez passos sem olhar para trás. Tinha a estranha sensação de que a onça-negra o seguia, e seguia mesmo. À noite, deitado na rede, esturros* nas proximidades. Além da provável falta de comida, surgia uma nova e constante preocupação: a onça-negra.

Naquela noite, Roma refletiu sobre a fé em Deus e sobre as pessoas, ditas religiosas, da cidade. Rezavam diariamente, frequentavam igrejas, sinagogas e outros templos, pediam ajuda nas tormentas. É fácil ter fé em Deus nas sociedades organizadas. O velho de coração defeituoso faz uma delicada cirurgia e, ao receber alta, credita a cura a Deus. A casa pega fogo, chamam-se os bombeiros, todos sobrevivem, e Deus recebe os agradecimentos. A família faminta recebe doação de alimentos, e novamente Deus é louvado na missa. Nas cidades, o homem pede a Deus, mas recorre ao homem. Riu com ironia, o primeiro riso há dias. Queria ver as pessoas rezando na Amazônia. Se Roma fosse picado por uma cobra venenosa, não havia fé capaz de salvá-lo. Caso a onça resolvesse atacá-lo, a melhor das rezas seria também a mais inútil. A sobrevivência dependia somente dele. Precisava estar atento aos perigos da mata, encontrar alimento, coletar água e, dentro do possível, manter o rumo em linha reta. Nada de específico para pedir a Deus, somente força, destreza e coragem. Concluiu que, nas sociedades organizadas, os pedidos a Deus eram diversos e variados, enquanto, na selva, resumiam-se basicamente ao reforço às qualidades do homem. Na ci-

dade, Deus transformara-se em uma espécie de amuleto da sorte. Na selva, Deus era o reencontro de Roma com a essência humana.

Quando a luz do amanhecer entranhou-se na floresta, Roma avistou a onça-negra. Ela o encarou por alguns segundos, olhos reluzentes e indecifráveis, para, em seguida, desaparecer nas folhas. Por que a onça-negra o seguia? Imaginou duas hipóteses: na primeira e menos temerosa, a fera estranhava a presença do piloto. Onças são animais territoriais, que demarcam fronteiras com urina e patrulham-nas constantemente. Na regra, compartilham o território com outros predadores, como sucuris, jacarés e felinos menores, não aturando, porém, a presença de iguais. A hipótese seria, portanto, que a onça-negra visse em Roma um possível concorrente. Por um lado, não se tratava, a princípio, de um rival da mesma espécie, por outro, a onça nunca antes avistara um predador daquele porte. Há duas características que definem o ser humano como predador: o olhar direcional e a posição ereta, vista como agressiva no reino animal. Seguindo este raciocínio, a onça seguia Roma para decifrar e talvez intimidar um concorrente compartilhando o território.

A segunda hipótese inquietava: a onça-negra estudava a melhor maneira para atacá-lo. Onças também se alimentam de predadores, e Roma era, devido às proporções, uma excelente refeição. Felinos são animais cautelosos, guiados pelo instinto de dar o bote certo. Há poucos registros de ataque de onças a humanos no Brasil. Quando ocorrem, excluindo os confrontos durante caçadas ilegais, seguem a premissa da rotina. Houve, por exemplo, o caso de um soldado, que todo dia percorria de bicicleta uma tri-

lha na floresta. Após algumas semanas, foi atacado e morto por uma onça-pintada. Pesquisadores concluíram que a onça observava o soldado fazia tempo, e, certo dia, faminta, acostumada à constante presença e conhecendo os movimentos do ciclista, executou o bote perfeito.

COM O PASSAR DAS SEMANAS, Roma perdeu 25% de peso corporal. As pequenas porções diárias de milho não compensavam a grande perda de calorias das longas caminhadas. Andava menos dia após dia. Se, no início, percorrera dez quilômetros entre o nascer e o pôr-do-sol, agora, não completava cinco. Pés sofriam com bolhas, mãos ardiavam com cortes e picadas de insetos, roupas causavam assaduras. Durante o dia, sentia-se mole e fraco, à noite, sofria de insônia. A onça o deixara, aos poucos, paranoico. Qualquer estalar na mata apavorava. Roma perdera a noção do tempo na floresta, dias, meses, semanas? A determinação tornara-se o ato robótico do seguir em frente. Água e alimento aproximavam-se do fim.

Certo anoitecer, Roma não encontrou forças para armar a rede, estirando-se no chão para dormir. A comida acabara dois dias antes. Bebeu o último gole de água e fitou o céu, notando algumas estrelas embaciadas através da folhagem. Foi a primeira vez, desde o início da caminhada, que viu estrelas. Não interpretou tal fato, o raciocínio fugiu-lhe na exaustão. Fraco e desesperançado, aceitou novamente o adeus à vida. Mas quando ia se desligar do mundo, surgiu, assim de repente, a compreensão da existência. Sempre questionara por que, mesmo as pes-

soas miseráveis, famintas e sem qualquer perspectiva desesperavam-se ao encarar a morte. A resposta surgiu como um arco-íris na pior das tempestades: a proximidade do fim revelava o imenso tesouro ocultado nas agonias diárias, máscaras da sina humana de infelicidade. Em questão de segundos, o mundo resumiu-se à beleza nua e verdadeira. Quando, semanas antes, estivera prestes a ser executado, não fora humildade que o impedira de implorar pela vida, mas orgulho. Agora, sozinho, travando uma feroz batalha com a morte em si, gigantesca, desmascarada, sem intermediários humanos, revelava-se a real natureza de Roma – um ser apaixonado pela vida.

Com um movimento brusco nas árvores, vento fresco e úmido, as estrelas desaparecem. Roma ouve a onça esturrando na mata, bem próximo de onde está deitado. Gotas pesadas de chuva despencam das alturas, trovoadas sacodem almas, relâmpagos intensos cortam a escuridão. Roma respira aliviado, a tempestade repõe-lhe, em parte, as energias esgotadas. Sente um bafo quente no rosto, e um relâmpago revela o imenso crânio da onça-negra, a poucos centímetros de seus olhos. No reflexo, puxa-se para trás, tenta escapar à fera. Cada novo relâmpago mostra a onça o seguindo, conforme ele se arrasta, de costas, no lodo causado pela chuva. Roma quer viver, sobreviver, apega-se à riqueza revelada. Exaurido, agarra o último sopro de força para erguer-se, dá alguns passos para trás, tropeça e desmorona. A visão embaça, os sentidos se perdem.

A PEQUENA TRINEIRA de madeira rumava para Novo Airão, navegando contra o fluxo do Rio Negro. Tiffany estava de carona com um comerciante da região. A mata, gradualmente, tornava-se intocada, sinalizando o fim do mundo civilizado, se é que, aos olhos de Tiffany, Manaus podia ser considerada parte da civilização. Pássaros cruzavam o rio, araras, tucanos e garças. A água negra refletia céu e floresta na perfeição dos espelhos. O ruído do motor, toque-toque, despertava sono e uma sensação de aconchego. Tiffany sentia-se parte da natureza, experimentava um estado inédito de bem-estar, quase eufórico, não fosse pela calma, confuso, difícil de explicar. A grandeza da Amazônia causava a primeira impressão.

O barco atracou no cais de Novo Airão, e o pôr-do-sol pintou o Rio Negro de vermelho. Papagaios e periquitos buscavam pouso, insetos berravam à chegada da noite, e uma brisa fresca arrepiou-lhe a pele. Madlen, senhora de média estatura, cabelos brancos, marcada por uma vida de serviços humanitários, aguardava Tiffany no cais. Aparentava ter 70 anos, mas deveria ter no máximo 55, o tipo de pessoa que, embora fisicamente envelhecida, sabia-se ter menos idade, devido ao olhar ainda jovem. “Bem-vinda à Amazônia.”, Madlen a cumprimentou de voz meiga, falando um português livre de sotaque. “Obrigada.”, Tiffany respondeu, enquanto saía da embarcação. Madlen sorriu: “Vejo que você fala um pouco de português, isso vai facilitar muito as coisas.”. “Só un poquinho, mas hablo espanhol, creo que una vez en Brasil voy a aprender rápido o português.”, Tiffany argumentou, misturando o espanhol perfeito ao português memorizado nas últimas semanas, a partir de livros de auto-aprendizado.

Caminharam à casa de Madlen na companhia de um jovem rapaz que carregava a bagagem de Tiffany. Seguiram por uma trilha de terra batida, iluminando o trajeto com uma enfraquecida lanterna a pilha. Tiffany surpreendeu-se duplamente com Novo Airão: por um lado, imaginara uma cidade menor, por outro, menos primitiva. Novo Airão contava em torno de nove mil habitantes e pouca presença do Estado, somando esgoto a céu aberto a moradias precárias e iluminação pública insuficiente. Alguns minutos e alcançaram à casa de Madlen, construção de madeira sobre palafitas. Uma escada, também de madeira, com pouco mais de dez degraus, conduziu à porta de entrada. No topo do telhado, uma lâmpada elétrica, sem abajur e rodeada por mosquitos, iluminava a escada de acesso. A casa fora pintada à mão pouco qualificada e buscava firmar-se entre tons de cinza e verde. No interior da moradia, Tiffany encontrou uma sala relativamente grande, onde cinco meninas, entre os 12 e 16 anos, assistiam à televisão, divididas entre o sofá de couro desgastado e a esteira de palha no chão. Uma mesa comprida, posta para o jantar, contava 8 cadeiras para 15 pratos.

Madlen apresentou Tiffany às moças, que, curiosas, analisaram-na por alguns segundos, mas logo retornaram à trama da telenovela. As duas seguiram por um corredor estreito até um aposento no fundo da casa, onde, para alívio de Tiffany, ela dormiria sozinha. Madlen seria vizinha de quarto; o banheiro e a cozinha ficavam do lado oposto. No final do corredor, uma porta conduzia a um jardim murado com dois casebres de madeira, onde dormiam as meninas da ONG. No primeiro, Tiffany encontrou sete camas, alguns armários, estantes, uma mesa com quatro

cadeiras, luz precária, trabalhos artesanais e duas jovens conversando. Elas cumprimentaram-na com entusiasmo, mostrando-se receptivas e desinibidas. No outro casebre, onde cinco meninas brincavam, Tiffany assombrou-se: uma criança de 12 anos, grávida, penteava uma boneca, opondo violência à pureza infantil. Madlen tratou de tranquilizá-la: “Não se assuste, eu trabalho em parceria com uma organização em Manaus que só cuida de crianças grávidas. Um pouco antes de o bebê nascer, a menina vai nos deixar. Ela vai receber todo apoio para poder continuar a ser criança, e ao mesmo tempo, aos poucos, aprender a ser mãe. É um projeto fantástico, que tem mostrado ótimos resultados. Essa triste história vai ter um final feliz.”

Após a janta e o banho morno, Tiffany deitou-se com saudade dos pais, do edredom e do cheiro do Canadá. Um angustiante puxão no estômago fez-lhe entender a guinada na vida. Tudo seria possível naquela região remota do planeta; selva, violência e uma estranha ausência do Estado traziam incertezas. Onde, no Canadá, encontraria uma menina de 12 anos, grávida e brincando de boneca? A referida visão assombrou-a por alguns dias.

SEDE, FOME, MOSQUITOS e o sol despertaram Roma. Os olhos contraíram-se no desconforto do luzir repentino, enquanto a roupa encharcada arranhava a pele. Cada milímetro do corpo doía, pernas, braços, tronco, cabeça e órgãos internos, pulmão empoeirado, estômago vazio, rins ressecados e o coração, ainda apavorado com a onça-negra. Ergueu-se com esforço e encontrou-se na

beira de um rio estreito. Uma margem de cinco metros, formada por terra e areia, separava a floresta da água. Pela primeira vez, desde o dia em que adentrou a selva, Roma pode conchegar-se no abraço confortante do sol. Revigoreu-se parcialmente na água cristalina do rio, continuava faminto. Foi quando avistou inúmeras palmeiras de açaí. A forte tempestade da noite passada derrubara frutos aos montes, e Roma fez a primeira refeição satisfatória após semanas de racionamento. O açaí figura entre os alimentos de maior valor nutritivo do planeta. Por enquanto, Roma estava a salvo. As palmeiras carregavam frutos o suficiente para alimentá-lo por semanas, talvez meses. O espírito forte do piloto tornou a reinar absoluto, e um novo plano de sobrevivência foi traçado. Alimentar-se-ia até recuperar o peso perdido, para então, abastecido de açaí, seguir caminho beirando o fluxo do rio.

Contrariando o impulso do corpo, Roma alimentou-se com moderação, temendo sobrecarregar um organismo desacostumado com fartura. Aumentaria as porções gradualmente ao longo dos próximos cinco dias, além de repousar, para curar a fadiga muscular das últimas semanas. Só então, recuperado, faria exercícios físicos diários, preparando o corpo para a próxima etapa da caminhada. Roma deixou de temer a floresta. Considerava-se a salvo, como um beduíno perdido no deserto, ao encontrar um oásis repleto de tamareiras, sombra e água fresca.

Relembrando os acontecimentos da noite anterior, o piloto mal pode acreditar ter sido poupado pela onça. Na beira do rio, onde despertara poucas horas antes, dezenas de batidas* provaram que a perseguição não fora delírio. Por um curto instante, Roma cogitou que a onça-negra

agira com o propósito de empurrá-lo para a fartura de alimento e água. Repudiou tal pensamento; com exceção de golfinhos, gorilas e talvez lobos, animais selvagens não auxiliavam humanos em apuros.

Na mata próxima, recuperou os pertences – rede, lona, facão, garrafão de água vazio e o rolo de barbante. Os isqueiros no bolso da jaqueta ainda funcionavam. Esticou o barbante entre duas palmeiras e pôs toda roupa para secar. Com a lona preta improvisou um teto, também entre as palmeiras; seria a sua casa nos próximos dias.

NÃO MUITO LONGE do pouso de Roma, 20 quilômetros rio abaixo, quatro garimpeiros comemoravam o ouro encontrado. Em duas semanas, retiraram quase 400 gramas do precioso metal da água. Diferente dos garimpos clássicos, onde centenas de pessoas dilaceram a terra em busca de ouro, somente o quarteto revolve o fundo do rio, auxiliado por uma bomba de sucção, peneiras e mercúrio. Os homens pernoitavam em um acampamento precário, montado com lonas, redes e estacas. Alcançaram o local a barco, seguindo um afluente do Rio Negro. Mantinham consigo duas prostitutas escravas, ambas com quinze anos de idade. Além de prestar serviços sexuais, as meninas cozinhavam e lavavam roupa, sem direito a remuneração. Eram propriedade de um policial corrupto, que explorava a prostituição em diversos garimpos.

Monique e Janaína, as duas meninas, nasceram na pequena ilha fluvial de Parintins, no leito do Rio Amazonas, a pouco mais de 300 quilômetros de Manaus. A ilha tor-

nou-se mundialmente conhecida devido à festa popular, em que dois bois alegóricos, o Caprichoso e o Garantido, disputam, através de danças e encenações, envolvendo centenas de pessoas, o título do festival. O evento posicionou a pequena ilha no mapa do turismo internacional, trazendo, além do desenvolvimento econômico, criminalidade e prostituição.

Janaína não conheceu o pai e perdeu a mãe aos sete anos de idade. Os pais de Monique acolheram a menina órfã, mas o pai, alcoólatra e muito primitivo, passou a molestá-la sexualmente, poucos meses após recebê-la em casa. Janaína livrou-se dos abusos cinco anos mais tarde, quando o pai de Monique foi assassinado em uma briga de bar. O que deveria ser alívio acabou levando ambas as meninas à prostituição. Endividada, sem emprego e desprovida de valores éticos, a mãe de Monique alugou-as a um agenciador que vendia serviços sexuais de menores a turistas inescrupulosos. Depois de alguns meses, a mãe morreu de câncer, e o agenciador passou a escravizá-las. Como os turistas sexuais eram criminosos muito exigentes, querendo moças quase intocadas, Janaína e Monique acabaram perdendo o valor de mercado, sendo vendidas a outro agenciador, policial civil, que explorava a prostituição junto a garimpeiros. Assim chegaram aos homens na floresta.

Os quatro garimpeiros pertenciam à pior espécie viva do planeta. Crianças sem infância, adolescentes sem estudo, aprenderam, desde sempre, a sofrer e a suportar todo tipo de violência. Eram fugitivos da polícia, dois por assassinato, um por roubo e outro por estupro. Desconheciam valores e sentimentos primários, como amizade, compaixão e consideração. Matar outro ser humano seria

o mesmo que descascar uma batata; estuprar diariamente Monique e Janaína não lhes causava remorsos. O único mundo que conheciam era o da violência e do sonho insaciável da riqueza dourada. Respeitavam-se, não por consideração, mas por recearem permanecer sozinhos na floresta. Temiam a onça, jacarés, cobras e principalmente os índios, pois garimpavam ilegalmente em terras indígenas. Mesmo assim, brigas e desavenças eram frequentes, e por pouco ainda não tinham se matado, principalmente à noite, embriagados de cachaça.

A rotina deplorável das meninas ultrapassava a perversidade. Ainda de madrugada, preparavam o café com mantimentos trazidos da cidade. Em seguida, um dos homens, quando não todos, requisitava serviços carnais, um pequeno alívio para relaxar antes do jogo de paciência – peneirar o rio em busca de ouro. No restante do dia, Monique e Janaína cozinhavam diversas refeições, sempre disponíveis aos desejos sexuais dos exploradores, e, não raras vezes, os quatro garimpeiros estupravam, ao mesmo tempo, uma só garota. Mas as piores horas vinham com o pôr-do-sol, quando os homens, embriagados, combinavam sexo com sessões de espancamento. A preocupação com gravidez e doenças sexualmente transmissíveis inexistia. Escravas sexuais sempre engravidam, e, quando a barriga cresce, são substituídas por outras. O agenciador então realiza abortos forçados, para, após algumas semanas, oferecê-las a novos clientes. Quando infectadas com doenças sexuais visíveis, como a herpes, são descartadas.

As conversas entre Monique e Janaína limitavam-se ao essencial. Janaína era, aparentemente, a mais traumatizada das duas, desconhecia sonhos e repelia sentimentos. Não

sabia odiar os garimpeiros, apenas os temia. Fazia anos que não esboçara um único sorriso. Sempre cabisbaixa, mal se alimentava e pouco observava o mundo. Tarde da noite, quando todos dormiam, fixava o olhar no reflexo da lua no rio, incapaz de orar por uma vida melhor. Existem pessoas que abandonam Deus, outras, parecem ter sido abandonadas por Deus; Janaína era os dois.

Monique, por sua vez, ansiava uma vida melhor. Sonhava com a liberdade, roupas, maquiagem, danceterias e namorados. Carregava uma estranha raiva de Janaína, pois, na memória deturpada da infância, figurava a imagem de um pai acariciando Janaína, enquanto ela nem sequer recebia um beijo de boa-noite. A raiva se transformara, ao longo dos anos, em vaidade, ciúmes e revolta generalizada. O que a incomodava nos abusos não era o sexo em si, porém o desrespeito. Alimentava o sonho de uma vida onde seria admirada e desejada. Não se esquecia de uma famosa prostituta que viera de Manaus, para atender clientes distintos durante uma edição do festival de Parintins. Madame Brasil, elegante, com pose de importância, cobrando caro por seus serviços, recebendo reverências e olhares de todos os homens.

“THEY’RE GONNA KILL YOU – eles vão te matar”, Madlen repetia ao teimoso estrangeiro. Alguns meses após publicar a matéria sobre prostituição que tanto tocara Tiffany, Steve, repórter norte-americano, retornara a Novo Airão. Planejava enfiar-se pela mata e fotografar as escravas sexuais nos garimpos clandestinos. Era tarde da

noite, e as meninas da ONG dormiam. Frente à mesa da sala, Madlen e Tiffany persuadiam o jovem repórter a mudar de ideia.

A matéria de Steve provocara grande rancor, pois o Presidente do Brasil, preocupado com a imagem do país no exterior, ordenara à Polícia Federal que mostrasse repressão enérgica à exploração de prostitutas menores de idade na Amazônia. Precisando de resultados imediatos, os agentes federais não se atrasaram na floresta, somente fiscalizaram alguns bordéis de cidades ribeirinhas, onde diversas prostitutas, muitas menores de 18 anos, trabalhavam por livre vontade. Os estabelecimentos foram fechados, proprietários, funcionários e clientes autuados em flagrante. O código penal brasileiro era claro: pessoas menores de dezoito anos não podiam, em hipótese alguma, praticar serviços sexuais. A lei, porém, contrariava os hábitos de muitas regiões da Amazônia, onde uma menina de 16 anos já era considerada mulher. Com o fim da ação policial, a prostituição retornou, trazendo alguns cuidados por parte dos envolvidos, que antes agiam sem disfarçar a atividade.

A Floresta da Amazônia fora terra de ninguém desde o início do período colonial. Durante a ditadura militar, na segunda metade do século XX, tentou-se, algumas vezes e sem sucesso, conectar a região ao restante do país. Somente a partir de 1982, com a lenta abertura do mercado no período posditadura, a Constituição Brasileira começou a se firmar na Amazônia, desagradando aos poderosos da região, acostumados a resolver as desavenças com pistoleiros de aluguel. Mesmo no início do século XXI, muitas cidades na floresta continuavam a ignorar as

leis da federação, vivendo conforme tradições e costumes regionais. Quando os proprietários de prostíbulos souberam da presença do jornalista Steve em Novo Airão, planejaram executá-lo imediatamente. Uma ordem contrária, de um influente político do Amazonas, temendo a repercussão negativa na imprensa, manteve os pistoleiros longe. Enquanto Steve estivesse na cidade, nada lhe poderia acontecer. Mas seria morto imediatamente, caso se embrenhasse no mato e fosse descoberto pelos garimpeiros. A notícia sobre a presença de um fotógrafo alto e loiro, querendo expor os hábitos dos catadores de ouro, rodara a selva em poucos dias.

Madlen recolheu-se ao sono, convencida de que o jornalista mudara de ideia. Tiffany e Steve seguiram conversando por motivos bem distintos: ela, desejando saber detalhes da perigosa profissão do norte-americano, ele, encantado com a beleza estonteante da moça. No luzir embaçado da única lâmpada acesa, os olhos verdes de Tiffany ocultavam-se na sombra dos cabelos negros, como um animal selvagem em uma caverna. Steve a envolvia com histórias adornadas, enquanto servia doses generosas do vinho que trouxera de Manaus. Querendo seduzir a moça, fabulou encontros quase mortais com a onça, exagerou um episódio no qual se perdera na floresta por algumas horas, expressou a satisfação de combater a escravidão sexual mesmo arriscando a própria vida, enfim, desenhou-se de Tarzan justiceiro, impressionando Tiffany profundamente. A expressão, antes acuada, da moça, aos poucos, transformou-se em um sorriso puro, comovido, quase rendido, um luzir rompendo a escuridão, o animal deixando a caverna para banhar-se ao sol do heroísmo de

Steve. Ele segurou-a pela mão, ela não recuou. Acreditando tê-la conquistada, inclinou-se para beijá-la. Ela retrocedeu. Ele insistiu, fazendo juras de amor e elogios descabidos, exagerados, desesperados, tentando iludir a moça, como um caçador cevando a presa. Foi quando a máscara caiu, revelando a verdadeira natureza do jornalista à moça; tratava-se de um sujeito obstinado, capaz de tudo para alcançar metas. Pouco se importava com as meninas exploradas nos garimpos, buscava somente a grande reportagem. Um homem verdadeiramente indignado com a violência sexual jamais se insinuaria com tamanho desrespeito, mentindo descaradamente e a embriagando, para a levar à cama. “Eu vou dormir.”, Tiffany disse com repulsa e quis se recolher ao quarto. Steve conteve-a pelo braço, forçando-a contra o seu corpo. “Você está me machucando!”, ela suspirou. “Eu sei que você me quer!”, ele retrucou, tentando forçar um beijo. Ouviram uma porta rangendo e passos. Ele a soltou. Tiffany apressou-se, cruzando no corredor com Madlen, que se encaminhava à cozinha para beber água.

DA PRIMEIRA NOITE bem alimentado, após semanas na floresta, fez-se a pior de todas. Nuvens de mosquitos, hospedados no rio próximo, devoravam Roma. Os frutos do açaí, em decomposição no solo, atraíram diversos insetos e pequenos roedores. Formou-se uma intensa cadeia alimentar: frutas e insetos, sapos e roedores, morcegos e cobras. Rasantes de morcegos e o sibilar das cobras impediram Roma de abandonar o pouso na rede, para

afastar-se do açáí, origem de toda confusão. Foi uma longa noite. Com a chegada da aurora, o ataque dos mosquitos intensificou-se, transformando tortura em insanidade. Quando o amanhecer, finalmente, revelou o chão sob a rede, Roma fugiu do pequeno acampamento, desviando de duas cobras, uma, venenosa, a outra, inofensiva. Refugiou-se no interior da mata, a 50 metros da margem do rio, onde a incidência de mosquitos se tornou suportável.

Horas depois, Roma mudou a rede para dentro da selva, longe do açáí. Em seguida, retornou ao rio e refrescou a pele picada de mosquitos. As frutas no chão já não serviam para o consumo, e o piloto escalou uma das palmeiras para cortar um cacho de açáí. Consumiu alguns poucos frutos e depositou o remanescente em um dos galões de água. No restante do dia, descansou. Próximo ao anoitecer, alimentou-se novamente, bebeu água fresca, e, quando a escuridão arrastou-se sobre a selva, recolheu-se à rede, tendo finalmente um sono ininterrupto e profundo. Despertou, ao amanhecer, sentindo-se em casa, como se aquele trecho da floresta fosse o seu lar. Estabeleceu uma rotina diária, exercícios, alimentação, caminhadas, banhos no rio, e os dias foram passando, como para qualquer outro ser humano. Recuperou a excelente forma física em uma semana, presumindo-se apto a seguir em frente, mas decidiu permanecer por outros dias, apegara-se à rotina calma e agradável. No início, ao vagar perdido na selva, incerto da sobrevivência, o nível de estresse superava o desgaste da metrópole, onde tudo gira em torno de metas e conquistas, mas agora, tendo acesso à comida, água e um pouso seguro na mata, uma agradável sensação de paz e bem-estar fazia-o querer ficar.

A paz, aos poucos, tornou-se ausência, carência de amigos e familiares. Perdeu a conta das semanas na beira do rio. O coração embrulhou-lhe as tripas, as horas se prolongaram, solidão que devastava. Roma atravessava os dias deitado na rede, o olhar perdido na folhagem, culpando-se de supostos erros do passado e lamentando o pouco convívio com os pais. Teve acessos próximos à loucura, chorando desenfreadamente, querendo abraçá-los para dizer o quanto os amava. Visões, sombrias e fantasiosas, revelavam um retorno a casa em São Paulo, onde encontraria pai e mãe mortos. Quis sair correndo, deixar tudo para trás, largar a floresta. Recuou a tempo, percebendo a natureza dos impulsos. Enfrentava o maior desafio do homem – o espelho.

A solidão aflige, pois obriga mesmo o mais cego dos homens a se enxergar. Sem possíveis distrações, o pensamento de Roma praticava uma análise crítica, questionando ideologias e certezas. Medos revelavam culpas, episódios há muito esquecidos. A mente tentava justificar o impossível, e instalou-se um ciclo vicioso, onde cada explicação detonava uma nova paranoia. O silêncio berrava.

As angústias cederam após dias intermináveis, e Roma decidiu seguir em frente. Abasteceu-se de frutas e partiu, acompanhando o fluxo do rio.

O REPÓRTER STEVE retornou aos Estados Unidos. Os garimpeiros não o sabiam. Odiavam um estrangeiro solto na floresta, tentando fotografá-los com as meninas escravas.

APENAS DOIS DIAS de caminhada, e Roma ouve o ruído distante de atividade humana. É um barco? Possivelmente. Segue adiante, sempre beirando o rio, e o ruído aumenta progressivamente. Sorri. A repentina certeza do êxito faz nascer uma sensação de leveza, sentimento complexo e eufórico, misto de felicidade, vitória, exaustão e desabafo. À frente, o rio curva-se para a direita, e um fio de fumaça, buscando a imensidão do céu, indica presença humana. Após a curva, Roma avista dois garimpeiros agachados na beira do rio. Larga as tralhas e acelera o passo. O coração dispara, pensamentos fogem, é o fim do pesadelo. Os garimpeiros se erguem e ambos puxam um facão da cintura. Percebe-se ódio no olhar. Roma estatela. A surpresa. Surgem dúvidas. Seriam marginais? Uma pancada na cabeça. “Repórter safado, te peguei”. Escuridão.

DANNIELA VIA O MUNDO CINZA. Cumpria as obrigações diárias, arrumar a casa, preparar almoço e janta, mas de modo automatizado, sem dedicação às tarefas. Às vezes, sucumbia ao choro, mas logo se recompunha e seguia adiante. Na loja, dias de boas vendas ou sem venda alguma traziam as mesmas emoções, emoção nenhuma. O anúncio da morte de Roma, sem ter o corpo para chorar, devastara a vida de Danniela, mãe do piloto.

Quando o avião de Roma desaparecera após cruzar a fronteira com a Colômbia, Danniela acreditara nas autoridades brasileiras, que deram como certa a morte do filho. Familiarizada com tragédias, devido às perdas de parentes e amigos no holocausto, não alimentava esperanças de

reencontrar o filho com vida. Carecia porém, mais que qualquer outra mãe em situação semelhante, da comprovação. Danniela perdera pais, irmãos, tios e primos nos campos de concentração, mas nenhuma dessas mortes fora fisicamente comprovada, os parentes simplesmente desapareceram. Havia uma história aqui, outra ali, listas e depoimentos, mas nada de concreto, como fotos ou ossadas identificadas. É difícil aceitar a morte por probabilidade, estatística, eliminação ou testemunhos genéricos. Qualquer um dos parentes teoricamente poderia estar vivo, tendo talvez uma loja, assim como Danniela, em algum país do Oriente. Agora, o filho entrava nessa contagem perversa: por um lado, estava morto, por outro, inexistia o morto.

David, pai de Roma, mantinha as esperanças, pois conhecia de perto a incompetência burocrática de diversos setores do poder público. Certa vez, demorara cinco meses para tirar uma certidão exigida por um fiscal. Após obter a certidão, descobrira que a mesma era necessária somente para estabelecimentos de rua, enquanto a referida loja se encontrava em um shopping center. Situações como essa e muitas outras, levaram-no a uma descrença completa no sistema público brasileiro, convencendo-o que a morte anunciada do filho fora baseada em conclusões precipitadas e falta de empenho. Sabia-se que o avião deveria seguir para Manaus, acabara cruzando a fronteira com a Colômbia e que os passageiros eram procurados pela polícia por uma série de crimes. Dali adiante, iniciava-se a cadeia de suposições: sequestraram o avião, mataram o filho, jogaram o corpo na floresta. Não existiam alternativas?

E foi assim que ambos perderam o sabor no dia, no

mundo, no tempo. David, na inquietante expectativa por uma notícia milagrosa de vida, Danniela, esperando a confirmação da morte. Ela nunca teve o direito de enterrar um único parente. Agora, tudo o que desejava era poder levar flores ao túmulo do filho.

O PRESIDENTE DO BRASIL, Manfredo Magno, analisava o nome de seu partido, enquanto aguardava a próxima reunião em seu gabinete. Partido do Crescimento parecia-lhe ultrapassado. Teve então uma idéia para adaptar o nome aos novos tempos: Partido do Crescimento Sustentável. Foi quando o Ministro da Justiça, Canário Machado, adentrou sem ser anunciado.

“Presidente, acabamos de receber a informação que prenderam um dos marginais que sequestraram o avião com o piloto Roma.”

“O avião que foi pra Colômbia e o piloto desapareceu?”

“Esse mesmo, e tem um pequeno porém. O marginal afirmou que não mataram o piloto.”

“Que notícia ótima, então o sujeito tá vivo?”

“A questão é complicada. Sabe a pista de pouso que desativamos na selva, durante a operação Fumaça Branca? O marginal disse que deixaram ele lá com vida.”

“Meu Deus, mas a essa altura o piloto já morreu.”

“Sim, é quase certo que sim. Fiz um levantamento minucioso e constatei não haver nenhuma fonte de água perto do local. O que fazemos? Envio um helicóptero pra ter certeza?”

“Não, isso vai repercutir negativamente. Essa história não pode vazar de maneira alguma. Vai respingar na imagem do meu governo. A imprensa vai nos trucidar, por não termos feito buscas na época do desaparecimento.”

“Mas como a gente ia adivinhar? O avião foi pra Colômbia!”

“Não importa, a opinião pública não perdoa. Meu Deus, que problemão. Imagina se não encontramos um corpo no local, teremos que organizar uma varredura na floresta. Isso custa uma fortuna. Não temos verba pra esse tipo de operação. Quantas pessoas sabem?”

“Por enquanto, somente um delegado e nós dois, além do marginal, é claro. Os outros dois marginais morreram na operação que resultou na prisão deste marginal.”

“Entendo. E o delegado, vai manter sigilo?”

“Sim, ele é dos nossos.”

“Faça o necessário pra calar o marginal.”

ROMA RETORNOU à consciência de forma tão estranha, que levou minutos para entender quem era e onde estava. Encontrou-se sentado no chão, encostado em um tronco de madeira, as mãos atadas para trás. Havia anoitecido. A meio metro de distância, Janaína o encarava de quatro, enquanto um dos garimpeiros a possuía por trás. O garimpeiro berrava palavras de baixo calão, intercaladas por risos cafajestes, e, de tão compenetrado, não percebeu que Roma recuperara a consciência. Janaína, por sua vez, buscava um sopro de dignidade nos olhos do piloto. Sem choro, desprovida de expressões faciais, ela raramente pis-

cava, e quando o fazia, eram piscadas morosas, arrastadas, como barreiras para uma alma trucidada tentando escapar ao corpo. A dor que o olhar de Janaína causou em Roma excedeu qualquer outra até então vivenciada. Quis fugir do olhar, conteve-se, percebendo ser ele, Roma, um elo de humanidade.

“O pilantra acordou”, berrou outro garimpeiro, que esperava a vez com Janaína. Ela levou um “saí pra lá vagabunda” e juntou-se a Monique no lado oposto do acampamento. Os garimpeiros cercaram Roma. “Quero ver você fotografar a gente agora, seu animal!”. Seguiram-se diversas outras provocações, superando o prazer na tortura psicológica o ódio pelo jornalista. Roma soube inexistir a possibilidade da argumentação. Fosse qual fosse o mal-entendido, aqueles homens de natureza primitiva não cessariam as agressões. Cuspiram-lhe na cara e atacaram-no com tapas e chutes. O piloto manteve-se inalterado, calmo, evitando ao máximo manifestar dor e sofrimento, para não incentivar a tortura. A selva havia lhe provido de força mental, transformando o espírito nobre em uma força incorruptível.

Pela primeira vez, desde a adolescência, Roma enfrentava pessoas sobre as quais não exercia qualquer tipo de fascínio, respeito ou intimidação. Nem mesmo os sequestradores do avião foram capazes de executá-lo. O homem só reconhece no outro aquilo que tem em si. Os garimpeiros ignoravam as virtudes do piloto, pois eram desprovidos de traços sublimes, como a compaixão, amizade, clemência, misericórdia, amor, integridade, honra, consideração, justiça e tantos outros. Habitavam uma redoma limitada à necessidade da sobrevivência imediata,

como as serpentes e o escorpião. Conheciam, porém, ao contrário dos animais citados, a perversidade.

Um dos garimpeiros sacou o facão, “Eu vou cortar a orelha desse gringo!”, e os demais aprovaram a ideia com entusiasmo. Monique observava a cena, emocionalmente dividida, aflita com o destino do suposto jornalista, aliviada que os homens a deixavam em paz. Janaína fitava a mata, o olhar vazio, sem entender as atrocidades cometidas, e nem mesmo percebeu uma onça cruzando o seu campo de visão. O garimpeiro encostou a ponta da faca no peitoral de Roma, “Vou te sangrar como um porco!”, e lentamente, gozando do momento, abriu-lhe um corte raso de quase um palmo de extensão. O piloto manteve-se inalterado, não por covardia, tampouco por excesso de coragem; simplesmente não se importava. Recusava-se a enfrentar a escória da humanidade, a humilhar-se para conseguir clemência. Após lutar bravamente contra as forças da natureza e superar o limite da exaustão física e mental, rejeitava a ideia de afrontar seres tão primitivos. Entregou a vida nas mãos do destino. Pensou consigo mesmo: “se esses homens conseguirem me matar, é porque o meu lugar não é cá no mundo!”.

O garimpeiro irritou-se com o descaso de Roma. “Ah, tu é machão, né? Acha que não sente dor... vamo ver se vai doer quando eu arrancar a sua orelha, seu gringo fedido.”. Reclinou a cabeça de Roma puxando-o pelos cabelos, mas, antes de proferir o golpe, uma onça-preta adentrou o acampamento esturrando. Os garimpeiros embolaram-se no reflexo da fuga e foram ao chão, e a onça retornou ao anonimato da selva. Fez-se o silêncio entre os homens, enquanto a floresta vivia como poucas vezes

antes. Passada a paralisação do susto, os garimpeiros correram em busca de suas armas e abriram fogo no rumo da onça, perfurando algumas árvores e nada mais. Passaram o resto da noite montando guarda, soldados sitiados pelo inimigo. Roma soube, no íntimo, tratar-se da mesma onça-negra. Percebeu a grandeza da Amazônia e a complexidade da vida, acreditando que cada passo de sua aventura fazia parte de um propósito maior.

No amanhecer seguinte, os garimpeiros retornaram à busca dourada, deixando Roma em paz. Entrincheirados contra a onça por toda madrugada, tiveram uma ideia, que julgavam ser genial: pedir resgate pelo jornalista. O policial que explorava Monique e Janaína passaria no acampamento naquele dia, para recolher os tributos sobre as meninas. Colocá-lo-iam responsável pela cobrança do resgate. O ódio cedeu lugar à ganância.

Roma ardia em febre, o corte no peitoral inflamara durante a madrugada. Enquanto o olhar febril vagava perdido na mata, deparou-se com um senhor grisalho, que em segundos desapareceu. Ouvia passos na floresta e notou folhas mexendo. Incrédulo, piscou os olhos diversas vezes e concluiu estar sofrendo de alucinações. Janaína aproximou-se e aliviou a ferida com um pano úmido. Monique reprimiu-a, “Se os homem te pega vai dar merda!”. Janaína não se importou, levou-lhe água à boca. De repente, um chute na cara e Janaína foi ao chão, o rosto sangrando. “Sua piranha, quem mandou dar água pra esse animal?”, um garimpeiro berrou. Desferiu-lhe outro chute, agora no estômago. Roma viu um índio acoitado na selva, a febre aumentava. À distância, um barco, o policial. A onça-negra rondava o acampamento, outra alucinação? O

policial desembarcou, recebendo a novidade. “Seus idiotas, o jornalista já voltou pra terra dele faz dias!”

“Mas então, quem é esse gringo?”

“E eu lá sei?”. Fez um silêncio.

“Onde foi que vocês arrumaram esse homem?”

“Ele apareceu aqui, do nada.”

“E ele tinha máquina fotográfica?”

“Não sei de máquina não.”

“Então como ele ia fotografar vocês?”

“Sei não.”

O policial ficou tenso. “Esse sujeito deve tá é perdido na floresta. Puta que pariu, agora a gente vai ter que dar cabo dele. E a piranha, por que tá sangrando?”

“Essa mulher é muito folgada.”

“Eu já falei que não é pra bater. Eu preciso delas inteiras. Se deixou marca, vai pagar em dobro. Ô Monique, leva a Janaína pra lavar o rosto no rio.”

O policial saca uma pistola e mira na cabeça de Roma. “Vamos acabar logo com isso!”. Estrondo na mata. O policial ergue o olhar, e a onça-negra pula-lhe na jugular. Um garimpeiro grita de pavor, quer alcançar a arma, mas uma flecha atravessa-lhe o coração. Em seguida outras flechas, matando os demais garimpeiros.

ÚRSULA MARION era colunista social no Rio de Janeiro. Casamentos, separações, desentendimentos, nascimentos, infidelidades, negócios, falências, hábitos, excentricidades, luxos e mimos, além de assuntos políticos, traduziam-se em notas diárias no maior jornal da ci-

dade. Informações favoráveis, por exemplo, o batizado do primeiro filho de uma família tradicional, chegavam-lhe pela própria família em questão. Já as notas escandalosas, como casos extraconjugais ou falcatruas financeiras, alcançavam-na através de desafetos dos envolvidos. Úrsula sempre sabia de tudo, e, com raras exceções, tudo se publicava no jornal.

Em uma tarde de setembro de 2004, Úrsula repassava as notas do dia seguinte: bodas de ouro, o segundo filho bastardo naquela semana, a nova aliança partidária, fraude nos correios, um casamento, dois divórcios e o lançamento de um livro contendo dicas de comportamento em festas. Ergueu os olhos e fitou o mar através da janela do apartamento. Fim de dia nublado sem chuva ou vento, céu branco, cidade cinza, oceano calmo, desinteressado, desinteressante, desanimador. Bocejou. Largou as notas e serviu-se de café. Ocupação ingrata, esfregou os olhos, riu da queixa impropriedade. O vazio no peito devia-se aos novos tempos, não à profissão. O jornalista escreve conforme a fome do leitor. Difícil denunciar o perigo de extinção do mico-leão-dourado em mundo ávido por intrigas e intimidades dos ricos e famosos. Respirou fundo e lembrou-se dos anos de militância durante a ditadura militar brasileira.

Após o golpe militar de 1964, Úrsula e o irmão Bastian, ele com 20, ela 17 anos, uniram-se ao movimento de jovens revolucionários, na luta pela restauração da democracia. Bastian atuou ativamente, promovendo reuniões clandestinas, onde esclarecia a outros jovens os contras de um governo totalitário. Úrsula, na época estagiária de um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, fornecia ma-

térias censuradas ao irmão e demais membros da resistência, para que fatos encobertos pelo regime militar chegassem aos ouvidos da população. Houve uma repressão severa ao movimento, e Bastian exilou-se na cidade de Manaus. A participação de Úrsula passou despercebida, e ela permaneceu no Rio de Janeiro, onde efetivou-se jornalista. Manteve contato com Bastian, mas o irmão acabou descoberto pelo regime totalitário e refugiou-se na selva da Amazônia. Houve uma grande mobilização militar para capturá-lo, e, após meses de perseguição, Bastian foi encontrado morto na floresta, supostamente picado por uma cobra-coral. O corpo foi enviado ao Rio de Janeiro para o enterro, e Úrsula, desconfiada, pediu a um amigo médico que realizasse uma autópsia. O resultado confirmou a versão dos militares, a causa mortis fora veneno de cobra-coral, mas existia uma grande incógnita: a localização da picada era incompatível com as características da cobra. A coral tem o dente de veneno localizado na parte de trás de uma boca minúscula. Por essa razão, só consegue abocanhar presas pequenas, e, tratando-se de humanos, somente alcança partes muito específicas do corpo, como o dedinho do pé, os lábios e a pele entre os dedos da mão. Bastian fora picado na panturrilha, local inacessível à picada da coral. Úrsula soube ser assassinato, mas calou-se para evitar o mesmo fim. Assim que o regime militar começou a ruir no início da década de 80, a jornalista entrou com uma ação na justiça, para esclarecer as circunstâncias da morte e punir os envolvidos no episódio.

O telefone.

“Úrsula, sou eu, delegado Mendonça.”

“Quanto tempo, Mendonça, por onde você anda?”

“Tô no Acre. Por isso que ando sumido. Tenho um furo pra você. Você pode falar? Essa linha é segura?”

“Pode falar.”

“Não sei se você lembra de um avião que sequestraram há uns dois meses e pouco, quando o piloto desapareceu, deram-no como morto.”

“Claro que lembro.”

“Alguns dias atrás, pegaram um dos sequestradores. Ele confessou que deixaram o piloto com vida em uma pista fora de operação no meio da selva. O delegado do caso avisou ao Ministro da Justiça sobre o ocorrido, e o Ministro mandou abafar o caso. Não fizeram qualquer tipo de busca. O piloto ainda pode estar vivo, perdido no meio da Amazônia.”

“Por que não fazem buscas?”

“Isso eu não sei.”

“E o delegado à frente da investigação? Tenho como falar com ele?”

“Não, ele é dos governistas. Eu só soube dessa história depois que o sequestrador preso apareceu morto na cela. A versão oficial é suicídio. Mas o carcereiro é dos meus e acabou me contando tudo. Parece que a ordem de calar o elemento veio lá de Brasília.”

“Você tem mais algum detalhe?”

“Somente que o piloto foi deixado em uma pista desativada durante a operação Fumaça Branca.”

“Obrigada. Qualquer coisa te ligo.”

Uma brisa refrescante soprou do mar. Úrsula fitou o horizonte, onde o cinza perdia lugar para diversas tonalidades, do vermelho ao laranja, o pôr-do-sol atrás das nuvens. Na próxima edição do jornal, publicaria a seguinte

nota: “Bomba! bomba! O piloto Roma, desaparecido após sequestro de avião em julho deste ano, pode estar vivo. Fontes ligadas ao Ministério da Justiça informaram que o piloto foi deixado com vida em uma pista de pouso desativada no meio da floresta. O Governo, que desde o início trabalhou com a hipótese única de o piloto ter sido assassinado por ladrões de avião, soube do fato há duas semanas, mas, até agora, não fez qualquer esforço para localizá-lo. Em Brasília, ninguém parece acreditar que todos os caminhos levam a Roma.”. A nota foi escrita de forma que a suspeita de vazamento da informação caísse sobre assessores do Ministro da Justiça, preservando a fonte. Úrsula omitiu o suposto suicídio de um dos sequestradores, pois planejava investigar o caso minuciosamente, e o sigilo é a principal arma do bom jornalista. Sentiu repulsa. Quando o irmão Bastian desafiou o sistema, mobilizaram mais de 100 homens para capturá-lo na selva. Agora, com Roma perdido na mesma floresta, não enviaram uma única equipe de resgate. É fato que na época o Brasil passava por uma ditadura, e em regimes autoritários mobiliza-se o Estado para combater as ameaças ao sistema. Mas a situação não era a exatamente a mesma, com a ação inversa? O fato de Roma estar vivo ameaçava o sistema, a credibilidade no governo democrático fazendo tudo pelo bem do cidadão. Assim como os militares eliminaram Bastian, o Governo livrara-se do sequestrador para calar a verdade. Só se esqueceram de que, na democracia, a verdade sempre encontra as páginas dos jornais.

DOIS ÍNDIOS CARREGAVAM-NO em uma rede, amarrada a um bambu comprido, que apoiavam sobre os ombros. Pernas e testa envoltas em panos úmidos, para baixar a febre, o corte no peitoral coberto por folhas gelatinosas, segredo da selva. Roma olhava fixamente para cima, imóvel, com exceção das pálpebras, que seguiam o reflexo natural de preservar a vista. Estava em transe, provocado pela integração do espírito com a selva, potencializado pela febre. Experimentava minutos de difícil descrição, uma vez que a sensação vivida não encontra respaldo nos dicionários, manifestação da alma e não do intelecto, mas vale a tentativa. A visão ampliou-se, pois inexistia a necessidade de concentrar-se em objetos únicos, todos os detalhes eram observados, processados e compreendidos como unidade. Sons da floresta mesclavam-se aos batimentos cardíacos, como se o coração de Roma e a selva fossem um só organismo, e, aumentando a complexidade, os sons ligavam-se também à vista e ao tato, unindo o que a ciência ensinou a separar. Rendendo-se a um formigar libidinoso, que surgia de fora para dentro do corpo e, ao mesmo tempo, de dentro das entranhas para fora, cerrou os olhos e enxergou a selva com ainda mais detalhes. Percebeu, por um curto instante, que a Amazônia verdadeira não era uma floresta, mas uma experiência intrínseca à natureza humana.

Quando alcançaram uma pequena aldeia, Roma retornara ao mundo separador dos homens, restando, da experiência transcendental, uma grande incógnita, a exaustão e o alívio por retornar ao estado vulgar dos sentidos. A aldeia resumia-se a uma maloca sem paredes, estacas de madeira com teto de folhagem seca. Diversas redes de dormir

e esteiras de palha constituíam a única mobília. Algumas peças de roupa aglomeravam-se em uma das esteiras, formando o guarda-roupas coletivo. Frente à maloca, duas índias cozinhavam em uma panela de barro, mergulhada em brasa de lenha. A onça-negra repousava ao lado, como um cão domesticado esperando por carinho.

Um senhor grisalho, sem traços indígenas, com idade exata impresumível, algo entre os 50 e 70, encostou a mão na testa de Roma e constatou que a febre baixara. Pediu aos índios, falando em português, que amarrassem a rede com o piloto na maloca. Trocou as folhas que cobriam a ferida de Roma, deu-lhe água para beber e recomendou que descansasse.

O piloto só acordou no dia seguinte. Retirou as folhas da ferida para constatar um estado avançado de cicatrização. Monique, Janaína, o senhor grisalho e sete índios – dois casais e três crianças pequenas, reuniam-se para o almoço. Roma juntou-se ao grupo, sentia-se bem, somente algumas dores das recentes agressões. A posição do sol indicava um horário próximo ao meio-dia.

“Seja bem-vindo a nossa aldeia” disse o senhor grisalho, para em seguida apresentar o grupo. “Eu sou Arthur e esses são Kona-Kona e Iwa (os dois índios), Iranhoma e Hetehiya (as índias) e João, Caio e Maria (as crianças). Todos falam português. As meninas, você já conheceu, são Monique e Janaína. E você, quem é?”

Roma os fitou por alguns segundos. Os índios trajavam roupas da cidade, eles shorts e chinelos, elas vestidos leves, só as crianças estavam nuas. Arthur de bermuda branca, sem camisa, os pés descalços. Monique, sem traumas aparentes, sorria a liberdade, enquanto Janaína, ca-

bisbaixa, era prisioneira dos anos de violência. Roma apresentou-se e resumiu em poucos minutos a trajetória do aeroporto de Brasília até a captura pelos garimpeiros. Ao indagar sobre a onça-negra, ouviu o seguinte relato de Arthur: “Não sei te dizer se a minha onça é a mesma que te seguiu na mata, é provável, mas não tenho como afirmar. Eu encontrei essa daqui dois anos atrás ainda filhote, sozinha na floresta, quase morta de inanição. Achamos rastros de humanos, batidas* da onça-mãe e sangue. Enquanto Iwa trouxe o filhote de volta à aldeia, eu segui os rastros até encontrar um grupo de turistas estrangeiros carregando a onça-mãe morta; estavam acompanhados de dois guias brasileiros. Quase que fiz uma besteira, mas apenas esperei o anoitecer e sumi com as armas do grupo. Com muito esforço, conseguimos salvar o filhote, e desde então a onça-negra vive aqui na aldeia, mas às vezes some por semanas na mata. Não damos alimento, ela caça o que precisa comer.”

Almoçaram. Roma soube estar a salvo, Arthur e os índios inspiravam-lhe a confiança dos homens de bem, almas transparentes. Ao contrário da euforia experimentada dias antes, quando avistou os garimpeiros e acreditou-se resgatado, vivia agora um momento sereno, sem pressa de retornar à cidade, estranho desprendimento do tempo, ritmo da floresta, onde passado e futuro se resumem à simples coerência do presente.

“Hoje à noite, vou deixar Monique e Janaína em uma ONG de uma amiga minha, em Novo Airão. Você vem junto. De lá é fácil conseguir uma carona pra Manaus.”, Arthur dirigiu-se a Roma.

O piloto suspirou, desanimado com a burocracia que

o aguardava. Acostumou-se às necessidades imediatas, fome – comer, sede – beber, sono – dormir, chuva – abrigar-se e outras mais. Voltaria à rotina do consumo, filas, impostos, telefonemas, eventos, médicos, trabalho, salário, mais impostos, mais filas, outros eventos, televisão nova, restaurante da moda, trabalho, salário, sapatos novos, outras filas, cinema, namoro, estudo, carro novo, trabalho, salário e novos gastos, o interminável ciclo do capitalismo. Achou curioso como o sistema prendia justamente na ilusão da liberdade, pois quão maior a liberdade, maior o preço. Cinema, teatro, viagens e restaurantes eram liberdades básicas, a casa própria uma liberdade por direito, depois nascia o sonho da casa de campo, a liberdade do carro de luxo, de jogar golfe, do iate, e, no topo da lista, do jato particular, trazendo a liberdade de poder viajar a qualquer hora, com todo conforto do mundo. E quanto mais alguém avançava nessa escala da liberdade, maior a necessidade do capital, conseqüentemente, o aprisionamento.

No restante do dia, Roma questionou Arthur sobre a vida na selva. Esse esquivou-se de perguntas concretas, não revelando como foi parar na Amazônia ou detalhes da amizade com os índios. Limitou-se a descrever o ritmo da mata, o convívio com os animais, experiências adquiridas, vantagens e desvantagens do isolamento. Arthur, por sua vez, quis saber de Roma a respeito da cidade, histórias da aviação e pormenores dos meses na selva. Mostrou-se surpreso com a determinação do piloto e recordou-se, silenciosamente, de quando ele, Arthur, fora forçado ao exílio na mata. Após dez anos, tivera a oportunidade de retornar à cidade, mas não conseguira desvencilhar-se da Amazônia. Pensou consigo mesmo: “Se fossem somente

três meses, assim como ocorre com Roma, eu voltaria para a dita vida civilizada dos centros urbanos?”. Sentiu um pavor estranho, a hipótese da existência longe da selva trazia calafrios.

Ao entardecer, Arthur reuniu Roma, as duas meninas e Kona-Kona. Despediram-se dos outros índios e caminharam, por poucos minutos, até uma canoa de médio porte na beira do rio. Kona-Kona sentou-se na proa, Arthur na popa e os demais no meio. Seguiram rumo a Novo Airão, Kona-Kona e Arthur remando.

Quando o sol se pôs no horizonte estranhamente próximo, o pequeno rio, pelo qual seguiam, desaguou no imenso Rio Negro, e o mundo pintou-se de vermelho. O Rio Negro, de tão escuro, agia de espelho, unindo céu e água nas cores do anoitecer. Fez-se o silêncio no barco. Arthur e Kona-Kona apenas remavam. Monique despedia-se da selva, ansiosa pelo recomeço na cidade, queria sobre tudo a distância da floresta, que só lhe trazia más recordações. Janaína cumpria somente outra etapa de uma triste trajetória, sem sonhos, esperanças e expectativas. Roma, por sua vez, viu-se sobressaltado por uma tristeza indefinida, o coração querendo fugir pela boca e unir-se eternamente à Amazônia. Uma garça solitária, voando baixo, acompanhou o barco, até mudar de rumo, ganhar altura e desaparecer.

Alcançaram Novo Airão no início da madrugada, desembarcando no cais onde Madlen recebera Tiffany semanas antes. Chuiscava. Kona-Kona esperaria no barco, enquanto Arthur conduziria Roma e as meninas à casa de Madlen. Mas o piloto sentiu-se incapaz de seguir adiante. Fechou os olhos, percebeu o véu da chuva fina acariciar-

lhe a face e decidiu-se pela floresta. Arthur entendeu a resolução do piloto sem a necessidade das palavras. Antes de seguir adiante com as meninas, expressou as condições da permanência na aldeia. “Ninguém vai saber que você sobreviveu, senão vão te procurar. Não vai poder enviar um único recado para os seus pais. As meninas não vão falar, aprenderam há tempo que quanto menos disserem melhor. Enquanto estiver comigo na selva, você deixa de existir.”

A NOTA DE ÚRSULA caiu como uma bomba em Brasília. O Presidente, em discurso oficial, cobrou esclarecimentos do Ministério da Justiça, enquanto, informalmente, ordenou ao Ministro que desmentisse o episódio. Tratava-se de um jogo comum no Governo brasileiro – afirmava-se aqui, negava-se ali, até a opinião pública perder o interesse na questão. O único meio de sustentar uma acusação na Praça dos Três Poderes era trazer novas evidências regularmente. Úrsula conhecia bem tal artimanha, assim continuava mantendo a história do colombiano, morto na prisão, em segredo. Enquanto os grandes meios de comunicação se encarregavam de explorar ao máximo o episódio, Úrsula procurou os pais de Roma em São Paulo. Dois dias após a publicação da nota, a jornalista foi recebida por pais radiantes com a possibilidade de rever o filho com vida.

“Estamos muito ansiosos, por favor, conte tudo o que você sabe!”, Danniela disparou após servir café. Úrsula tomou um longo gole, examinando a casa discretamente,

antes de responder. Buscava estabelecer vínculos com Danniela e Davi, para que lhe revelassem o máximo de detalhes possível. Oficialmente, Úrsula estava de passagem na capital paulista e, por consideração, relataria alguns pormenores aos pais do piloto. A verdadeira razão da visita era menos nobre. A jornalista buscava informações sobre a vida de Roma, na intenção de montar uma matéria, que publicaria no caso de o piloto ser encontrado com vida. Pretendia avaliar também se Roma tinha o perfil de alguém capaz de sobreviver à selva. Após poucos minutos de conversa, convenceu-se que sim.

Naquela noite, Danniela e Davi finalmente encontraram a paz no sono. Ambos se convenceram de que o filho estava vivo, principalmente após Úrsula mencionar que o irmão Bastian sobrevivera meses na Amazônia, antes de ser alcançado pela ditadura. E foram além: cientes da paixão do filho pela natureza, concluíram que o desaparecimento de Roma era por livre vontade, que adotara a floresta como novo lar. Difícil dizer se a conclusão era um mecanismo defensivo ou se coração de pai e mãe acaba sabendo de tudo.

O RETORNO DE ROMA à selva trazia mudanças significativas; de refém da floresta se transformaria em morador. Um psicanalista desinformado poderia sugerir a Síndrome de Estocolmo, mas o desejo de viver no mato nascera de motivações distantes, tratava-se, inconscientemente, de um objetivo perseguido desde a infância.

Enquanto Arthur e Kona-Kona remavam contra o

fluxo do rio, Roma, valendo-se do dissipar das nuvens, admirava as estrelas, até a lua surgir no horizonte para expulsá-las, dourando a paisagem. Adormeceu. Despertou no afagar dos primeiros raios de sol e percebeu a canoa amarrada a um galho na margem do rio. Não estavam no Rio Negro, tampouco no pequeno afluente que levava à aldeia, mas noutro rio, estreito, de águas transparentes, quase azul-turquesa. Kona-Kona e Arthur também acordaram. “Aqui tem os maiores peixes da região. Vamos pescar, ou você tem algum compromisso urgente?”, Arthur brincou com Roma. “Vou te mostrar a técnica ancestral de pesca-ria dos índios, vem comigo!”, Arthur prosseguiu, enquanto adentrou a floresta, parando frente a uma árvore tomada por cipós trepadores. Cortou alguns metros de cipó e retornaram à beira do rio, onde picou a planta, para em seguida amassá-la em uma cumbuca, formando uma pasta pegajosa. “Esse é o timbó, uma planta entorpecente. Agora vamos procurar o lugar ideal pra pegar um grande pintado.”. Os três seguiram a pé por cerca de meia hora, sempre beirando o curso d’água, até Kona-Kona indicar o local adequado, embora Roma não identificasse qualquer particularidade em relação a outros trechos do rio. Sentaram-se, aguardaram em silêncio por longos minutos e, só então, Arthur lançou pequenas porções do timbó no rio. A pasta foi abocanhada por um pintado, que em seguida boiou movendo-se pouco, aparentando estar adoentado. Kona-Kona capturou o peixe com auxílio de uma pequena rede, deixando-o na água até que se recuperou. Retiraram do rio o pintado, que pesava em torno de dez quilos. “Tá num tamanho razoável, podemos voltar pra aldeia. Só pra você entender, Roma, deixamos o peixe na água pra espe-

rar o efeito do timbó passar, assim não nos intoxicamos na hora de comer.”, Arthur explicou. Seguiram na canoa rumo à aldeia. Molhavam o pintado regularmente para mantê-lo vivo. A prática aparentava ser ligeiramente cruel ao olhar de Roma, mas era a única maneira de manter a carne conservada. No calor da Amazônia, o peixe morto apodreceria em poucas horas.

À noite na aldeia, reunidos em torno da fogueira, Roma questionou Arthur por que só pescaram um único peixe. Na opinião do piloto, poderiam ter pescado diversos, defumar e estocar, para consumir posteriormente. Arthur explicou: “A selva nos oferece diariamente o que precisamos. Você passou por dificuldades, porque tudo ainda era muito desconhecido. Nenhum índio perdido na selva, sé é que um índio se perde na selva, passa fome. Há milhares de insetos, raízes e frutas comestíveis, que os olhos forasteiros não percebem. O que tanto me fascina na Amazônia é a falta de compromisso com o amanhã. Aqui se vive apenas pro presente, o resto é consequência do acaso. Isso seria impensável em outros ecossistemas. Nas florestas de regiões frias, é preciso estocar comida durante o verão pra poder sobreviver ao inverno. Na Amazônia, essa necessidade inexistente. Acredito que é por isso que os índios não se transformaram em civilizações complexas como em outras partes do mundo, mantendo a simplicidade que tanto me encanta. Hoje, a nossa única preocupação é o desmatamento da selva. Quando eu entrei na floresta, em 1970, nem mesmo essa preocupação existia.”

“Como e por que você foi parar aqui?”, Roma quis saber.

“Fugi da ditadura. Estávamos todos em Manaus, um grupo de revolucionários, sonhando com o restabelecimento da democracia, quando alguém nos delatou. A ordem do movimento foi que nos misturássemos à população local. Deveríamos fugir pra pequenas cidades na Amazônia e constituir família, como se fôssemos garimpeiros vindo atrás do sonho dourado. Assim que a poeira baixasse, retornaríamos à luta, abandonando a vida e as famílias de fachada. Não consegui assimilar essa ideia, enganar uma mulher, ter filhos, para em seguida largar tudo. Então fugi pro mato. Na companhia de um rapaz do Rio de Janeiro, me enfiei na selva, mas fomos perseguidos pelo exército, que nos considerava uma grave ameaça à soberania nacional. Certa manhã capturaram o rapaz. Eu tava no alto de uma árvore, procurando ovos de passarinho, quando ele foi surpreendido por um grupo de militares. Torturaram ele por algumas horas, mas ele não revelou que eu tava ali, a poucos metros, em cima da árvore. Sustentou até o fim que eu havia morrido de malária alguns dias antes. Devo a minha vida ao rapaz. Finalmente acreditaram que eu tava morto. Então dois soldados o seguraram e um terceiro aplicou uma injeção na perna dele. Riram. Disseram que era veneno de cobra. Ele não deu um grito, morreu em silêncio. No fundo, venceu o sistema. Os militares levaram o corpo e sumiram na mata. Fiquei em cima daquela árvore até o dia seguinte, em completo estado de choque. Desci desnortado, perdi o rumo, a razão da minha luta. Sentei embaixo da árvore e esperei, apenas esperei, acho que aguardava a morte. Após alguns dias, nunca soube quantos foram, um índio velho surgiu, assim do nada, e me salvou da desistência. Era Huxuo, pai

de Kona-Kona e Iwa, que, na época, ainda eram meninos. Pertencia a um pequeno grupo de ianomâmis, mas se separou da aldeia por querer um vida calma e integrada à natureza. Dá pra imaginar isso? O sujeito vive no meio do mato, em uma aldeia com no máximo 50 índios, contando mulheres e crianças, e se considera afastado da essência da selva. Então pega a mulher e os dois filhos e se manda, na opção por uma vida ainda mais pacata. Huxuo me ensinou tudo que sei sobre a selva. Não cheguei a conhecer a mulher dele, ela morreu poucos meses antes do nosso encontro. Enfim, para encurtar a história, certa noite Huxuo me pediu pra olhar por seus filhos, pois pressentia o fim se aproximando. Uma semana depois, morreu. Olhar por Iwa e Kona-Kona não significava ensinar os segredos da mata, pois se viravam muito melhor do que eu na selva. Huxuo queria que eu os orientasse em questões existenciais e filosóficas. A palavra dos mais velhos tem um valor imenso na cultura indígena. Sendo eu o único homem de idade, era minha a responsabilidade de conduzi-los à vida adulta. Para ter êxito, aproximei-os da minha cultura, ensinei-lhes o português, que até então era bem precário. Quando completaram 16 e 17 anos, retornaram à tribo de ianomâmis, pois queriam se casar. Sozinho na selva, fui até Novo Airão, pensando em voltar à civilização, mas não consegui me adaptar. Passei alguns dias na cidade e acabei conhecendo Madlen. Desde então somos ótimos amigos e nos vemos esporadicamente. Retornei à selva e vivi um ano sozinho, sem qualquer contato com outro ser humano. No início, quase enlouqueci, você deve ter experimentado um pouco dessa solidão, mas após um mês me acostumei. Então tive o maior aprendizado da vida: en-

frente às sombras, pois eram a minha única companhia. Atravessei o abismo que nos separa de nós mesmos. Após um ano, Iwa e Kona-Kona retornaram com as esposas Irahoma, o espírito da onça, e Hetehiya, a ariranha. Quando tiveram filhos, me pediram nomes típicos da minha cultura, assim os nomeamos João, Caio e Maria. Desde esse dia, vivemos juntos, formando a nossa própria aldeia.”

MONIQUE ENTURMOU-SE com as demais meninas assim que chegou na ONG de Madlen. Extrovertida, contava histórias emocionantes da selva e perguntava minúcias de Novo Airão. Grande fazia-se a curiosidade sobre a cidade. Nos últimos anos, a vida de Monique restringira-se ao mato, e o retorno ao agito urbano a encantava. Finalmente podia trocar confidências com outras meninas. Enquanto prisioneira, as conversas com Janaína resumiram-se ao essencial, uma vez que a irmã postiça se encontrava em depressão profunda. Agora, tendo com quem dialogar, Monique contava histórias da selva, muitas fantasiosas, com a presença das mais diversas assombrações, desde o Saci-Pererê à Boiuna. Omitiu a realidade dolorida, estupro, violência e o episódio envolvendo Roma. A vida lhe ensinara que fatos eram perigosos. Quem não soubesse dos abusos sofridos diria ser Monique uma jovem alegre, extrovertida e comum, sem traumas e medos, de educação razoável e proveniente de um ambiente familiar estável.

Janaína, por sua vez, não dissera uma única palavra desde submetida aos cuidados na ONG. Cabisbaixa,

pouco se alimentava e raramente saía do quarto de Madlen, que, em alerta para uma possível tentativa de suicídio, alojara-a em seus aposentos. Certa noite, quando todas as meninas se recolheram ao sono, Tiffany expressou uma inquietação com Janaína para Madlen. “Eu tô muito preocupada. Essa menina parecer um zumbi. Não come quase nada, não fala, não chora, não fazer nada. Não tem nada que podemos fazer?”. Madlen respondeu com uma pergunta: “Se você tivesse que apostar na recuperação de uma das duas meninas, você apostaria, com toda certeza, na Monique, não é?”

“É claro que sim.”

“Pois você provavelmente estaria enganada. Você não faz ideia de como os traumas sofridos por essas meninas são complexos. Janaína agora tá na pior e precisa de um acompanhamento especial pra superar a depressão aguda. Mas ela tem a vantagem sobre Monique, de ter realizado, por completo, o estado deplorável no qual se encontra: sem pai, mãe, outros parentes e amigos, sozinha no mundo, abandonada até por Deus, explorada continuamente de todas as formas possíveis. A depressão é a doença da consciência. É a alma paralisando o corpo, incapaz de continuar a viver uma certa condição. Vamos precisar de muita paciência com Janaína. Geralmente, a cura se inicia com lágrimas. De repente, Janaína vai chorar, vai chorar muito. Se prepare, pois é de destroçar o coração. Já tive que chamar um médico de Manaus, pois de tanto que uma menina chorava, câimbras atrofiaram-lhe o abdômen. Janaína vai se perceber a salvo dos abusos e, pela primeira vez na vida, vai derramar em lágrimas as desgraças acumuladas no peito. Aos poucos, o choro passa, então ela

diz as primeiras palavras, se alimenta melhor e em alguns meses vamos ver o primeiro sorriso. Agora Monique, essa é um caso imprevisível. Acho que vai nos dar muitos problemas.”

Três semanas adiante, Monique e outras meninas do abrigo conversavam animadas em um dos casebres de madeira reservados às adolescentes. Era tarde à noite, e elas já deveriam estar dormindo, mas a excitação as impedia: receberam uma doação de roupas de segunda mão, descartadas por adolescentes ricas de Manaus, e revezam-se na frente do espelho. Foi quando os demônios de Monique escaparam pela primeira vez: “Vocês são mesmo umas idiotas! Ficam aí todas bobas com um monte de roupas usadas por riquinhas da cidade. Eu não nasci pra ficar usando sobra de ninguém! O que a velha da Madlen pensa que nós somos? Mendigas? Não aguentei surra de garimpeiro pra acabar vivendo de esmola!”. As demais meninas a fitaram por alguns segundos, mas logo retornaram às roupas, deixando Monique a sós com as mágoas. No apagar das luzes, meia hora depois, Monique vestiu um microvestido e saiu da casa advertindo: “Vou dar uma volta na cidade. Se alguém me dedurar vai se ver comigo.”. Pulou o muro e rumou para os bares de Novo Airão.

Madlen provavelmente teria notado a escapadela, pois, preocupada com a crescente raiva de Monique, que se expressava sutilmente em pequenos gestos do convívio diário, passou a observar o casebre das meninas, atenta à possibilidade de uma fuga. Não que fosse impedi-la, mas a chamaria para uma conversa no dia seguinte, explicando que, caso quisesse permanecer na ONG, certas regras precisariam ser seguidas, e saídas noturnas não faziam parte

da rotina da casa.

Monique livrou-se do flagrante graças à Janaína. Naquela mesma noite, Janaína teve a primeira grande crise de choro. Deitada sobre chão do quarto de Madlen, em posição fetal, os braços cruzados sobre o peito, lágrimas jorravam por olhos, nariz e boca. Tiffany e Madlen confortavam-na dentro do possível, acariciando-a e proferindo palavras de conforto, “tudo passou, você agora tem uma nova vida, nós somos a sua família, nós te amamos, você é uma pessoa maravilhosa”. O choro perdurou por horas, e Tiffany perdeu a voz, enquanto Madlen continuava incansável, “tudo passou, você agora tem uma nova vida, nós somos a sua família, nós te amamos, você é uma pessoa maravilhosa”. Tiffany sucumbiu ao sofrimento de Janaína, e o choro escapou-lhe em um misto de compaixão, esperança e realização. Aquele exato instante compensava o isolamento na precária cidade de Novo Airão. No pranto de Janaína havia mais que sofrimento, nascia ali um novo ser humano, e sabe-se bem que a vida surge na dor do parto. As duas benfeitoras atravessaram incansáveis a madrugada, e, quando o primeiro galo se manifestou na cidade, Janaína dormia nos braços de Madlen, sendo criança pela primeira vez na vida. Monique retornara pouco antes, novamente despercebida, com uma pequena quantidade de dinheiro escondida na calcinha, o primeiro que ninguém lhe tomaria.

QUANDO BRASÍLIA JULGAVA superada a crise envolvendo Roma, Úrsula publicou nova nota, agora de-

nunciando a morte misteriosa do sequestrador na penitenciária do Acre. A opinião pública enfureceu-se, transformando a notícia na principal pauta de todos os meios de comunicação do país. A oposição política instalou uma CPI para apurar os fatos. O Governo negou, categoricamente, qualquer ligação entre o prisioneiro do Acre e o sequestro do avião de Roma. Recusaram-se a fazer buscas na Amazônia, alegando ser a história fantasiosa. Uma CPI leva tempo, geralmente meses, e a estratégia do Governo seria a de dificultar ao máximo as investigações, valendo-se de tráfico de influência para desaparecer com eventuais provas que pudessem surgir. A sistemática funcionava, exemplificando-se, da seguinte maneira: um policial federal conseguiria, a pedido de um deputado da oposição, um relatório com depoimentos, no qual testemunhas confirmariam que o prisioneiro do Acre confessara a participação no sequestro de Roma. Porém, antes de o policial federal entregar o relatório à oposição, o Governo ofereceria uma promoção ao policial, em troca do desaparecimento do relatório. Úrsula conhecia bem os trâmites políticos e sabia que a CPI nada resolveria. A importância da Comissão Parlamentar de Inquérito era somente a de manter o assunto vivo nos meios de comunicação. No entretanto, Úrsula precisava encontrar fatos novos, e antes mesmo de divulgar a morte do sequestrador no Acre, já os tinha: circulava um tímido boato em vilarejos da Amazônia sobre uma prostituta que avistara o piloto com vida.

ROMA ASSIMILAVA os segredos da selva. Comple-

tados dois meses na aldeia, orientava-se com facilidade na mata, aprendera a distinguir plantas comestíveis de venenosas, reconhecia rastros de animais, previa a chuva e imitava com perfeição o canto das aves. Ao contrário de Iwa e Kona-Kona, não se utilizava do canto para atraí-las e caçá-las, mas pelo simples fascínio da comunicação. Surpreendendo até mesmo os índios, qualquer pássaro, do papagaio ao gavião, comia-lhe da mão.

Honrados com a rápida adaptação do piloto à floresta, Iwa e Kona-Kona decidiram submetê-lo a um ritual de iniciação, inspirado nos ritos ianomâmis. Roma deveria retirar um favo de mel de uma colmeia de abelhas africanizadas. Teria que suportar picadas, não podendo, em hipótese alguma, desistir da missão. O piloto aceitou o desafio com descontentamento, a ideia de ser atacado por abelhas assustava, além do contrassenso de perturbar os insetos. Entendeu, porém, a importância do rito indígena e não quis contrariar antigos costumes da floresta. Escolhida a colmeia, Roma aproximou-se com receio, sendo observado a distância por Arthur, Iwa, Kona-Kona, Iranhoma, Hetehiya e as crianças. Mas algo fugiu à normalidade: Roma observou, encantado, inúmeras abelhas adentrando e deixando a colmeia, e concluiu não se tratar de inúmeras abelhas, mas de uma unidade. A força coletiva anulava os indivíduos, via-se perante um ser único, o enxame. Surgiu-lhe a possibilidade de tomar o favo sem sofrer picadas, bastava compreender a sintonia do conjunto. Cerrou os olhos e desligou-se da razão, esticou os braços e furou um orifício na colmeia, abriu os olhos e viu-se em uma nuvem negra de abelhas, retirou um favo de mel e afastou-se. As abelhas o acompanharam por alguns

metros, mas logo retornaram à colmeia. Quando Roma, livre de picadas, alcançou Arthur e os índios, assombro e respeito calaram a pequena tribo.

Aos poucos, a habilidade de Roma estendeu-se a qualquer animal da selva, de mamíferos a cobras venenosas. O contato, porém, sempre partia de Roma; nenhum animal o procurava, mas, ao esbarrar com uma jararaca, podia segurá-la sem correr o risco de ser picado. Intrigado com o dom do piloto, Arthur perguntou à Iwa e Kona-Kona se conheciam fato semelhante. Iwa recordou-se de uma prosa que tivera com o pai, certa tarde, enquanto remavam no rio. Huxuo lhe contara sobre Yai, um índio velho que conversava com a selva. Yai, que significa Espírito do Mato, aproximava-se da beira do rio para chamar o peixe que jantaria naquela noite, e o peixe pulava no seu colo. “Yai dizia – o peixe que está pronto para me servir de alimento, que venha para os meus braços.”, narrou Iwa.

Roma não trazia peixes para jantar, nem qualquer outro animal, tornara-se vegetariano. Havia milhares de frutas e raízes comestíveis na Amazônia, dispensando a necessidade da carne. “Vocês podem e devem caçar à vontade, são parte da selva, do ciclo de vida e morte. Eu não me sinto a vontade, não por questões de consciência, mas porque não compreendo bem essa minha relação com os animais.”, explicou ele a Kona-Kona. A conversa ocorreu certa noite, quando estavam reunidos na aldeia, em torno da fogueira. Arthur aproveitou o momento para perguntar a Roma se tudo estava bem, “Você deve estar um pouco confuso com todos esses acontecimentos!”.

“Um pouco confuso estou”, Roma reconheceu, “mas nada grave. Pra dizer a verdade, sempre suspeitei que seria

possível estabelecer uma relação avançada com os animais. É algo que carrego desde a infância.”.

“Pelo sim, pelo não, vou me encontrar com Madlen, nos vemos de vez em quando, você vem comigo. Marcamos pra amanhã, o dia antes da lua nova. Ela me conta as novidades da cidade e me traz alguns utensílios, como sabonete e lâmina de barbear. Vai te fazer bem ouvir um pouco da civilização.”

Roma concordou e, no amanhecer seguinte, partiram de canoa no rumo de Novo Airão. Encontrar-se-iam no meio do caminho, em uma praia das Anavilhanas, um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo, localizado na bacia do Rio Negro. Pouco após as dez, Arthur e Roma desembarcaram no local do encontro. O dia ensolarado realçava as belezas do arquipélago, céu azul, mata verde, areia branca, rio cor de chumbo. Jacarés aqueciam as couças na praia, enquanto a brisa leve tornava o dia agradável. Um bote de alumínio, movido a motor de popa, aproximou-se, era Madlen e estava acompanhada. Trazia Tiffany, seguindo raciocínio semelhante ao de Arthur: a moça carecia escapar um pouco da simplicidade de Novo Airão.

Quando os olhares de Roma e Tiffany se encontraram, nasceu, de forma irrevogável, um grande amor. A selva calou-se por alguns instantes, temendo distrair o sentimento que surgia. Quem acompanhou o relato até este ponto, sabe, melhor que os próprios personagens, que há poucas almas no mundo com tamanha afinidade. Mas não se devem adiantar os fatos; foi Madlen quem interpelou Roma. “Você é o piloto desaparecido? Meu Deus, você tá mesmo vivo! O Brasil inteiro só fala de você!”

Roma reagiu com o silêncio da perplexidade. Arthur pediu maiores explicações, e Madlen resumiu os recentes noticiários. Roma decidiu permanecer na selva, Arthur o apoiou, Madlen e Tiffany prometeram segredo, assunto encerrado. A velocidade da deliberação teria causado espanto ao olhar externo, afinal, Roma era, àquela altura, personagem central de uma feroz queda-de-braço entre mídia e Governo. Não se deve, porém, confundir o consenso com um debate nos ciclos urbanos; eram seres diferentes, que, acima de tudo, aprenderam a simplificar a vida.

Madlen e Arthur foram caminhar ao longo da extensa praia, deixando Roma e Tiffany a sós. Ela imediatamente quis banhar-se no Rio Negro, pois raramente o fazia, mesmo morando na cidade ribeirinha. Ambos entraram na água. Tiffany continuava esplêndida, a vaidade feminina sobrevivera ao desleixo comum aos filantrópicos, e Roma sentiu o sangue ferver ao ver a moça de biquíni. Meio ano na selva, no mato sem mulher. No início, tivera diversos sonhos eróticos, acordando ofegante e desorientado, mas, aos poucos, a sexualidade deixara de ser problema importante. Agora, o impulso masculino ressurgiu com a força de um predador em dia de caça, e a água evitou o constrangimento. Respirou fundo, controlou-se, e observou a moça com discrição e respeito. Caso tivesse conhecido Tiffany no dia em que ela desembarcara em Manaus, estaria perplexo com o amadurecimento da moça. Os olhos, antes inocentes, quase tolos, traziam uma vivência que Roma nunca observara nas mulheres da cidade, misto de compreensão e revolta, paradoxo de quem vive no limite da tolerância humana, mas vê de perto a trans-

formação diária através do amor. O encanto foi recíproco. Tiffany passara meses sem qualquer contato excitante com o sexo oposto, desconsiderando a rápida e decepcionante conversa com Steve. Roma trazia as qualidades que Tiffany, outrora, julgara presentes no repórter norte-americano: determinação, correção e incorruptibilidade. Conversaram muito. Os olhares, de início, vagaram pela mata, limitando-se a poucos encontros ocasionais e acanhados. Os minutos trouxeram espontaneidade, sorrisos, olhares prolongados, confissões irrevogáveis. A conversa transformou-se em beijos, beijos em sexo, sexo em amor. Quando os mais velhos retornaram horas adiante, Tiffany e Roma não disfarçaram o sentimento que surgira. Os quatro marcaram para dali a uma lua, cerca de um mês, um novo encontro.

“EU QUERO SABER quem roubou a porra do meu cigarro, cassete! Vocês são umas putas dissimuladas! Deram o rabo a vida inteira e agora posam de santas! Eu quero os meus cigarros!”

Aproveitando-se de que Janaína distraía Madlen, noite após noite, com repetidas crises de choro, Monique escapava para a prostituição nos bares de Novo Airão. Cobrava pouco, mas para quem nunca recebera dinheiro algum pelos serviços sexuais prestados, pouco era motivo de satisfação. Comprava roupas, bebida e cigarros. Até que uma das meninas do abrigo a delatou. Madlen, evitando confrontar Monique diretamente, confiscou um maço de cigarros escondido sob o colchão da cama e aguardou a

reação. Quando, algumas horas adiante, Monique, aos berros, exigiu os cigarros de volta, acreditando ser uma das companheiras de quarto a culpada, Madlen fez-se de desentendida e veio apartar a briga.

“O que foi que houve?”

“Eu tô cansada dessa merda. Não nasci pra viver em creche. Eu quero o meu cigarro!”

“Ah, então o cigarro é seu. Achei debaixo do colchão e confisquei. Aqui dentro, não pode fumar.”

“Você não tem o direito de roubar o meu cigarro. Me devolve o que é meu.”

“Eu devolvo sim, sem problema algum. Mas você vai ter que deixar a minha casa e viver por conta própria. Você escolhe.”

“Vai pra puta que te pariu. Eu não preciso de você. Tô tirando o maior dinheirão. Tem um caboclo lá no bar que me adora. Vou morar com ele. Me dá o meu cigarro que eu vou embora.”

E assim se encerrou a breve estada de Monique na ONG. Não se deve julgar Madlen por desistir da menina. Durante décadas de trabalho voluntário, ela aprendera a reconhecer casos sem solução. Monique acabaria por contaminar as demais meninas com ideias turvas e revoltas. Por mais frustrante que fosse, era necessário reconhecer as próprias limitações.

Janaína, por sua vez, reatava, aos poucos, o contato com o mundo, principalmente através da televisão. Passava horas assistindo a desenhos animados e a outros programas infantis. Madlen transferiu-a para junto das outras meninas, objetivando acelerar o processo de recuperação. Todas as noites, Janaína ouvia atenta as conversações das

colegas de quarto, e, pela primeira vez na vida, desfrutava de um ambiente pacífico e saudável. Sem dizer uma única palavra, acompanhava o típico burburinho adolescente e a magia que só as frases sabem carregar em si. Algumas vezes, no escuro, longe da vista de todos, esboçava um sorriso e agradecia a um Deus recém-descoberto a graça do momento agradável.

Janáina pronunciou a primeira frase cerca de duas semanas após o término das crises de choro. Ajudava Madlen a lavar a louça do jantar e de repente disse: “obrigada por tudo”.

Naquela noite, Madlen foi o ser mais feliz do mundo.

ÚRSULA DESEMBARCOU no cais de Novo Airão às 14:00 horas de fevereiro de 2005. O suor pingava-lhe da testa, e as impressões da mata incomodavam. A floresta causa reações opostas no primeiro contato: alguns se encantam com a imensidão, sentem o cheiro da liberdade e desejam perder-se para sempre nos braços selvagens; outros, como ocorreu com Úrsula, temem a ausência urbana e experimentam o despertar de fantasmas aprisionados.

Zé do Cais cumprimentou Úrsula com a alegria habitual e irritante dos guias de turismo. Úrsula o contratara por intermédio de uma agência em Manaus. Identificara-se como pesquisadora de uma fundação fictícia, elaborando um estudo sobre o índice de desenvolvimento social nas cidades amazônicas.

“Eu preciso ir direto para a pousada tomar um banho!”

A pousada superava as expectativas pessimistas. Banheiro limpo, água quente, roupa de cama e toalha frescas. A estadia em Novo Airão seria suportável. Refrescou-se no chuveiro, aplicou repelente e protetor solar, engoliu um comprimido de complexo B e vestiu roupas leves. Antes de encontrar Zé na recepção, enfiou duas pastilhas de cloro no bolso, para o caso de não encontrar água de origem confiável.

“Quero andar pela cidade, conversar com pessoas de todas as classes, saber de tudo um pouco. O meu trabalho se faz da conversa e da observação!”, explicou ao guia.

“Então a senhora tá com a pessoa certa. Conheço dos ricos aos pobres, comerciantes, pescadores, professores, garimpeiros e prostitutas.”

Os olhos de Úrsula brilharam. Naquele final de tarde, limitou-se a caminhar por Novo Airão, localizando, discretamente, possíveis áreas de prostituição. Para evitar suspeitas, questionou número de escolas, hospitais, casas com esgoto e outros dados tradicionalmente ligados a pesquisas de desenvolvimento social.

À noite, pediu a Zé para conhecer bares frequentados por garimpeiros, na certeza de que ouro e prostituição caminhavam de mãos dadas. Foram a um botequim com música ao vivo, onde pouco mais de 20 homens e mulheres se animavam na cachaça. Sentaram-se e pediram uma cerveja. Zé soltou o verbo no efeito do álcool, contando inúmeras histórias de Novo Airão, e Úrsula, com cautela e habilidade, introduziu o assunto da prostituição. O guia contou dos garimpeiros, da exploração de crianças, do projeto de Madlen e finalmente de Steve, dando à Úrsula o gancho perfeito.

“Esse repórter Steve, ele foi jurado de morte, não foi?”

“Se foi! Fugiu daqui que nem morcego da luz.”

“Eu só não entendo uma coisa: como é que esse jornalista descobriu as prostitutas escravas nos garimpos? Ele se meteu na mata? Como ele conseguiu sobreviver?”

“Isso é tudo conversa pra boi dormir!”, retrucou Zé, a língua cada vez mais solta. “Esse sujeito nunca entrou no mato. Se entrasse, ia morrer no primeiro dia, aquele pateta. O gringo é o maior contador de histórias que eu já vi por aqui. A matéria dele foi feita em cima dos depoimentos das meninas. Dizem que ele deu até dinheiro pra elas falarem. Aí é claro, mesmo quem nunca teve nos garimpos, conta uma tragédia pra receber dinheiro.”

“É, deve ser impossível alguém da cidade sobreviver na mata.”, Úrsula lançou a casca de banana – e Zé escorregou.

“Olha, até pouco tempo atrás, eu também achava que era impossível. Mas tão contando por aí a história de um piloto que se perdeu no mato, e já tá mais de seis meses na selva. É aquele piloto da televisão. Dizem que agora tá morando com os índios.”

“Eu vi esse caso na TV, mas tão dizendo que o homem tá morto.”, Úrsula fez-se de desentendida.

“Morto que nada! Tem uma menina que viu ele, diz que reconheceu na televisão. Tem certeza que é ele.”

“E que menina é essa?”

“É uma menina da vida, uma prostituta, mas ela não é de mentir não.”

“Então você conhece essa menina?”

“Claro que conheço. Sou Zé do Cais, conheço todo

“Tá aí, Zé. Vou precisar falar com todo tipo de gente, pra fazer o meu levantamento. Aproveito pra falar com essa sua amiga. É bom que eu tenha uma noção das condições em que essas meninas vivem.”

“Essa vai ser difícil. Eu vi ela pegando um barco pra algum garimpo alguns dias atrás. Mas posso apresentar outras meninas.”

“Claro que sim, qualquer uma serve.”, a jornalista retrucou desanimada.

Nos dias seguintes, Úrsula ouviu diversas pessoas. Procurou Madlen, que, desconfiada, não permitiu contato com as meninas do projeto. Sem conseguir informações relevantes, Úrsula viu-se prestes a encerrar as entrevistas, mas, conversando com um garimpeiro, foi surpreendida por uma resposta franca: “A senhora não faz serviço de pesquisa nenhum. Eu sei quem a senhora é, mas pode ficar tranquila, não sou de jogar conversa fora com esse povo de Novo Airão. Eu li a coluna da senhora na internet.” Percebendo o espanto de Úrsula, o garimpeiro explicou-se: “Nem todos nós somos ignorantes. Eu fui gerente de supermercado em Fortaleza. Perdi o emprego e vim pra cá, atrás do ouro. Mas tá difícil. A senhora tá procurando o piloto, não tá? Bem, vamos ao que interessa. Tem uma menina que viu o piloto, é minha conhecida. Tá num garimpo, não é muito longe daqui.”

“Como eu faço pra falar com essa menina?”

“Aqui, tudo é questão de preço. Posso levar a senhora lá, mas pode ser perigoso, também, se eu fosse a senhora, não andava com garimpeiro, a minha laia em geral não presta. Melhor eu trazer a menina aqui, é mais seguro pra

senhora. Vai dar 500 reais. 200 pra mim, 200 pro agenciador e 100 pra menina. A senhora paga quando ela chegar aqui, pode ser amanhã mesmo.”

Úrsula concordou descontente, pois pagar por uma entrevista contrariava os princípios da profissão. A remuneração torna a informação duvidosa, a palavra paga é desprovida de valor e confiabilidade. Mas era a única opção. Após a feliz confirmação, no primeiro dia, de que Roma fora visto por alguém de Novo Airão, não obtivera outras informações relevantes. Seria aceitar a proposta do garimpeiro, arriscando ser alvo de um golpe, ou retornar ao Rio de Janeiro, sem novas evidências.

O encontro ocorreu em um bar, no início da noite seguinte. A menina não era Monique.

“Me conte o que você sabe sobre o piloto!”

“Eu vi ele aqui na cidade.”

“Quando, como, preciso de detalhes.”

“Faz uns três meses. Foi de noite, lá no cais. Chegou de canoa, com dois outros homens e duas meninas. Levaram as meninas pra um abrigo. O tal piloto da televisão ficou esperando no cais. Depois, os três homens pegaram a canoa e foram embora.”

“Como você sabe que era o piloto?”

“Teve uma hora que ele ficou perto de um poste de luz, aí eu vi o rosto dele.”

“E pra onde ele foi?”

“Isso não sei não. Só sei que os três homens foram embora juntos.”

“Você veio até aqui, pra me dizer que viu o homem de noite no cais? Não tem mais nada? E as meninas que vieram com ele, você sabe quem são?”

“Sei, sim senhora. Uma se chama Monique, a outra não sei. A Monique faz ponto lá no bar do Totó.”

Surgiu uma nova pista, e o instinto da jornalista confirmou a veracidade da história. Partiu, apressada, em busca de Zé do Cais. Ele a conduziu ao bar do Totó, onde localizaram Monique em poucos minutos, bebendo cerveja com três garimpeiros. Usava um microvestido branco e maquiagem excessiva, na tentativa de fazer mulher de si. Úrsula entendeu que Monique faria qualquer coisa por dinheiro e, quando ela se afastou dos garimpeiros, pediu a Zé para oferecer cinquenta reais à menina. Monique aceitou imediatamente e sentou-se à mesa com a jornalista. Zé do Cais foi dispensado e retornou a casa, na certeza de que Úrsula gostava de meninas, mas pouco se importou. Monique supôs o mesmo.

“Vou levar a senhora à loucura. A senhora já foi chupada por menina nova?”

“Calma menina, você não vai chupar ninguém. Eu só quero é conversar.”

“A senhora é do tipo que conversa? Por mim, tudo bem, desde que a senhora me pague os cinquenta reais.”

Úrsula entregou-lhe o dinheiro. “Dependendo do que você me contar, vou te dar muito mais. Quero saber do moço da televisão que tá perdido na floresta, e que chegou de canoa com você em Novo Airão, mas depois foi embora de novo.”

A expressão no rosto de Monique confirmou o incidente, mas ela negou. “Eu não sei de canoa não, senhora.”

“Você quer ganhar outros cem reais ou não?”

Monique parou para pensar e, após outras promessas, contou o que sabia à jornalista. A captura de Roma pelos

garimpeiros, o resgate e a decisão de permanecer na selva.

O SOL NASCE VERMELHO, roxo, amarelo ou laranja, às vezes nasce cinza. Há lugares no mundo, onde deixa de surgir durante longos meses, outros, onde não se põe. Nos países afastados do Equador, altera a hora de ir e vir ao longo do ano. Na Amazônia, nasce quase no mesmo horário todos os dias e, naquele dia em particular, surgiu vermelho, cor do amor, cor do sangue. Roma e Arthur aguardavam Tiffany e Madlen desde a madrugada e maravilharam-se com o raiar do dia. Tiffany caiu nos braços de Roma, assim que o bote de alumínio encostou na praia. Um mês se passara desde o primeiro encontro, e o sentimento inicial fortalecera-se em ambos os corações. Após os cumprimentos, Madlen e Arthur partiram no bote, deixando aos jovens a privacidade necessária ao namoro. Combinaram reencontrar-se algumas horas depois. Madlen, preocupada, queria mostrar algo a Arthur. Seguiremos de carona no barco, deixando que Roma e Tiffany se amem em paz.

Madlen conduziu o bote ao local onde o Rio Jaú deságua no Rio Negro, porta de entrada do Parque Nacional do Jaú, importante área de preservação na Amazônia. Um imenso tronco de sumaúma, serrado em ambas as pontas, denunciava haver extração ilegal de madeira no parque. As madeireiras clandestinas costumam retirar os troncos na proteção da noite. Serram as árvores de dia, limpam a madeira e esperam o anoitecer. Então, amarram os troncos com cordas espessas, formando um tipo de balsa, e rebo-

cam a madeira até um local onde seja seguro retirá-la da água. Quando um tronco se desprende e é deixado para trás, evidencia-se o crime.

“Preciso fazer alguma coisa, Arthur.”

“Já te disse pra não se meter com essa gente. Você sabe como são perigosos. Você tem seu projeto, suas meninas, não vale a pena se arriscar.”

“Mas onde isso vai parar? Já não basta o Governo fazer vista grossa aos agricultores no Mato Grosso e às madeiras no Pará, agora até o Parque Nacional tão atacando!”

“Madlen, político só quer saber de poder. Eu acabei no mato, longe de tudo, por causa da inconseqüência de um governo.”

“Mas na época era uma ditadura militar, Arthur!”

“Hoje vivemos a ditadura da corrupção. Madlen, eu acompanho tudo nos jornais que você me traz. Durante a ditadura, os militares autorizavam o desmatamento, e pronto, era direto e sem rodeios. Hoje, a madeira dá dinheiro pro fiscal, que repassa pro secretário, que tem acordo com o governador, que é aliado do ministro. Nos baixos escalões, a moeda da corrupção é o dinheiro, já no topo da pirâmide, o que vale são os acordos eleitorais. No final das contas, o efeito é o mesmo, e a floresta é quem paga o preço.”

“Mas existe a mídia pra denunciar!”, revidou Madlen, sacando uma máquina fotográfica do bolso, para registrar o tronco. “Vou mandar essa foto pros jornais.”

“Madlen, você tá arriscando a vida, pense criatura! Pra isso acontecer dentro do parque, os fiscais tão envolvidos.”

“Se tivesse medo de morrer, tava até hoje trabalhando de garçonne na Austrália. Onde tá o seu espírito de luta, logo você, que foi militante na ditadura.”

“Aprendi que no mundo cada um precisa buscar o seu espaço. A ditadura não terminou por militância, mas pela conscientização do país. Quando a massa percebeu os erros do sistema, ele ruiu sozinho. Com a floresta acontecerá o mesmo. Vai chegar o dia em que homem descobrirá o verdadeiro valor da selva, e um tronco de árvore como esse, evidenciando o desmatamento criminoso, será manchete em todos os jornais do mundo, podendo inclusive derrubar um governo.”

“Só tenho medo desse dia chegar tarde de mais. Não me aguento. Tenho vontade de chorar, quando vejo a floresta desmatada.”

“Eu também, Madlen, mas não choro a morte da floresta, choro a ignorância da humanidade. O mundo é o reflexo dos nossos valores.”

Fez-se o silêncio. A posição do sol indicou que chegara hora de reencontrar Tiffany e Roma. Um boto rosa nadou ao redor do barco, puro e inocente, como as crianças na idade dos sonhos. Madlen pousou a mão na água, na esperança de que o animal fosse tocá-la, mas o boto desapareceu na imensidão do rio.

15 DE ABRIL DE 2005. O país inteiro acompanhava, pelo rádio e pela televisão, o depoimento de Monique à CPI que investigava o desaparecimento de Roma.

Úrsula, sabendo que as palavras de Monique só teriam

credibilidade se proferidas pela própria, convencera a menina de ir a Brasília. O delegado Mendonça encarregara-se da parte legal, conseguindo em sigilo, junto ao Ministério Público Federal, as autorizações necessárias para trazer a adolescente à capital do país.

Abriu-se a sessão com Monique narrando a convivência com Roma nos mínimos detalhes. Encerrado o relato, os senadores interrogaram a testemunha. O primeiro a pedir a palavra foi um feroz defensor do Governo, querendo lançar a tese de que o depoimento fora forjado.

“Por que você veio até Brasília contar essa história?”

“Porque a dona Úrsula me pediu pra falar tudo o que eu sei.”

“Ah, então a dona Úrsula te pediu. E o que você recebeu para vim falar aqui?”

“Não recebi nada não, senhor.”

“Vamos ser sinceros, Monique, você é garota da vida, tá acostumada a fazer tudo por dinheiro.”

Um senador da oposição interveio aos berros, “Essa afirmação é ofensiva! Não vou permitir constrangimento!”.

O Presidente da Comissão, um senador da ala governista, permitiu a linha de interrogatório, repreendendo os protestos do senador da oposição. Seguiu-se um bate-boca de alguns minutos, e, só então, Monique foi coagida a responder à insinuação.

“Todo mundo se vende o tempo todo, assim são as coisas. O senhor se acha melhor do que eu, só porque tá usando roupa chique e sabe falar bonito? Não escolhi a vida que levo, a vida é que me escolheu. Meu pai foi um puto, a minha mãe me vendeu, fui espancada e obrigada a

fazer sexo em troca de comida. Vi muita menina morrer nesse caminho. Vi muito homem como o senhor, com família e estudo, engravidar criança nas ruas. Então eu que sou a mentirosa? O senhor acha mesmo que as suas palavras têm mais valor do que as minhas?”

Úrsula vibrou em silêncio, e o senador calou-se. Nenhum outro membro do Governo ousou desacreditar Monique. O Ministro da Defesa e o Presidente da República não tiveram outra alternativa a não ser iniciar as buscas por Roma na Floresta da Amazônia. Mobilizaram-se 500 homens do Exército e da Polícia Federal, na maior operação do gênero da era pós-ditadura. Janaína foi interrogada e confirmou a história. Helicópteros sobrevoaram a região das Anavilhanas e do Parque Nacional do Jaú. Arthur tinha a certeza de que combatiam a extração ilegal de madeira, denunciada por Madlen.

NA SEMANA ANTERIOR ao depoimento de Monique no Senado, Madlen enviou a foto do tronco de madeira ao maior jornal do Amazonas. Publicou-se a matéria na primeira página, acompanhada de um breve relato por Madlen. A notícia pouco repercutiu, pois o único assunto que interessava à opinião pública a respeito da Amazônia era o caso do piloto desaparecido. Na esfera política, gerou um rápido debate entre deputados estaduais em Manaus, prometeu-se uma fiscalização rigorosa, mas nenhuma ação concreta foi desencadeada.

Pouco após a publicação da matéria, uma pequena caixa de madeira amanheceu frente à porta da ONG em

Novo Airão. Dentro havia uma ratazana morta e um bilhete dizendo: “É assim que nós cuidamos dos ratos”. Para não deixar dúvidas, havia na caixa um recorte da matéria de jornal com a denúncia de Madlen.

Ela riu. Em décadas de combate à escravidão sexual, aprendeu a desconsiderar ameaças. Se fosse acovardada, não teria sobrevivido ao primeiro mês no Brasil. Mas a intimidação deveria ser considerada com seriedade. Ao contrário dos exploradores de crianças, que lucravam o suficiente para manter um conforto simbólico, Madlen enfrentava agora um dos maiores negócios clandestinos do país. Mesmo assim, pouco se importou. Considerava a vida uma grande missão, onde a morte nada mais seria que o fim de uma incumbência. “A única certeza do homem são o amor e a morte, o resto são especulações.”, costumava dizer, e “Sei que vou morrer um dia, mas não sei o que é a morte. E se a morte for melhor que a vida?”.

O GRAU DE INTERAÇÃO entre Roma e os animais crescia dia após dia. Quando o sol revelava as primeiras cores, antes ocultas no véu da madrugada, Roma caminhava ao longo do rio, sempre sozinho, para longe da aldeia. Invocava certo estado de espírito a partir do qual realizava o elo entre natureza humana e selva: a Amazônia, era, na verdade, uma experiência dos sentidos. A manifestação da experiência evoluíra nos últimos meses; antes, próxima ao transe, estado limitado da percepção consciente, agora, em perfeita integração com a realidade metafísica do mundo.

A iniciativa de contatar os animais sempre partia do piloto, não havendo uma atração que tenderia a fugir do controle. A fauna não buscava Roma, tampouco o perseguia. Existia sim, a faculdade interna a Roma de fazer pedidos cada vez mais elaborados, através do pensamento, sem proferir palavras, mas tampouco eram pensamentos da forma como nós, simples observadores, os conhecemos, porém de uma complexa e paradoxalmente simples ação, que foge da elucidação verbal.

Roma começou solicitando a macacos que lhe trouxessem alimento. Gradualmente, aprendeu a fazer pedidos específicos, escolhendo entre bananas, açaí e, finalmente, objetos diversos. Outro feito era reunir presa e predador sem que se hostilizassem como, por exemplo, bicho-preguiça e onça-pintada. Certa manhã, posicionou-se em uma pedra na beira do rio e atraiu inúmeros enxames de abelhas africanizadas. Centenas de milhares de abelhas rodearam-no, pacíficas, em uma gigante nuvem negra, criando, ao olhar desinformado, a figura de um deus do apocalipse. Outra vez ainda, chamou inúmeras piranhas e atirou-se no rio, fazendo-as nadar em torno dele.

A primeira utilidade prática dessa qualidade ocorreu no início de maio de 2005. Chovia ininterruptamente, havia cinco dias, na região das Anavilhanas, e Roma, Arthur e os índios não suportavam mais o tédio da espera pelo céu azul. Arthur, Kona-Kona e Iwa foram pescar. Roma aventurou-se na floresta encharcada, ansiava por um pouco de solidão após cinco dias de conversações. Afastando-se da aldeia, a sensação de unidade com a selva restabeleceu-se, a duração conquistou-lhe o espírito, e a vida nada mais era que um estado avançado da consciência. O

ser humano filtra o mundo através dos sentidos, principalmente a visão, concentrando-se em objetos relativos a momentos específicos. Diversos homens, parados em uma mesma esquina, percebem universos completamente distintos: o revoltado nota a desordem urbana, o enamorado, as flores, o faminto, a carrocinha de cachorro-quente, o ambientalista, a poluição causada pelos carros. Roma, por sua vez, aprendera a concentrar-se no nada, e assim realizava o todo.

De súbito, uma grande aflição, algum mal rondava a floresta, vidas em risco. A sensação apontava na direção do rio. Roma pensou em Arthur, Iwa e Kona-Kona, concluiu que corriam perigo. Disparou rumo ao rio, desfazendo o elo com a selva, agindo por impulso, desesperado, querendo salvar os amigos. Tiros cortaram os ares, e Roma foi ao chão. Seguiram-se gritos e uma breve discussão.

“Que merda foi essa?”

“Porra, você não ouviu? Tava vindo na nossa direção!”

“Eu também ouvi, tinha algo correndo na nossa direção.”

“Vocês tão loucos! É só o vento!”

“E se for uma onça?”

“Que onça o quê! Chega dessa conversa de onça. Tá cheio de soldado pra tudo que é lado procurando aquele maluco. Não dá pra ficar atirando à toa!”

Os tiros passaram longe, a queda fora somente reflexo da precaução. Roma, camuflado na folhagem, avistou um acampamento com três caçadores. Havia capturado uma fêmea de veado-mateiro com dois filhotes. A fêmea fora morta a tiros, e os homens divertiam-se maltratando a cria. A crueldade humana é ilimitada ou seria ignorância? Os

filhotes tremiam junto ao corpo da mãe, na esperança, instintiva e inocente, de que ela tornasse a viver, desprovidos da sabedoria de que a morte é irrevogável. A esperança em si é um fenômeno humano, sendo de certo exagero atribuir tal capacidade aos veados, mas, na origem do vocábulo, a palavra deriva-se do verbo esperar, e, sem dúvida alguma, os filhotes esperavam um sopro de amor ou afeto.

A diversão dos caçadores explorava o apego dos filhotes à mãe abatida. Lançavam-lhes paus e pedras, afugentando-os para longe, mas sempre retornavam ao corpo da mãe, despertando uma estranha alegria nos caçadores. Roma observou a cena por pouco tempo, o suficiente apenas para esvaziar o ódio e focar-se na selva. Encheu o acampamento com milhares de marimbondos, apavorando os caçadores. Chamou os filhotes de veado para perto de si. Macacos foram encarregados de recolher as armas e jogá-las no rio. Só então, a nuvem de marimbondos dissipou-se, deixando para trás três homens tão incrédulos quanto amedrontados. Juntaram os poucos pertences e abandonaram a selva no bote de alumínio que os trouxera da cidade de Barcelos. Ameaçaram levar a caça abatida, mas foram dissuadidos por alguns marimbondos remanescentes. Partiram para nunca mais voltar às Anavi-lhanas.

Roma conduziu os filhotes à aldeia, onde as crianças se encarregaram de alimentá-los. A Arthur e aos índios, disse apenas que encontrara os veados abandonados na selva, e negou ter ouvido tiros na beira do rio.

CARROS SEGUINDO CARROS, que seguem carros, luzes ofuscando luzes, dia e noite, noite e dia, casa, trabalho, trabalho, casa. Vidas automatizadas por obrigações, ausência de milagres.

Um ano após o sequestro, Roma estava de volta a São Paulo. Através da janela, no pequeno apartamento de solteiro, minúsculo comparado à casa-selva, matava os dias observando o movimento na cidade, a mente longe, visando a compreender os últimos doze meses. O telefone berrou, deixou-o berrar, caiu na secretária eletrônica. “Roma, é Úrsula outra vez, por favor, retorne a ligação, preciso te entrevistar pra fechar a minha matéria. Depois de tudo que fiz por você, é o mínimo você me conceder uma entrevista.”

Roma riu, “tudo que fiz por você”. O idoso atravessou a rua fora da faixa de pedestre, o carro freou no estrondo da buzina, e o motorista despejou o estresse pela janela. Outro carro aguardava na calçada, frente à locadora de filmes, o motorista indiferente por estar obstruindo a passagem dos pedestres. O homem urinou no muro do depósito desativado. A mãe, apressada, jogou o embrulho do picolé, da filha, ao lado da lixeira. Outras buzinas, agora um caminhão descarregando cerveja no bar da esquina, congestionando os apressados.

A floresta dissolvia-se na distância de outrora. Readaptar-se à cidade, mostrava-se, surpreendentemente, de maior complexidade que se adaptar à selva. Duas semanas após o incidente com os caçadores, Roma reencontrou Madlen e Tiffany nas Anavilhanas, então completamente alagadas, estação da cheia. Relataram-lhe que a Polícia Federal o procurava na região, e Roma decidiu retornar a São

Paulo, entregando-se às equipes de busca próximas a Novo Airão. Após eternas burocracias e depoimentos, protagonizou um rápido e inútil encontro com o Presidente da República. Seguiu rigorosamente os trâmites necessários, apenas exigiu o total afastamento da imprensa, não concedendo uma única entrevista, para desespero da mídia nacional. O reencontro de Roma com os pais foi emocionante. Danniela e David sentiram-se abençoados pelo criador, milagre capaz de cicatrizar as perdas do passado. Roma fez um bom e rápido acordo financeiro com a empresa de táxi-aéreo, desistindo da profissão de piloto. Vale a ressalva que, mesmo largando a profissão, Roma continuava um aviador. Ser piloto é uma escolha de vida; ninguém deixa de ser piloto, assim como um pássaro não desaprende a voar quando pousa no galho.

O telefone novamente, “Roma, é Úrsula por favor, bla bla bla bla...”. A campainha, Danniela e David. O relacionamento com os pais transformara-se, de um amor quase obrigatório, em uma grande amizade. De volta à família, Roma adorava passar longas horas relatando as aventuras na Amazônia e ouvir sobre as transformações de um mundo que perdera na selva. Os pais visitavam-no diariamente, deixando o comércio, pela primeira vez há décadas, aos cuidados de funcionários. O telefone, “Roma, mais uma vez Úrsula, bla, bla...” .

“Você não vai mesmo falar com a jornalista?”

“Já discutimos sobre isso, mãe, eu quero distância da mídia, não pretendo ser a audiência dos próximos meses.”

“Mas a Úrsula se empenhou tanto por você, meu filho.”

“Mãe, ninguém faz nada pelos outros, todos só fazem

por si. Essa é a primeira lei da vida.”

“Como assim, meu filho? Tem tanta gente querendo ajudar os outros! A própria Úrsula, a história dela é muito triste, perdeu um irmão na Amazônia durante a ditadura. Ela ficou tocada com a sua história. Não queria que nós passássemos pelo mesmo que ela passou.”

“Mesmo se isso for verdade, mãe, do que eu duvido, pois jornalista só pensa é em matéria, mesmo se isso for verdade, ela continua fazendo o que faz por ela, não por mim nem por vocês. Foi a necessidade interna, a ânsia de curar os traumas, que a lançou nessa busca. O homem é guiado pelas próprias sombras. Somente aquele que consegue enxergar através do nevoeiro encontra a paz. E a paz não é um estado de humanitarismo. A paz se manifesta na inércia.”

“Ai, meu filho, você anda dizendo tanta coisa estranha. Mas também, a solidão na selva deve ter mudado muito a sua cabeça. Você é que deve tá certo. Mas chega dessa conversa, você leu hoje no jornal a notícia sobre a extração ilegal de madeira na Amazônia? Acho que é perto da região em que te encontraram.”

Não, Roma não lera a notícia nem qualquer outra. Acostumara-se a ouvir novidades a partir de conversas com Madlen, Tiffany, Arthur e os índios, e julgava exagerada e impessoal a maneira como os jornais despejavam informações nas pessoas. Pediu aos pais que lhe contassem os detalhes da matéria e ouviu sobre uma senhora que andava denunciando a atividade ilegal de madeireiras na reserva do Jaú.

O telefone tocou, 19:00 horas em ponto. “Vocês me dão licença, essa ligação preciso atender.”

Do outro lado da linha, Tiffany mal se aguentava de saudades. Falavam-se diariamente por longas horas, porém, por mais que a moça implorasse, Roma não pretendia visitá-la tão cedo. Se havia algo de inegável na natureza de Roma, era a consistência. Uma vez resolvido a retornar à cidade, assumira a decisão com rigor. Novo Airão, mesmo para uma rápida visita, colocaria em risco a readaptação à vida urbana.

“Me conta sobre essas denúncias da Madlen. Ela não tá se arriscando de mais?”

“Pois é, Roma, eu tô muito preocupada. Já mandaram alguns recados pra ela parar. Mas não adianta - ela tomou a questão das madeireiras como pessoal. Ela dizer que tem tanto lugar pra eles cortar madeira, que não tem a necessidade deles cortar em uma das poucas reservas na Amazônia.”

“Ela tá certa, Tiffany, na vida precisamos lutar por alguma coisa verdadeira.”

“Mais que ela já lutar? E as meninas? A ONG precisar dela. Ela não pode colocar tudo a perder. Eu tá com muita meda.”

Roma riu do escorregão no português. “Meu amor, a vida da Madlen é pôr tudo a perder, você já deveria ter percebido isso. São pessoas como a Madlen que fazem o mundo girar. Fique tranquila, no final, tudo é como tem que ser.”

Continuaram conversando, agora sobre a distância que os separava, e a saudade. Roma disse-lhe toneladas de carinhos, fazendo-a derreter-se na força dos verbos. Na floresta, Roma aprendera a retirar dos ambientes o que há de precioso. Na cidade, constatou, a grande joia a cultivar-se

são os laços afetivos, amor e amizade.

ÚRSULA ESCREVIA UM LIVRO sobre a trajetória de Roma. Entrevistá-lo era imprescindível, para saber detalhes dos meses na selva e descrever a transfiguração emocional do isolamento. A entrevista urgia, evitando, na opinião da jornalista, que o instinto selvagem do piloto adormecesse, como ocorre com os animais quando enjaulados. Mas diversas investidas falharam. Almoçou algumas vezes com Danniela em São Paulo, no desespero de persuadir a mãe a convencer o filho. Roma mostrou-se irredutível. Da selva para a megalópole, fora um passo imenso. Do estado de anônimo ao estrelato, seria um passo além da capacidade emocional.

Contrariada, Úrsula viajou a Brasília, visando a obter algumas informações complementares com Monique, mas a menina desaparecera. Após a entrevista no Senado, Úrsula quisera encaminhar Monique a uma instituição-modelo, que trabalhava com menores carentes, mas o Governo assumira a custódia da menina, trancafiando-a em um abrigo federal para menores abandonados e jovens contraventores. O local assemelhava-se a um presídio mal administrado: tráfico de drogas, gangues e nenhum tipo de atividade estimulante para os jovens. Monique fugiu. Simulou uma convulsão e escapou por uma janela na enfermaria, a única sem grades no abrigo.

Úrsula sentiu certa culpa, que transformou em nota jornalística, abalando novamente a desgastada imagem do Governo no episódio. “O poder público supera-se diaria-

mente na incompetência. Após desmentirem por meses a possibilidade de vida do piloto Roma, perderam a menina Monique. Isso mesmo: ninguém sabe do paradeiro da menor, que, provavelmente, voltou à clandestinidade da prostituição juvenil.”

E voltara mesmo. Após escapar do abrigo, Monique vagou durante dias pela periferia de Brasília, até retomar o único ganha-pão que conhecia, vender o corpo. Empregou-se em uma casa de dança e sexo, mas, na primeira noite, ao exigir o pagamento após satisfazer três clientes seguidos, recebeu uma surra de cinto – caíra na mão de uma máfia da prostituição. Aprisionaram-na. Relutante e indomável, tentou fugir por diversas vezes e sem sucesso, sendo espancada seguidamente, para servir de exemplo a outras meninas escravizadas. Certa noite, não resistiu aos ferimentos. Na febre do último suspiro, viu o rosto de Janaína sorrir-lhe e desejou que a irmã de criação tivesse um destino melhor. Então a morte.

Independente de onde o sol estiver se pondo, naquele mesmo instante, do outro lado do mundo, estará nascendo. Conforta pensar na perfeição da natureza e concluir que o destino humano esteja, de alguma forma misteriosa, enquadrado nessa perfeição.

Monique partiu para encontrar a paz que lhe faltara em vida, Janaína renasceu para o mundo. Em décadas de trabalho voluntário, Madlen nunca vira tamanha reconciliação com a felicidade. Janaína era a imagem da esperança. Apaixonou-se pelo projeto de Madlen e passou a fazer parte da equipe, auxiliando nos cuidados às outras meninas. Conhecendo profundamente o trauma das menores, abria portas onde até mesmo Madlen só enxergava pare-

des. Continuava dividindo o quarto com as meninas, sentia-se confortável com elas, e quando lhe pediam para guardar segredo sobre certas confidências surgidas nas conversas noturnas, não as participava a Madlen.

Foi Janaína quem atendeu à porta da ONG, certa noite de terça-feira, interrompendo uma reunião com Madlen e Tiffany. Ninguém, somente uma carta, outra ameaça de morte à Madlen. Tiffany chorou.

“Você tem que parar com as denúncias, eles vão te matar!”

“Não posso parar, querida, não agora, finalmente o Governo tá se movendo contra as madeireiras.”

“Mas eles vão te matar!”

“Calma, também não é assim. Cão que ladra não morde. Você acha mesmo que eles iam ter coragem de matar uma senhora da minha idade? Até mesmo pra esses canalhas há limites.”

“Eu não sei não”, Janaína intrometeu-se, “esse pessoal é capaz de tudo.”

“Bem, também, já vi tanta coisa neste mundo, quando chegar a minha hora, chegou.”

“Mas e a gente, como a ONG vai ficar?”, Tiffany perguntou aos prantos.

“Algum dia eu vou, isso é inevitável. E nesse dia terei vocês duas pra levar o meu projeto adiante. Eu tô aqui há mais de 20 anos, e nunca surgiu ninguém de confiança pra me ajudar. Agora, de uma hora pra outra, aparecem vocês duas, de uma só vez. Eu tô velha, meninas, cansada. Alguma hora Deus vai me chamar para perto de si. Quando isso acontecer, tenho fé que vocês duas vão continuar o meu trabalho, melhor até do que eu.”

A SAUDADE DA SOLIDÃO é um estado conflitante e confuso. Saudade, por definição, é uma sensação nostálgica, na qual alguém deseja rever ou possuir algo distante ou extinto. A solidão, por sua vez, é o estado de quem está na companhia única de si próprio. Assim, ter saudade da solidão é o desejo de rever a si mesmo, um contrassenso, uma vez que sempre se está consigo, ou não, e fez-se a confusão.

Três meses após o retorno a São Paulo, o peso da cidade, aos poucos, aprisionava. Roma tentava reintegrar-se à vida urbana, mas, ao enfrentar as multidões nos cinemas, shoppings ou na calçada da Oscar Freire, um vazio crescia no peito, algo como a alma se esvaziando, e regressava apressado para o apartamento. Às noites, sonhava com árvores em chamas, acordava suado e consolava-se nas luzes da cidade, espreitando o silêncio da madrugada. Sabia reconhecer o valor da metrópole, com milhões de pessoas dividindo, de forma relativamente harmoniosa, um espaço mínimo, mas a ausência de si mesmo causava saudades. Considerava, diariamente, a possibilidade de retornar à selva.

Certa madrugada chuvosa, após outro pesadelo, seguiu de taxi até o Parque do Ibirapuera, oásis no coração de São Paulo, com bosques, gramados e um lago extenso. O parque, inteiramente cercado, encontrava-se fechado à visitação; Roma pulou a cerca e caminhou ao longo do lago, revigorando-se no reencontro com a natureza. A selva lhe faltava. Sentia-se um peixe de aquário lançado no imenso oceano, capturado e reinserido no aquário. En-

tendeu a teoria em defesa dos zoológicos, segundo a qual animais presos, quando bem alimentados, não sentem falta da selva, uma vez que usufruem da ausência de lutas territoriais e do fim da busca por sobrevivência. Entendeu que a teoria era absurda.

O espírito entregou-se à natureza, Roma despiu-se e mergulhou no lago, esparrinhando água com estrondo, capturando a atenção de dois guardas, responsáveis pela ordem no parque.

“Mais um drogado! Eles não aprendem, mesmo com chuva vêm se picar aqui no parque.”

“Deve tá é muito doido pra entrar nessa água imunda e gelada.”

“Vamos dar uma surra nele.”

“Pssst, senão ele ouve a gente.”

Mas Roma não ouviu. Nadava de costas, o rosto virado para o céu nublado, imaginando-se no Rio Negro. Relembrou a noite na qual a onça-negra o perseguira, também debaixo de chuva, até que ele perdera os sentidos. Visualizou o animal na mente, lembrou o bafo quente no rosto, e concluiu ser a noite no Ibirapuera também um reinício, momento de aceitar a cidade e deixar para trás o sonho da floresta. Não se tratava de uma constatação definitiva, assemelhando-se à incerteza típica dos corações confusos, divididos entre amor e razão. Retornou à beira do lago, saiu da água, levou um pontapé nas costas e foi de bruços ao chão.

“Seu drogado de merda, tá achando que isso daqui é a casa da mãe!”, e outro chute, agora nas costelas.

Roma calou-se. Aprendera, no garimpo, que com os ignorantes não se argumenta. Mas quando um dos guardas

lhe desferiu outro chute, dessa vez no estômago, soube que chegara a hora de agir. Cerrou os olhos e concentrou-se no Parque do Ibirapuera como unidade. Transferiu a sensação ao espírito, alinhando alma e parque em um único ser vivo, para encontrar alguns enxames de marimbondos em repouso, meia dúzia de morcegos frugívoros, patos, cisnes, gansos, peixes e mosquitos, muitos mosquitos. Entre as aves e os mosquitos optou pelos segundos, não querendo pôr em risco a vida dos patos, cisnes e gansos. Após tomar um último chute, novamente nas costelas, os guardas foram literalmente devorados por mosquitos, ao ponto de se jogarem na água. Teriam uma manhã difícil pela frente, explicando ao supervisor do Parque a razão de mergulharem no lago, molhando as fardas e inutilizando a munição das armas. Roma vestiu-se e deixou o Parque do Ibirapuera. O dia clareava quando um táxi arriscou-se a pegar um passageiro andando na garoa, às cinco da manhã, em uma área não residencial, de uma cidade com alto índice de criminalidade. Milagres também ocorrem em São Paulo, e Roma reforçou a certeza de que o grande valor das metrópoles está nas relações humanas; quando menos se espera, o bem se manifesta.

NOVO AIRÃO, novembro de 2005. Madlen acordou cedo, preparou o café da manhã e instruiu Janaína a fazer exercícios de leitura com as meninas. Às sete horas em ponto, deixou a casa rumo ao mercadinho, comprou legumes, verduras, carne, e pediu que entregassem aos cuidados de Tiffany. Seguiu até o cais, embarcou no bote de

alumínio e subiu o rio, para encontrar Arthur nas Anavihanas, após três luas sem vê-lo. Madlen encantou-se com o céu azul profundo, praias virgens, leves, puras a perder de vista, folhas verdes tocando o Rio Negro, garças brancas se banhando. O barco em movimento atenuava o calor do sol, trazendo leveza e distração ao coração, saudoso de Arthur e da floresta. Ela olhava para frente, não percebendo a lenta aproximação de um bote com dois homens, que a seguiam desde Novo Airão.

Toque, toque, toque na porta da ONG, Tiffany abriu, era o rapaz fazendo a entrega das compras. “Ué, cadê Madlen?”

“Não sei não, senhora.”

“Como não sabe, ela fazer as compras e ir pra onde?”

“Ela só me pediu pra entregar isso aqui, não sei de nada não.”

“Você viu em qual direção ela foi?”

“Foi na direção do rio.”

Tiffany gelou no arrepio percorrendo a espinha. Madlen rompera o combinado, indo ao encontro de Arthur. “Janaína, cuida das meninas!” gritou e apressou-se à delegacia. O policial de plantão era um antigo amigo de Madlen, e imediatamente concordou em segui-la, a fim de evitar uma tragédia. Correram para o cais e partiram na companhia de cinco agentes federais, temporariamente na cidade para coibir a extração ilegal de madeira no Jaú. A lancha da Polícia Federal era a mais veloz da região, em poucos minutos alcançariam Madlen.

Ela só notou estar sendo seguida quando o bote com os dois homens se emparelhou a sua embarcação. Um dos sujeitos mirou uma pistola cromada no tórax de Madlen.

Ela reduziu velocidade até parar por completo, sorriu para o matador, que se intimidou; eliminara garimpeiros, políticos e policiais, nunca antes um senhora sorridente. Mas Madlen sabia não haver sorriso no mundo capaz de mudar os acontecimentos daquela manhã ensolarada de novembro. Nos poucos segundos que lhe restaram, girou os olhos pelo verde da mata e percebeu um mundo belo e misterioso. Havia sentimentos na selva, histórias, verdades, opiniões, medos, conquistas, angústias, amores, promessas, valores, ilusões, sim, selva da vida, vida selvagem. Sentiria falta da luta, não das conquistas, prazeres e recompensas, tudo que lhe faltaria seria a batalha diária por um ideal solitário. O tiro perfurou o pulmão, aves levantaram voo, e o olhar perdeu-se no azul celeste. O pistoleiro baixou a arma lentamente, demonstrando um arrependimento mínimo diante da brutalidade do ato. A embarcação policial surgiu por detrás de uma ilha, pegando os criminosos de surpresa. Sem chances para fuga, renderam-se e foram presos em flagrante. Quando Tiffany abraçou o corpo de Madlen aos prantos, a vida lhe escapou por completo.

O QUE DEFINE UM VENCEDOR? Diz o dicionário* tratar-se de um indivíduo que alcançou triunfo ou êxito brilhante em qualquer campo de ação. A princípio, não há qualquer restrição ética ao termo, portanto, Alberto Cunha pode ser considerado um vencedor. Filho de retirantes cearenses, nasceu na década de 50 no sertão pernambucano, durante a longa migração a São Paulo. Na

*Dicionário Aurélio, vitória, por extensão

capital paulista, enfrentou fome, frio e o abandono do poder público, sendo alfabetizado por um tio, o único da família a saber ler e escrever. Durante as lições diárias, ouvia o tio narrar as terras férteis da região fronteira entre Mato Grosso e Amazonas, em contraste à seca do Ceará. Ainda adolescente, ingressou no primeiro emprego, atendente de farmácia no centro comercial paulistano. Insatisfeito com o salário baixo, descobriu uma maneira de aumentar a renda: desviava pequenas quantidades de remédios, vendendo-os na favela onde residia. Os furtos não eram descobertos, pois Cunha conhecia falhas na contabilidade do estabelecimento, feita de forma genérica, na qual pequenas variações no estoque passavam despercebidas. Mesmo praticando o golpe, convenceu-se, aos poucos, que a vida na cidade não lhe traria o conforto merecido. Sonhava com as terras férteis descritas pelo tio, criando a ideia fixa de mudar-se para aquela região da Amazônia. Pouco após completar dezoito anos, despediu-se da família e partiu, de carona com caminhoneiros, para o norte do Mato Grosso. Logo surgiu a oportunidade de trabalhar na contabilidade de uma madeireira clandestina, pois na região faltava mão-de-obra qualificada para fazer cálculos matemáticos primários. No decorrer de cinco anos, tornou-se braço direito do patrão, assumindo as principais funções da empresa, aprendendo tudo sobre madeira nobre e esquemas fraudulentos para legalizar madeira extraída ilegalmente. O patrão acabou sendo morto por um rival, com quem disputava a pilhagem na região. Cunha vingou a morte do patrão, assassinando o rival, e apropriou-se de ambas as empresas, tornando-se o maior exportador de madeira nobre do Brasil. Pretendendo, aos

poucos, sair da clandestinidade, apossou-se de grandes lotes de terra, valendo-se de brechas na legislação e de funcionários públicos corruptos. Desses lotes, extraiu toda a madeira de valor comercial, queimando o restante para produzir carvão. Os campos abertos e adubados pelo fogo transformaram-se em pastos para criação de gado. Nos anos noventa, Cunha investiu na agricultura e, no início do século XXI, figurava entre os maiores produtores agrícolas do país. O homem pobre, nascido no sertão pernambucano e criado nas favelas de São Paulo, tornou-se proprietário de uma grande fortuna, exercendo forte influência política na região da Amazônia e comandando lobbies contra leis ambientais no Congresso Nacional.

Em 2005, Cunha recebeu, de uma empresa sediada nas Filipinas, uma oferta milionária por madeira nobre brasileira. Nas terras de Cunha não sobraram árvores de valor comercial, e assim recorreu ao Parque Nacional do Jaú, onde o fiscal responsável era um apadrinhado político corrupto, antigo aliado dos tempos de grilagem. Foi quando Madlen atravessou o seu caminho. O assassinato da australiana custou-lhe pouco, sobravam pistoleiros na região. Cunha só não calculou que os pistoleiros fossem presos em flagrante delito. Prevendo que a eliminação de Madlen causaria grande clamor nacional, obrigando a polícia a capturar os culpados, tratou diretamente com os assassinos, sem intermediários, para não deixar pistas do crime.

Após horas de violento interrogatório, os pistoleiros apontaram Cunha como o mandante da morte. Cinco dias depois, um dos homens mais poderosos do país estava preso. Seria julgado por um júri popular no início de 2006. A imprensa imediatamente fez a ponte: Madlen – Moni-

que – Roma, e um escândalo esquecido tornou a dominar as manchetes do país. O covarde homicídio repercutiu também no exterior, recebendo o Presidente do Brasil telefonemas dos Primeiros Ministros Britânico e Australiano, pedindo punição exemplar para os envolvidos. Para Steve, o repórter norte-americano, a tragédia foi uma dádiva dos céus, melhor, da selva. Reuniu as vastas informações de que dispunha sobre Madlen e emplacou uma matéria de capa no New York Times, arrancando protestos contra o Governo brasileiro, de toda e qualquer organização de direitos humanos do planeta, pela incapacidade de garantir a segurança de Madlen, após diversas ameaças de morte – um crime anunciado.

Quando o Governo federal descobriu que Cunha fora o mandante do assassinato, ameaçaram abafar o caso, mas o episódio mal-sucedido com Roma ensinara-lhes uma valiosa lição: bombas explodem. O Ministro da Agricultura ficou extremamente contrariado com a prisão de um grande aliado político e, principalmente, um dos maiores exportadores brasileiros, co-responsável por seguidos resultados favoráveis na balança comercial. O Presidente do Supremo Tribunal Federal sofreu enorme pressão política para conceder Habeas Corpus em favor do réu, permitindo que aguardasse o julgamento em liberdade, mas a fúria da opinião pública o deteve.

A Praça dos Três Poderes tem um estranho e doentio código de ética. O mais honesto dos políticos, ao ver um colega sendo acusado de algum crime grave, imediatamente se empenha na absolvição, seguindo a lógica: “se fosse comigo, gostaria que os meus colegas me defendessem”. Esquece, porém, a gravidade do crime, e que ele

próprio jamais seria capaz de cometer tamanha atrocidade. Cunha não era político, mas havia financiado diversas campanhas de senadores e deputados. Acusá-lo poderia atrapalhar futuras alianças. Por outro lado, a retumbante repercussão negativa do caso não permitia a defesa aberta do mandante do assassinato. Assim, calaram-se todos, na expectativa do julgamento.

Úrsula incluiu o homicídio no livro que escrevia, e novamente insistiu na entrevista com Roma. Dezenas de recados na secretária eletrônica e apelos a Danniela não surtiram efeito, e a jornalista cogitava da hipótese de publicar o livro sem o depoimento do aviador.

Roma, por sua vez, que sempre defendera a coragem de Madlen, abalou-se profundamente com o assassinato, mais que a própria Tiffany. Passou dias sem se alimentar, e as conversas com os pais, antes animadas, tornaram-se monólogos de Danniela ou David. Finalmente, em janeiro de 2006, após um longo telefonema com Tiffany, decidiu mudar-se para Novo Airão. Os pais, de corações partidos, apoiaram a decisão. Sabiam, por experiência própria, que, para superar as piores crises, um homem precisa unir-se à mulher amada.

DOIS SENHORES, trajando ternos impecáveis, apresentaram-se na portaria do Instituto Penal Antônio Trindade em Manaus. Carteiras da Ordem dos Advogados em punho, solicitaram a presença imediata do diretor do presídio. O carcereiro responsável acatou o pedido impositivo, apressando-se falar ao diretor. Sujeito inteligente,

apesar de pouco instruído, percebeu tratar-se de doutores, homens importantes. Em 15 anos de profissão, poucas vezes atendera advogados refinados. Na regra, recebia a escória da profissão, sujeitos que representavam cafetões, pequenos traficantes e assassinos de briga de boteco.

“Muito boa tarde”, o diretor cumprimentou. “A que devo a ilustre visita?”

“Estamos aqui para representar os senhores Gomes e Carneiro, acusados do assassinato de Madlen.”

“Mas eles já tão sendo representados por advogado públicos. Ontem mesmo, tiveram uma audiência.”

“Não mais. A partir de hoje, nós vamos representá-los. Eles estão sendo bem tratados?”

“Dentro do possível, mais ou menos!” o diretor respondeu receoso.

“Queremos vê-los imediatamente.”

“Infelizmente isso não é possível. Vamos ter que agendar uma visita, e hoje não tem mais horário disponível.”

“Olha só,” um dos advogados irritou-se, “eu posso transformar a sua vida em um inferno. O Brasil inteiro tá acompanhando esse caso. Se eu der qualquer declaração à imprensa sobre dificuldades criadas neste presídio, você acaba exonerado.”

“Isso não será necessário. Eu só lhes peço alguns instantes, tempo suficiente para liberar uma de nossas salas de reunião.”

O diretor retirou-se apressadamente. Aos advogados restou aguardar por duas longas horas, até que finalmente os conduziram a uma sala reservada, ao encontro de Gomes e Carneiro. Pediram para ficar a sós com os prisioneiros e foram atendidos. Os matadores colecionavam

sinais de maus-tratos, mas, nas últimas duas horas, foram devidamente medicados, e as feridas, dentro do possível, maquiadas. Um dos advogados disparou: “O meu amigo Cunha tá muito decepcionado com vocês, e não é bom negócio deixar o Cunha decepcionado.”

Gomes e Carneiro fitavam o chão, amedrontados, sem coragem para expelir uma única palavra.

“Mas o meu amigo Cunha é homem de uma grandeza enorme, conhece o perdão como poucos, e é por isso que estamos aqui. Por mais chateado que possa estar, sente-se ligeiramente responsável por colocar vocês nessa situação. Só um pouco. Afinal, a incompetência da execução foi de vocês.”

Gomes ergueu o olhar. “Já sei o que o senhor veio me propor, e eu aceito, não sou homem de entregar ninguém. Nós fomos torturados. Enfiaram um porrete no meu rabo. Mas o senhor sabe como é né, tá feito, tá feito!”

“Não se preocupe, pra tudo tem remédio. Vou garantir um julgamento justo pra vocês dois, alegaremos tentativa de assalto e que a vítima reagiu. Se vocês colaborarem, consigo uma pena de 12 anos, com liberdade condicional após quatro. Mas vocês vão ter que fazer exatamente como eu os instruir.”

ROMA ALUGOU UMA CASA próxima à ONG de Tiffany, evitando os boatos típicos das cidades pequenas. Por mais que desejasse agarrar-se à amada, julgou ser imprudente frequentar um abrigo para meninas vítimas de escravidão sexual. Algum vizinho desocupado poderia dar

curso à imaginação, difamando Roma. Tiffany o visitava diariamente, contava com a ajuda de Janaína na ONG, podendo ausentar-se despreocupadamente. Mesmo na casa alugada, praticavam a discrição. Algo enunciava que seria prudente manter o relacionamento em segredo, e o tempo lhes mostraria que tinham razão. Dizem que as grandes batalhas se anunciam; há quem as sinta no ar, outros na terra, sensações de pessimismo, vazios na barriga, lágrimas nas folhas, tremores imaginários, presságios invisíveis.

Em fevereiro de 2006, completaram-se três luas sem que Madlen fosse ao encontro de Arthur nas Anavilhanas. O combinado entre os dois era que, caso uma das partes não pudesse comparecer ao encontro no dia marcado, o rendez-vous ficaria adiado para a mesma lua no próximo ciclo lunar. Partia o coração de Roma imaginar o amigo esperando, lua após lua, sem que Madlen comparecesse, e pôs-se a caminho ainda de madrugada, portando a triste notícia na canoa. A cada remada, reencontrava o mundo deixado para trás, redescobrimo a própria alma na imensidão da Amazônia. A lua pincelava uma estrada dourada nas águas negras, e Roma a seguia, como os peregrinos rumando a Santiago de Compostela, pouco antes da descoberta de que Santiago não é um lugar, mas um estado de graça.

Quando o sol esquentou as cores da paisagem, transformando ouro em fogo, Roma aguardava Arthur no tradicional ponto de encontro. Perfeitamente reintegrado à selva, percebeu o amigo minutos antes de avistá-lo. Arthur compreendeu a tragédia assim que se encararam, pois há verdades no mundo que o coração pressente e o olhar confirma. Seguiram-se um triste silêncio e um longo

abraço. Após poucas e necessárias explicações, Arthur fitou a imensidão do rio e concluiu: “Algumas vidas superaram as desgraças. Não há nada no mundo que possa tirar o brilho da trajetória de Madlen. Ninguém jamais dirá: coitada, morreu assassinada. Não, esse fato é descartável. A história da minha amiga supera de longe a insensatez humana. Que descanse em paz. Quando mataram meu companheiro, enquanto eu me escondia na árvore, só consegui pensar no desperdício de um vida humana, repleta de sonhos e ansiosa por conquistas. Na época, senti uma revolta, que me paralisou por completo. Hoje, não. Quer saber? Estou feliz por Madlen e orgulhoso por ter conhecido um ser tão especial.”

Roma conteve-se por alguns instantes, respeitando o discurso confiante e benévolo, mas a vontade de contradizê-lo superou a consideração ao luto. “Desculpe, Arthur, mas eu discordo. Quem matou Madlen assassinou parte da selva. Em cada defensor da mata que eles eliminam, milhares de hectares sucumbem à ganância humana. Não compartilho o seu ponto de vista. Madlen ainda tinha muito o que dar pela floresta.”

Arthur silenciou, sem forças para tentar convencer um jovem revoltado, de que, ignorando a maldade, eterniza-se o bem. Uma onça-pintada surgiu da mata e caminhou ao longo do banco de areia, serena, indiferente à presença humana, deslumbrante, senhora de si. Arthur encarou Roma, como se perguntando: “Foi você quem fez isso?”, mas o piloto nada tinha com o episódio. Tratava-se de um daqueles raros momentos que recordamos por noites seguidas, de olhos cerrados, agradecendo a Deus por tamanha magia. A onça seguiu um rumo qualquer, que, para os fe-

linos, fazia todo sentido do mundo, e desapareceu na mata, assim como despontou.

Retomaram a prosa com novo enredo, os meses de Roma em São Paulo, levando Arthur às gargalhadas no episódio do Ibirapuera. Mas do riso criou-se a preocupação, ao perceber a proporção dos poderes de Roma. Todo dom traz responsabilidade; o vento sossegado poupa árvores saudáveis, derribando somente as de raízes doentes, mas a tempestade furiosa tende a varrer florestas cegamente, devastando ao invés de sanear.

“Roma, volte pra Novo Airão e ajude Tiffany a levar adiante o sonho de Madlen. Afaste o ódio do seu coração e seja sensato. Não faça nenhuma besteira.”

“Não sei que besteira eu possa fazer”, Roma respondeu com desdém, entendendo exatamente a insinuação de Arthur. Despediu-se e retornou a Novo Airão, contendo uma fúria que crescia, como o fogo no interior da terra antes de encontrar o alívio do vulcão.

À noite, nos braços da amada, pouco falou. Tiffany fez a leitura óbvia e tentou convencê-lo do clichê de que para tudo na vida existe uma razão. Mas a origem do ódio de Roma ultrapassava a barreira do consciente. De maneira turva, os relatos ouvidos na infância sobre a perseguição anti-semita agora vinham a tona, e uma armadilha do inconsciente transformava árvores em símbolos da agressão covarde contra os parentes que jamais conhecera. Roma cresceu ouvindo pai e mãe narrando os horrores da guerra, porém nunca se abalou. Provavelmente, alguma vez durante estes relatos, questionou os pais, de forma inconsciente, por terem abandonado à Polônia ao invés de enfrentar o inimigo. Agora, exposto a uma situação de

confronto, recusava-se a simplesmente tolerar o assassinato de Madlen e as agressões à Amazônia, não se permitindo a repetir o suposto erro dos pais. A questão é complexa, mas de simples não há nada na psique humana.

EM MARÇO DE 2006, os advogados de Cunha obtiveram importante vitória judicial. Argumentando que a participação do empresário na morte de Madlen ainda precisaria ser comprovada, ao contrário de Gomes e Carneiro, que foram presos em flagrante delito, conseguiram desmembrar o processo em dois, e Cunha seria julgado separadamente. Evitariam assim a imagem por si só condenatória, de apresentar Cunha, ombro a ombro com pistoleiros de aluguel, aos jurados. Impediriam também o júri de ouvir detalhes chocantes da morte de Madlen, uma vez que o julgamento se restringiria a comprovar a ligação de Cunha com os bandidos, tornando pormenores da execução irrelevantes. Em outra manobra jurídica, atrasaram o julgamento de Gomes e Carneiro, fazendo que Cunha fosse a júri popular antes dos pistoleiros. Assim, a principal prova contra Cunha seria a confissão de dois pistoleiros, que por sua vez ainda não teriam sido condenados pelo crime, ou seja, os advogados de Cunha poderiam desclassificar o testemunho obtido pela polícia, alegando tortura e ameaças, uma vez que, na data do julgamento de Cunha, o depoimento de Gomes e Carneiro ainda não teria sido aceito como veraz em um tribunal. O julgamento de Cunha se limitaria a questões técnicas, reduzindo o impacto negativo que o assassinato de uma senhora trazia.

O julgamento teve início em 15 de maio de 2006, na cidade de Manaus, com a presença de jornalistas e de entidades de direitos humanos do mundo inteiro. Tiffany, testemunha da acusação, permaneceria na capital amazônica até a sentença ser proferida, deixando Janaína responsável pela ONG. Roma ficou em Novo Airão, evitando o assédio da mídia, visto que até a presente data ninguém conseguira entrevistá-lo. Úrsula acompanhou todo o julgamento, decepcionando-se com a ausência de Roma, embora, no íntimo, contasse com o não comparecimento do piloto.

Mesmo após as manobras dos advogados, mídia e opinião pública consideravam certa a condenação de Cunha. O clima era de confraternização entre jornalistas e representantes de direitos humanos, estrangeiros e brasileiros. Fora dos tribunais, Manaus transformou-se em um grande fórum social.

No primeiro dia do julgamento, ouviram-se as testemunhas de defesa, familiares e amigos de Cunha, acima de qualquer suspeita, exaltando as qualidades do réu, desenhando-lhe a imagem de um homem quase santo, perseguido por adversários políticos, a quem a defesa atribuía a incriminação. No dia seguinte, foi a vez da acusação. Primeiro, Tiffany relatou as diversas ameaças anônimas que Madlen recebera. Em seguida, os promotores públicos apresentaram um vídeo, comprovando que Cunha estivera em certa agência bancária no mesmo dia em que Gomes recebera um depósito em dinheiro, naquela mesma agência. A defesa alegou coincidência, uma vez que Cunha frequentava regularmente a agência bancária em questão. Finalmente, chegou a hora do tão esperado depoimento

de Gomes e de Carneiro. Ambos negaram as acusações contra Cunha, dizendo que foram obrigados pelos policiais a assinar a confissão. O promotor público protestou, o juiz ameaçou puni-los por perjúrio, mas de nada adiantou, permaneceram firmes na declaração. Por fim, o juiz pediu ao júri que desconsiderasse o depoimento dos pistoleiros, prevalecendo a declaração anterior, a confissão assinada acusando Cunha. Mas o dano estava feito. Os jurados conheciam bem a truculência da polícia brasileira, e não era difícil imaginar confissões obtidas a partir de tortura. No terceiro dia, o próprio Cunha subiu ao banco dos réus, dizendo ser um admirador do projeto de Madlen e defensor da natureza. Negou qualquer envolvimento com a extração ilegal de madeira no Parque Nacional do Jaú e acusou adversários políticos de conspirar contra ele. Quando perguntado sobre a razão das diversas viagens ao Jaú nos meses que antecederam o assassinato, justificou-se como sendo um homem apaixonado pela natureza. Após as considerações finais, o júri retirou-se para deliberar. Mesmo com o revés do depoimento de Gomes e de Carneiro, a acusação estava confiante. Provaram que Cunha visitou o Parque Nacional do Jaú por diversas vezes, mostraram a estranha coincidência da visita à agência bancária, e havia a confissão assinada pelos matadores, acusando ser Cunha o mandante do crime. O júri chegou ao veredicto final dois dias adiante, e a opinião pública entrou em estado de choque. Por sete votos a zero, Cunha fora absolvido.

As causas da absolvição não se restringiram às manobras dos advogados. Cunha era um importante aliado do partido governista, e tê-lo atrás das grades seria prejudicial

não só às exportações, como ainda para a própria imagem do Governo, além de enfraquecer alianças partidárias, ameaçando todo equilíbrio político de Brasília. Por essa razão, os governistas trataram de intimidar os jurados. Primeiro, os policiais que arrancaram a confissão de Gomes e de Carneiro foram transferidos para o pior posto do país, a fronteira na selva entre Brasil e Colômbia, onde havia constante confronto com narcotraficantes. Em seguida, deixaram a notícia vazar para a mídia, que estampou o fato nas primeiras páginas, sem perceber que se tratava de manipulação. Os sete jurados eram funcionários públicos, fato comum em julgamentos no Brasil. Assim que foram indicados, receberam a visita de um suposto representante do Governo, que lhes ratificou a importância do julgamento. Pediu que não se deixassem influenciar pelo clamor público, deliberando com sensatez e correção. Mencionou a transferência dos policiais para a selva, em tom de ameaça velada. Despediu-se dizendo estar orgulhoso de um júri formado por pessoas de tamanha capacitação, e que haveria grandes possibilidades de um futuro promissor no serviço público.

QUANDO TIFFANY LIGOU PARA ROMA, informando a absolvição de Cunha, ele, para surpresa da moça, não se alterou. Disse que contava com o desfecho vergonhoso, afinal, no Brasil, os interesses econômicos regiam as questões judiciais. Despediu-se, afirmando que passaria alguns dias na floresta. Seguiu, porém, até Manaus, onde tomou um ônibus para Cuiabá, capital do Mato Grosso

do Norte. Na rodoviária de Cuiabá, entrou no único Cyber Café, na época com conexão discada, e acessou os principais jornais do país, acompanhando os noticiários sobre a absolvição de Cunha. Encontrou o que investigava, em um pequeno jornal online de Belém do Pará: o mandante do crime seguiu do Fórum de Manaus direto para Aripuanã, cidade no extremo norte do Mato Grosso, onde “descansaria para recuperar-se das acusações injustas”. Após outra busca no Google, descobriu uma fazenda de Cunha a poucos quilômetros de Aripuanã.

Roma partiu de ônibus, no final daquele mesmo dia, eliminando, em pouco mais de 36 horas, os 1200 quilômetros de estradas que ainda o separavam do assassino. Rodovias sofríveis, eis a razão da demora. Em defesa do piloto, adiante-se que Roma não seguia a lógica, tampouco impulsos de ódio, nem outras emoções. Movia-se através de uma força desconhecida a quase totalidade da raça humana, e novamente é preciso recorrer à retórica de que não há palavras para descrevê-la, algo como as mariposas voando para a fogueira, mas também não, pois mariposas já nascem com a característica de buscar a luz, enquanto Roma transformou-se no contato com a floresta. Não se tratava, portanto, de um instinto, menos ainda de aprendizado, pois, desde criança, Roma atacava os que agrediam a natureza. O instinto é, por definição, uma força inata e de origem biológica, que age de forma irracional e inconsciente, independente de qualquer aprendizado. As motivações de Roma, sem dúvida alguma, revertiam a impulsos da personalidade original, aquela com a qual nasceria, mas sofreram influências de uma educação rígida, histórias de parentes perseguidos, e, finalmente, da expe-

riência transcendental na floresta, que acabou se transformando em um estado permanente de consciência complementar.

De Aripuanã, Roma prosseguiu a pé, por uma estrada de terra, à fazenda de Cunha. No despertar do dia, o aroma da floresta abastecia os pulmões, e o piloto surpreendeu-se com a preservação ambiental na região. Desde Cuiabá, contemplara terras devastadas, pastos para gado ou imensas plantações de soja. Aripuanã, por sua vez, via-se cercada por mata virgem, sugerindo duas hipóteses: primeira – Cunha pretendia criar plantações e pastos; segunda – Cunha era tão mau-caráter, que conhecia o valor da floresta, mantendo um canto intocado para usufruto, enquanto devastava outras regiões. Fosse como fosse, pouco importava, Roma não viera para traçar a personalidade de Cunha ou para prever futuras ações criminosas. O objetivo era outro, eliminar o inimigo da selva absolvido pela lei dos corruptos. Roma, há tempo, entendera que burocracias jurídicas, alianças políticas e a ganância de proprietários de terra, somadas à falta de compromisso com o futuro e à total inércia da população pensante, cidadãos brasileiros, eram o verdadeiro combustível a incendiar a Amazônia.

Uma cerca continua, de madeira com arame, demarcava a propriedade de Cunha. A estrada de terra seguia à sede da fazenda, passando por porteiras sem cadeado, mas Roma preferiu locomover-se na mata, camuflado, sempre acompanhando o rumo da estrada. Percorridos cinco quilômetros, avistou a casa principal da fazenda, construção suntuosa, digna de um barão da contravenção. Havia três jatos particulares e dois helicópteros na cabeceira de uma

pista de pouso, e o cheiro de carne queimada denunciava churrasco. Não viu pessoas e concluiu que a confraternização ocorria do outro lado da casa, talvez em um quintal encoberto pela construção. Sentou-se em um tronco de madeira e aguardou. Recordou as primeiras semanas perdido na selva, sensações de medo, incerteza e angústia. A vida era irônica e imprevisível: tudo com que ele sonhara, naquela situação de julho de 2004, era encontrar alguma sede de fazenda; agora, só desejava a selva.

Aos poucos, a plenitude da selva tornou a revelar-se na percepção. Estranhou certa debilidade na floresta, manifestação de desequilíbrio com pontos concretos de fragilidade, como um vaso rachado por onde a água escorre. Roma encaminhou-se a um desses pontos. Encontrou os restos de um ipê derrubado a motosserra, e compreendeu a instabilidade energética da floresta. Cunha retirara toda madeira nobre, essencial para o ecossistema, deixando somente árvores sem valor comercial. Desfez-se a harmonia do conjunto.

Retornou ao ponto de observação inicial. Às quatro da tarde, a porta principal da casa, finalmente, abriu-se, e um pequeno grupo se dirigiu às aeronaves, entre eles Cunha, tragando charuto. Partiram todos, exceto o dono da festa, que retornou à casa. Um dos aviões ainda ensaiou rasantes por sobre a mansão, então o silêncio. Aos poucos, o dia também se despediu, luzes foram acesas no interior da casa, e um homem armado de escopeta, acompanhado de dois dobermanns, posicionou-se frente à porta de entrada, fazendo a segurança.

Assassinato é assunto sério e sempre será. Um homem de bem não consegue simplesmente matar um semelhante,

exceto quando seja em legítima defesa, como acontece nas guerras, onde é matar ou morrer, mas esse não era o caso de Roma, talvez da selva, mas não de Roma. Por maior que fosse o desejo, a consciência o impossibilitava de matar o malfeitor. O que fazer? Retornar a Novo Airão e seguir a vida ao lado de Tiffany, deixando o tempo agir, conforme a sabedoria que somente o tempo tem? Foi ao encontro do vigilante. Os cães ensaiaram devorá-lo, mas um piscar de olhos fez que recuassem, surpreendendo o encarregado da segurança, que ergueu a escopeta e ordenou que Roma parasse.

“Vim falar com seu patrão!”

“O senhor é conhecido dele?”, o vigilante questionou.

“Diz ao Cunha que sou amigo da senhora que ele mandou matar. Vim aqui olhar nos olhos dele e dizer que ele é um covarde.”

O vigilante concluiu tratar-se de uma ameaça e solicitou reforço por rádio, enquanto Roma permanecia sob a mira da arma. Após poucos minutos, outro vigilante atendeu ao chamado e, de pistola em punho, conduziu Roma a um pequeno galpão, próximo à pista de pouso. Amarrou as mãos do piloto com uma corda, para trás do corpo. Cunha, na companhia do primeiro vigilante, adentrou o galpão.

“Ora, ora, ora, não é o nosso herói da Amazônia? O homem que sobreviveu meses sozinho na selva? Qual motivo dessa tão nobre visita?”

“Você é um porco!”, Roma disparou, “Vim aqui para te dizer pessoalmente que você é a maior praga do Brasil!”

Cunha caiu na gargalhada, e os vigilantes o acompa-

nharam.

“Ele veio sozinho?”, Cunha perguntou a um de seus homens.

“Sim senhor, os cachorros deram uma busca geral na área, não tem mais ninguém.”

“Vê se ele tá usando algum microfone.”

Os seguranças examinaram Roma dos pés à cabeça e nada encontraram.

“Tenho uma boa notícia!” Cunha debochou, “Você vai encontrar a Madlen hoje mesmo. E o melhor é que tudo vai ser feito na legalidade. Como eu amo quando isso acontece. O sujeito entra na minha casa pra me chamar de porco, é possível? Vamos ver: você invadiu a minha casa pra me agredir, e o segurança deu um tiro na sua cara pra defender o patrão.”

Os vigilantes e Cunha novamente gargalharam. Roma não se intimidou, encarando Cunha com soberba, causando irritação.

“Vou tirar esse sorriso da sua cara!”, e desferiu um tapa de mão aberta no rosto do invasor. “Aquela velha morreu foi tarde. Ninguém se mete comigo, e agora você vai pagar com a vida, assim como ela pagou. Vamos arrastar esse traste pra fora, não quero sangue aqui dentro.”

A calma de Roma incomodava. Os vigilantes, assim como Cunha, já haviam executado pessoas anteriormente, estando acostumados a pedidos desesperados por clemência e a promessas diversas. O piloto, porém, não perdia a compostura.

“Tem alguma coisa de errado com esse puto, ele tá muito tranquilo!”, um dos vigilantes esbravejou.

“Ele acha que tô blefando!”, Cunha retrucou, en-

quanto puxavam Roma pelas pernas para fora do galpão.

Cunha não tinha como saber, mas assinou a própria sentença de morte, ao preencher a única condição justificável na consciência de Roma para matar alguém, autodefesa. A determinação driblou os obstáculos de julgamento e culpa, forçando uma ação antes condenável. Assim que todos estavam ao relento, um dos vigilantes berrou, depois o outro e por último Cunha, berros curtos, que se perderam nas bocas espumando. Foram picados por várias cobras venenosas, que Roma recrutara quando conduzido ao galpão. Nos minutos finais de vida, paralisados pelo veneno mortal, ainda assistiram, perplexos, aos dobermanns roendo as cordas que amarravam as mãos de Roma.

O QUE SE PASSOU COM CUNHA nos últimos instantes? Engana-se quem apostar em pensamentos gananciosos ou em choro por fortuna perdida. Também é um equívoco crer em arrependimento. A morte é igual para todos, só não perdoa covardia, tédio e acomodação; quem vive fugindo às tempestades tem os minutos finais como os piores. Os instantes que precedem a morte não julgam valores, somente analisam paixões e conquistas. Cunha, indiscutivelmente, vivera com paixão. Conquistara terras e acumulara prestígio, influência e fortuna, realizando os sonhos mais obscuros que povoam o inconsciente humano. Após lembrar cada instante de sua trajetória, concluiu que errara ao mandar executar Madlen. Não se tratava de culpa ou de redenção, mas da constatação, pura e simples, de que o assassinato trouxera a der-

rota. Entendeu ter ultrapassado o limite da tolerância universal: mesmo Deus e o Diabo, inimigos por definição, compartilham um código de ética.

A MÍDIA BRASILEIRA COMEMOROU, com histeria, a morte de Cunha. Manchetes como “Vingança da selva”, “Amazônia contra-ataca” e “Justiça divina” estamparam as primeiras páginas dos jornais. O mundo contaminou-se no exagero brasileiro, e telejornais, dos Estados Unidos ao Irã, dedicaram longos minutos à suposta desforra da floresta. Poucos desconfiaram do improvável ataque simultâneo das cobras, preferindo a maioria atribuir o episódio à mística da selva, e não estavam de todo enganados. Entre os que desconfiaram, Úrsula carregava razões particulares por descreer nas picadas. Pressentia também que Brasília investigaria o episódio, e alarmou as fontes na Polícia Federal, dizendo precisar de informações do caso.

Na capital, após dias eufóricos devidos à absolvição de Cunha no caso Madlen, o Presidente da República e o Ministro da Justiça lamentaram profundamente a perda do importante aliado político. Em 2008, realizar-se-iam as eleições municipais em todo país, e Cunha teria exercido forte influência para garantir prefeituras ao partido governista, principalmente na região Centro-Oeste. Não manifestaram o lamento em público, tampouco compareceram ao velório, temendo o desgaste perante a opinião pública. A Praça dos Três Poderes é assim: amizades só existem enquanto perduram os interesses.

Conforme Úrsula previra, o Ministro da Justiça ordenou uma investigação sigilosa, suspeitando haver o dedo de um partido da oposição no episódio. Logo se descobriu que Cunha e os vigilantes interrogavam um suposto invasor, pouco antes do ataque das cobras. A esposa do caseiro de Cunha andara de namoro com um dos vigilantes, e presenciara-o recebendo o pedido de ajuda do outro vigilante. Ela ainda assistira, através da janela, ao suposto invasor sendo conduzido ao galpão.

Após colher diversos depoimentos em Aripuanã, surgiram alguns relatos de um homem alto e loiro desembarcando na rodoviária, no dia anterior à morte de Cunha. Uma vez que aquela rodoviária não dispunha de um circuito de câmeras de vigilância, a Polícia Federal recolheu imagens da rodoviária de Cuiabá, apostando que a pessoa suspeita por lá tivesse passado – e chegaram a Roma. Mostraram fotos do piloto em Aripuanã e obtiveram a confirmação. Um relatório sigiloso foi entregue ao Ministro da Justiça, que reuniu-se com o Presidente para discutir a questão. Concluíram que o melhor seria esquecer o caso. Mesmo situando Roma na suposta cena de crime na hora da morte, seria impossível provar a participação do piloto em um ataque de cobras. Pior ainda, teriam que admitir que Roma fora aprisionado por Cunha no galpão, e corria-se o risco de enfraquecer ainda mais a influência do partido governista na região. Os meios de comunicação iriam explorar a história por semanas, enquanto, do ponto de vista político, o melhor seria que a morte de Cunha fosse esquecida, assim como o assassinato de Madlen e o episódio de Roma perdido na floresta. Assunto encerrado.

Úrsula recebeu do delegado Mendonça a informação

do misterioso envolvimento de Roma na morte de Cunha. Decidiu-se por não divulgar a notícia, intuindo que algo maior estava por acontecer. Viajou a Novo Airão e pouco se surpreendeu ao descobrir que o piloto desaparecera da cidade. Obteve, porém, importante avanço, tornando-se amiga de Tiffany, que estava carente e desamparada. Após a morte de Madlen, Roma passou a ser o único referencial de Tiffany no Brasil. O sumiço do piloto e a desconfiança que ele matara Cunha tumultuavam-lhe o coração. Assim, quando Úrsula, em certa tarde chuvosa, bateu na porta da ONG, Tiffany recebeu-a de bom grado. Conversaram sobre Roma, o trabalho com as meninas, o assassinato de Madlen e, finalmente, a morte de Cunha. Neste último assunto, Tiffany não disfarçou o desconforto. Úrsula concluiu que a moça suspeitava do envolvimento de Roma. Mudou de tema; profissional experiente, sabia que certas informações não se perseguem cegamente, mas aguardam-se como a onça espreitando a caça na mata. Próximo à madrugada, Úrsula recolheu-se ao hotel da cidade e, faça-se justiça, também ela se afeiçoara à moça. Nascia uma amizade, que mudaria para sempre a vida da jornalista.

Naquela noite, Úrsula sonhou com Monique. Nas imagens obscuras da mente, viu a menina sendo estuprada por um homem sem rosto. Aos poucos, Monique desapareceu do sonho, permanecendo o homem sozinho, repentinamente, em uma gráfica imprimindo jornais. Um rosto formou-se, encarando Úrsula: era Bastian, o irmão morto durante o regime militar. Acordou ensopada de suor, derrubando a luz de cabeceira no desespero de fugir à escuridão. Apavorou-se, correu à porta, tropeçou e foi ao chão. Por sorte, não se feriu. Virou-se de bruços para o

teto, respirou fundo e chorou. Uma estranha culpa passou a persegui-la após o desaparecimento de Monique, como um cão magro, aparentemente inofensivo, vagando dia após dia atrás de alimento. Agora, ao ver Janaína recuperada, questionou se realmente fizera tudo a seu alcance, quando o Governo lhe negara o direito de encaminhar Monique a uma ONG em Brasília. Na época, estivera tão focada na matéria sobre Roma, que a negativa, na verdade, causara-lhe alívio. Arrependeu-se. E, pela primeira vez, conscientizou-se de que a obsessão por Roma originava-se na perda do irmão amado.

O CONFRONTO APROXIMAVA-SE. Caso o dom da premonição fosse algo corriqueiro, o destino da reunião, na tarde chuvosa de Brasília, seria outro. No gabinete do Presidente da República, cinco homens tratavam de alianças políticas para as eleições municipais de 2008. Eram eles: o próprio Presidente Manfredo Magno, o Ministro Canário Machado, o líder do Governo no Congresso, o presidente do partido governista e Hernandes, influente agricultor e pecuarista do Amazonas.

“Quer dizer que você pode garantir 70% das Prefeituras do Amazonas?”, o Presidente indagou.

Hernandes confirmou que sim, mas, evidentemente, existia a contrapartida. Proprietário de vastas terras na Amazônia, explorava somente 20% do solo, sendo obrigado a preservar a mata nativa em 80% das terras, devido a leis ambientais de âmbito federal. Solicitou ao Presidente que editasse uma Medida Provisória, reduzindo de 80 para

50 o percentual a ser preservado. Equipar-se-ia com maquinário potente para fazer as derrubadas. A opinião pública pressionaria pela revogação da medida, e assim se faria, após um mês. Durante 30 dias, Hernandez derrubaria os 30% adicionais aos quais, então, teria direito. E quando o Presidente revogasse a medida, alegando engano, arrependimento ou motivos de alçada jurídica, a opinião pública se esqueceria, sem prejuízos à popularidade do partido governista.

Duas semanas depois, na véspera de uma viagem de 15 dias à Europa, publicou-se a polêmica Medida Provisória no Diário Oficial. Quando a opinião pública reagiu indignada, exigindo-lhe a revogação, o porta-voz da Presidência informou que era preciso aguardar o retorno do Presidente. Hernandez iniciou as derrubadas no mesmo dia, em três frentes, na floresta da Amazônia. Dezenas de tratores e operários desmatariam dia e noite, sem pausa, os 30% adicionais.

Transmitir o horror de uma derrubada frenética e apressada, qual se sucedeu nas terras de Hernandez, é tarefa árdua, que raramente se iguala à dimensão da tragédia. Jabutis, cobras, bichos-preguiça, pequenos lagartos, insetos e outros animais lentos, são esmagados por árvores tombando ou atropelados por tratores. Aves recusam-se a abandonar os ninhos, perecendo junto às crias. Mamíferos de grande porte, como a onça-pintada, fogem para áreas ainda preservadas, invadindo territórios de seus semelhantes, originando brigas sangrentas e, geralmente, mortais. Tatus e outros animais de toca sucumbem soterrados. À noite, a dimensão da agressão aumenta, com aves diurnas, incapazes de enxergar no escuro, decolando apavora-

das das árvores tombando, encontrando a morte no voo cego. A lei brasileira tem as suas brechas, e promotores engajados deveriam explorá-las para preservar a Amazônia. Matar um animal silvestre é crime grave, sujeito a pena de prisão. Somando os animais massacrados em um único dia de derrubadas, Hernandes nunca mais sairia da prisão, a não ser amparado por um habeas corpus.

Roma retornara à aldeia de Arthur, sem revelar ao amigo o envolvimento na morte de Cunha. Somente narrou a absolvição do mandante do crime e dissera ter lido em um jornal que Cunha falecera de forma misteriosa. Ao sentir na alma as derrubadas de Hernandes, despediu-se afirmando ir à Novo Airão. Rumou, porém, para o foco do desflorestamento mais próximo, a 200 km de onde estava, acompanhado da onça-negra. Na pressa de percorrer a distância, desenvolveu um novo dom: soube correr por entre a mata fechada a 30km/h, sem se cansar, desviando instintivamente de qualquer obstáculo. Alcançou o local da derrubada em cerca de seis horas.

LUA E NUVENS BRINCAVAM de empurra-empurra, ora revelando a imensidão da Amazônia, ora jogando sombras por sobre a mata. Alheias à disputa no céu, Úrsula e Tiffany conversavam a sós na sala do ONG. A convite de Tiffany, Úrsula trocara o hotel pelo quarto de Madlen. Seria algo como a raposa no galinheiro, mas somente seria, pois o tempo traz mudanças, ou foram os sonhos, enfim, o pesadelo de Úrsula, a queda e os instantes que se seguiram transformaram-na profundamente. Evi-

dente que o projeto de escrever novas matérias, entrevistar Roma e terminar o livro continuavam a ocupar uma questão central na existência da jornalista, mas a abordagem, antes cega, feroz, egoísta e comandada por instintos, agora se revelava sutil e preocupada com o piloto. É comum o jornalista envolver-se com o objeto da reportagem, mas Úrsula foi além, ao pressentir que Roma era um elo para todas as questões mal resolvidas em relação à morte do irmão, e não imaginava o quão certa estava. Roma sabia que o amigo de Arthur, morto pelos militares com veneno de cobra, era o irmão de Úrsula. Nos meses em São Paulo, após deixar a selva, pesquisou, na internet, sobre um homem supostamente morto com veneno de cobra durante a ditadura e deparou-se com um processo judicial de Úrsula contra o Estado brasileiro.

Tiffany encarou Úrsula, no desejo de abrir o coração à jornalista, mas conteve-se por alguns instantes. Seria prudente? Úrsula, percebendo a hesitação, apertou-lhe a mão direita, que repousava sobre a mesa. “Está tudo bem. Você pode contar comigo, seja lá qual for o seu problema.”

“Na verdade não é problema”, Tiffany respondeu, “mas é que tô confusa. Eu tô grávida.”

“De Roma?”

“Sim, ainda tá bem no início.”

Úrsula abraçou-a com carinho, desejando-lhe felicidades. Tiffany chorou, num misto de fragilidade típica do início de uma gravidez, distância dos pais e insegurança relativa a Roma. É claro que Tiffany, conhecendo os dons do amado, sabia que havia o dedo do piloto no ataque a Cunha. Não o repriminou conscientemente, mas, para alguém que dedica a vida a salvar crianças exploradas, é di-

fácil aceitar o assassinato. Filantropia e vingança são incompatíveis. Quem ama a vida alheia ao ponto de abdicar da própria não tem ódio o suficiente no coração para desejar a desgraça de um malfeitor. Úrsula, adivinhando as angústias da moça, perguntou se ela suspeitava do envolvimento de Roma na morte de Cunha. Após a resposta positiva, tranquilizou Tiffany, relatando que Roma, caso estivesse envolvido, agira em legítima defesa, após ser aprisionado pelos homens de Cunha. Contou ainda que o Governo abafara o caso e que Roma não corria qualquer risco de ser indiciado no episódio. Pela primeira vez, revelara uma confidencialidade, antes que fosse publicada no jornal. A floresta, definitivamente, começava a atuar sobre a jornalista. Tiffany, por sua vez, teve a melhor das noites há meses. No escuro da cama, imaginou-se cuidando da ONG e de seus filhos com Roma, pois outros viriam. Morariam para sempre em Novo Airão, como uma família feliz. Mas o futuro se mostraria diferente: nem melhor, nem pior, apenas diverso.

NO FINAL DE AGOSTO, o Presidente da República recebeu o seguinte relatório confidencial:

12 de Agosto de 2008, Fazenda Sucuri de Hernandes Beltrão. Às 20:30, uma equipe de 80 pessoas foi atacada por marimbondos, enquanto derrubava os primeiros hectares, após publicação da Medida Provisória. Segundo descrições dos envolvidos, o ataque não se assemelhou a qualquer outro já registrado no planeta. A quantidade de insetos sugere que centenas de enxames se uniram “para comba-

ter a derrubada”, fato esse considerado impossível por biólogos consultados. Os trabalhadores fugiram apavorados, deixando para trás tratores e motosserras. Não foram registrados casos de reação alérgica. Após duas horas, uma equipe de cinco voluntários reaproximou-se dos equipamentos sendo novamente rechaçados pelos marimbondos.

13 de Agosto de 2008, Fazenda Sucuri de Hernandes Beltrão. Ao raiar do dia, os trabalhadores retornaram ao local e não havia mais sinal dos insetos. Porém, todo o maquinário fora danificado, estando inápto para operar. As motosserras foram totalmente destruídas, sem possibilidade de reparo. Já os tratores tiveram diversas peças dos motores retiradas, necessitando de reposição junto ao fabricante, com prazo de entrega mínimo de 40 dias. A derrubada teve que ser encerrada.

13 de Agosto de 2008, Fazenda Onça Parda de Hernandes Beltrão. 50 pessoas trabalhavam nas derrubadas quando também foram atacadas por marimbondos. Três homens tiveram reação alérgica grave, sendo encaminhadas a posto de saúde em Manaus. Assim como na Fazenda Sucuri, os trabalhadores retornaram ao local do ataque após algumas horas e encontraram todo o maquinário danificado. A derrubada teve que ser encerrada.

14 de Agosto de 2008, Fazenda Morro Baixo de Hernandes Beltrão. Avisado dos dois outros ataques de marimbondos, o senhor Hernandes pessoalmente acompanhou a derrubada, cercando as cabines de tratores com telas, para proteger os condutores de um possível assalto dos insetos. No final do dia, também os 60 trabalhadores da Fazenda Morro Baixo foram atacados. Quem estava a pé fugiu, retornando aos alojamentos, enquanto os condutores dos tratores, protegidos por telas, continuaram com as derrubadas. Foi quando a

situação se tornou ainda mais improvável. Macacos furiosos lançam-se sobre os tratores, arrancando aos berros as telas de proteção, abrindo caminho para os marimbondos, forçando os condutores à fuga. Ocorreu então a primeira fatalidade: um dos condutores portava uma pistola e revidou ao ataque, matando alguns macacos. Os animais porém não recuaram, e, quando conseguiram arrancar a tela, o homem que matou os macacos a tiros foi morto por centenas de milhares de marimbondos. Assim como nas outras ocorrências, maquinário e equipamentos foram misteriosamente destruídos.

15 de Agosto de 2008, Fazenda Morro Baixo de Hernandes Beltrão. O relato a seguir foi presenciado por cinco pessoas, por mais irreal que possa ser. Enfurecido com o ataque dos animais, o senhor Hernandes decidiu atear fogo à floresta. Segundo testemunhas, teria dito que iria “queimar toda Floresta da Amazônia”. Escoltado por quatro homens armados, aproximou-se do local onde os insetos repeliram a derrubada. Foram rodeados por milhões de marimbondos, sem sofrer picadas, os insetos somente giravam em torno deles, aprisionando-os em um gigante círculo negro. Recordando-se do homem que fora morto após atirar nos macacos, baixaram as armas. Os insetos então abriram uma pequena brecha no cerco, e um homem descrito como alto e loiro, escoltado por uma onça-negra, adentrou. O seguinte diálogo teria ocorrido:

Homem: “Se eu fosse vocês, não derrubaria mais uma única árvore nessa floresta.”

Hernandes: “Como não! Quem é você?”

Homem: “Sou apenas um amigo da Amazônia”

Hernandes: “Mais essas terras são minhas! Posso fazer o que bem entender.”

Homem: “A floresta não tem dono, pertence a ela mesmo.”

Hernandes: “Eu não posso aceitar isso.”

Homem: “Vocês estão avisados e devem espalhar pra todo mundo: a partir de hoje, ninguém mais derruba uma única árvore na Amazônia, ou vai pagar com a vida.”

O homem virou as costas e deixou o círculo dos marimbondos. O senhor Hernandez ameaçou puxar uma pistola, que carregava escondida na cintura. Nesse instante, a onça-negra lançou-se sobre o senhor Hernandez, levando-o ao chão, arranhando-lhe o rosto com as unhas da pata, forçando-lhe à rendição. Os demais homens não reagiram. Após imobilizar o senhor Hernandez por longos segundos, a onça afastou-se carregando a pistola na boca. Os insetos dissiparam, e a onça e o homem loiro haviam desaparecido.

18 de Agosto de 2008. Assim que Hernandez denunciou o ocorrido, uma equipe da Polícia Federal iniciou uma investigação sigilosa. Entre os agentes federais, havia dois homens que trabalharam na investigação da morte de Cunha. Suspeitaram que o homem alto e loiro pudesse ser o piloto Roma, e as testemunhas o identificaram imediatamente.

25 de Agosto de 2008. Chegam relatos de diversos ataques de marimbondos em outras propriedades, sempre durante a atividade de derrubadas. Na boca da população local, corre a história de que a atividade predatória do homem teria despertado o espírito da floresta. Todas as grandes derrubadas na Amazônia estão paralisadas.

O PRESIDENTE MAGNO, FURIOSO, lançou um copo de água ao chão. Virou-se ao Ministro Canário Machado “Suma com esse desgraçado do mapa, ele já passou de todos os limites. Mande os melhores homens da Fede-

ral, hoje mesmo, agora, o que você tá esperando?!”

“Não tem como, a história vazou.”

“Como vazou? A droga desse relatório não é confidencial?”

“Aquele jornalista de novo, Úrsula Marion.”

“Ah, eu ainda descubro quem anda passando notícias a essa megera. Já saiu no jornal?”

“Vai ser publicado amanhã, uma fonte no jornal me garantiu.”

“Droga, droga, droga. O que a gente faz agora? Só se a gente sumir com ele na surdina!”

“Impossível, Presidente. Se esse sumiço vazar, acaba o seu mandato, o partido, tudo. Não podemos arriscar. De qualquer forma, a mídia vai transformar esse Roma em herói. Antes de nos livrarmos dele, precisamos desconstruir o mito. Se o homem simplesmente desaparece, a população local vai se recusar por décadas a trabalhar nas derrubadas. Em cada sombra na floresta vão enxergar o piloto. Lendas e mitos sobrevivem por muito tempo. Precisamos capturá-lo e desmistificá-lo. Abrir uma CPI e fazer exaustivos interrogatórios. Mostrar ao povo que ele não passa de um louco, que acredita ser o dono da floresta. Só assim, teremos paz novamente.”

“Ah, você é muito precavido, mas é por isso mesmo que é o meu homem de confiança. Faça como achar melhor, mas coloque a Federal no calcanhar desse Roma.”

“Vou organizar isso agora mesmo. Ah, Presidente, o Hernandez tá esperando lá fora com cara de poucos amigos. Quer lhe falar.”

“Diz pra minha secretária mandar ele entrar.”

Hernandes entrou, o rosto marcado pelas unhas da

onça-negra, o olhar ainda aterrorizado. Resumindo uma longa conversa, Hernandez retirou o apoio às eleições municipais de 2008. Desconversou, dizendo que não fizera caixa o suficiente para garantir os votos, devido ao fracasso nas derrubadas. O Presidente quis convencer-lo do contrário, argumentando que Roma estava prestes a ser preso e a questão se resolveria. Hernandez balançou a cabeça.

“Não se trata de um homem, mas de toda a floresta. Vi a morte no olhar de uma onça e jurei nunca mais derrubar uma única árvore. O mundo tá mudando, aquecimento global, falta d’água, desequilíbrios em todas as esferas. A floresta de hoje, sem qualquer valor, é o tesouro do amanhã, a garantia de sobrevivida humana no planeta. Não quero que meus netos me acusem de genocídio. No futuro, os grandes devastadores da Amazônia serão execrados nos livros de História, comparados aos piores facínoras da era humana.

O Presidente suspirou incrédulo. “Agora você virou vidente por um acaso? Você teve essa visão assim, da noite pro dia, e resolveu abandonar tudo?”

“Foi nos olhos de uma onça que vi a mudança se aproximando. Preciso ir. Não contem mais comigo.”

O ÓBVIO CONFIRMOU-SE. Após Úrsula revelar ao mundo trechos do relatório confidencial, o piloto transformou-se na maior celebridade do planeta. Construiu-se um herói à moda antiga, protetor de árvores indefesas, símbolo da questão ambiental. Satélites monitoravam, 24

horas por dia, possíveis derrubadas na Amazônia, confirmando a redução do desmatamento para um percentual ínfimo. Surgiu, assim, uma nova esperança global. O Governo brasileiro ainda tentou desmistificar o piloto, divulgando, nos meios de comunicação, imagens do condutor de trator supostamente assassinado por Roma, mas a própria esposa do condutor, em entrevista à televisão, disse que o marido colhera o que plantara, por agredir a natureza durante anos. Hernandes converteu-se em defensor ativo da floresta, transformando as propriedades na Amazônia em reservas ambientais. Nunca revelou as negociações que antecederam a reação de Roma, por não querer expor antigos aliados. Governos estrangeiros adotaram o silêncio. Por um lado, temiam contrariar a unânime opinião pública, que aplaudia as ações de Roma. Por outro, seria imprudente defender um sujeito que poderia transformar-se em uma ameaça à soberania nacional brasileira. Temiam que outros homens seguissem o exemplo, surgindo um defensor do Alasca, da savana africana, das florestas asiáticas e dos oceanos. Seria uma tragédia para as atividades econômicas e para os interesses corporativos. Mas contrariar a opinião pública numa democracia, é tragédia igual. Fez-se o silêncio. O Governo brasileiro acabou politicamente isolado, mas manteve com firmeza a posição: Roma era um criminoso e precisava ser detido.

NO RIO NEGRO, uma rocha solitária. Chuva sem vento. Gotas cinzas silenciam a floresta. Sobre a rocha, Roma presente a lenta aproximação de barcos de borra-

cha. Cinco botes com oito tripulantes cada. O rugir dos motores se sobrepõe à chuva, e as embarcações desaparecem por entre o véu de água. 40 agentes federais apontam as armas para Roma. Ele mergulha no rio. Três tiros, “Cessar fogo, queremos ele vivo!”. Roma agarra-se a um boto, que o conduz, por baixo dos botes, à margem do rio. Os agentes, excitados, buscam o piloto na água próxima. Ele se agacha na beira do rio, no limite da floresta. A chuva cessa, a visibilidade aumenta e os agentes o avistam. Atônitos e desconfiados, custam a reagir. Cautelosos, rumam na direção do piloto, que aguarda alguns instantes, para, só então, desaparecer na mata. Os agentes, encharcados, desembarcam e seguem o rastro de Roma, pegadas, plantas rasteiras pisoteadas, galhos feridos. Dois homens permanecem guardando os barcos. A noite cai sobre a floresta, e o grupo que segue Roma arma o pouso. Pouco conversam, tensos: a selva os espreita. Torna a chover forte. Dez homens se alternam na vigia, enquanto os demais descansam. Roma e um grupo de macacos cercam o acampamento. A chuva abafa ruídos, os agentes nada percebem. Dormem ou vigiam agarrados às armas, impossibilitando desarmá-los. Os macacos furtam, porém, grande parte dos suprimentos, como remédios, rádios de comunicação e munição. Deixam os alimentos, para que os agentes não sejam obrigados a caçar. No amanhecer, os homens percebem o assalto, o moral despenca. Sentem-se vulneráveis. Decidem permanecer no mesmo local, esperando que Roma os confronte. Grupos de cinco homens fazem varreduras periódicas no entorno do acampamento. No início da tarde, um dos grupos é atacado por incontáveis marimbondos. No desespero, separam-se e fogem,

perdendo-se na selva. Roma os surpreende um por um: a onça ataca, levando o agente ao chão, rápido, eficaz, sem possibilidade de reação; Roma o desarma e indica o caminho de volta ao acampamento. As varreduras são canceladas. A noite cai. Ninguém dorme. Roma os ignora, aumentando a tensão. Na manhã seguinte, parte dos agentes defende o retorno a Manaus, antes que a humilhação seja maior. Há discordância, e os homens permanecem. Nos três dias que se seguem, Roma surge esporadicamente para um ou outro homem, com a intenção de manter os agentes no local. No quinto dia, um dos homens, no limite da exaustão mental, corre sozinho para dentro da mata, atirando para todos os lados, ordenando que Roma o enfrente. O homem é rendido pela onça-negra. Roma o desarma, enquanto a onça pressiona o agente contra o chão. “Diga a seus companheiros que desapareci com os cinco botes. Quatro estão no fundo do rio, somente um tá escondido na mata. Se vocês quiserem esse bote de volta, para retornar à Manaus, a condição é que vocês deixem todas as armas para trás. Até agora, poupei a vida de vocês. Mais alguns dias, e a minha abordagem será outra.” O agente, apavorado, transmite o recado. Dez homens são designados para verificar os botes. Regressam, confirmando o desaparecimento. Os dois agentes responsáveis pela guarda foram atacados por marimbondos e fugiram para dentro da mata. Quando retornaram, não havia sinal dos botes. Após rápida deliberação, aceitam os termos de Roma. Deixam o armamento para trás e dirigem-se ao rio, onde o único bote os aguarda. Espremem-se na embarcação e regressam a Manaus. Humilhados, apresentam-se ao superior, garantindo ser impossível capturar Roma na

selva.

NA NOITE DE OUTUBRO de 2006, a batalha de Tiffany era outra, contra a insônia. Rolava de um canto da cama ao outro, o pensamento no futuro incógnito. Veria Roma novamente? Fazia-se tal pergunta com frequência. Cogitava de retornar ao Canadá, para próximo da família, a solidão apertava. Úrsula voltara ao Rio de Janeiro, e Tiffany notava-se cada vez mais supérflua na ONG, que, nos últimos meses, fora conduzida com sucesso por Janaína. Madlen lhe faltava, Tiffany sofria de isolamento intelectual. Sentia-se também insegura, temia suspeitarem que o seu filho fosse filho de Roma. Nas últimas semanas, fora atormentada por leves paranoias, insinuações da mente afirmando que estaria sendo observada. Temia que pudessem usar o filho de Roma como isca para capturá-lo. Saía pouco da ONG e usava roupas largas para disfarçar a gravidez. Às noites, recolhia-se cedo ao aposento, mas o sono lhe fugia.

De repente, alguém invadiu o quarto pela janela. Tiffany quis gritar, mas uma mão forte sobre a boca a conteve. “Sou eu, meu amor.” Ela caiu em lágrimas e abraçou Roma.

“Eu tô vendo que vou ser pai, que notícia maravilhosa.”

“Você ficou feliz? Eu tinha medo que você não quisesse.”

“Que absurdo. Claro que quero um filho com você.” Beijaram-se. Tiffany inquietou-se.

“Mas como vamos criar o nosso filho? Você tá sendo procurado pela Polícia Federal.”

“Vamos sair do Brasil, você toparia morar no Canadá?”, Roma quis saber. Tiffany reagiu incrédula.

“Mas você vai abandonar a floresta? Eu jamais pediria isso!”

“A floresta não precisa de mim, era eu que precisava dela, demorei, mas me dei conta. Meu tempo de defensor acabou. Vim justamente pra te dizer isso.”

“Mas eu não entendo.”

“Outra hora explico, essa história é longa. Vamos ao que interessa. Você deve contatar a embaixada do Canadá e verificar se o seu país me concede asilo político.”

“Acho que isso não vai ser difícil, nas últimas semanas governos de todo mundo te defenderam publicamente. Depois de evitar te apoiar no início, se renderam à aprovação unânime das pessoas.”

“Que ótimo. Vamos fazer o seguinte: eu organizo a minha ida ao Canadá, tem alguém que com certeza vai me ajudar. Você precisa me conseguir permissão para pousar no México e sobrevoar os Estados Unidos. Mas tudo isso você pede à embaixada do Canadá, eles que se virem. Volto em 20 dias, e você me confirma se tudo deu certo. Se você não conseguir, eu penso em alguma outra alternativa.”

“Tá combinado. Roma, queria te pedir um pequeno favor: sabe a jornalista Úrsula? Ela ficou muito minha amiga. Você não tem como dar uma entrevista a ela?”

Roma pensou por alguns instantes. “Que ela esteja aqui quando eu retornar em 20 dias.”

RESUMINDO 20 DIAS, o Canadá concedeu asilo político a Roma. De início, as autoridades canadenses descreditaram Tiffany, mas a intervenção de Úrsula confirmou os fatos. Em uma operação diplomática com poucos precedentes, o governo do Canadá garantiu um corredor diplomático ao avião de Roma, para sobrevoar os EUA. Não contataram governos da América Latina, por não confiarem no sigilo das autoridades de alguns países, e instruíram Tiffany para que Roma reabastecesse o avião na Flórida.

Ao mesmo tempo, Roma procurou Hernandes, a quem agora considerava um aliado. Após o episódio na Fazenda Morro Baixo, Roma retornara algumas vezes ao local, notando a metamorfose do antigo inimigo. Além de preservar a mata, Hernandes iniciou o reflorestamento das terras antes cultivadas e montou uma base de pesquisa para estudantes de Biologia na fazenda. Hernandes imediatamente concordou em ceder uma aeronave ao piloto e não aceitou que Roma o pagasse. Optaram por um avião monomotor, de difícil localização por radares. Hernandes prepararia o avião especialmente, implantando tanques adicionais de combustível, para que pudesse superar longas distâncias sem reabastecimento. O plano de Roma era deixar o território brasileiro pela costa leste e voar por sobre o oceano Atlântico até o México. Estender-se-ia até a Florida, mudança que não traria complicações.

Na data combinada, Roma retornou a Novo Airão, encontrando Tiffany e Úrsula aguardando na ONG. Festejaram o sucesso de ambas as frentes. Úrsula, eufórica, quis

entrevistá-lo, mas Roma fez que não. Marcou um encontro para o início da madrugada no cais da cidade. Instruiu Tiffany que passasse o número de identificação da aeronave de Hernandez para as autoridades do Canadá. Abraçaram-se longamente na despedida. Tiffany seguiria de avião comercial até Toronto, onde se encontrariam.

“SENHOR PRESIDENTE, o nosso serviço de inteligência descobriu que Roma vai deixar o Brasil, por via aérea, amanhã. O Canadá concedeu asilo político. Devemos interceptar o avião?”

“Você quer fazer o quê? Abater o avião e matar o grande herói do momento?”

“Podemos tentar forçar um pouso e prendê-lo.”

“Não, jamais! Lugar de Roma não é no Brasil. Quero esse sujeito o mais longe daqui possível. Deixa ele ir.”

ESTRELAS. Nos canais do arquipélago das Anavihanas, uma canoa. Aos poucos, a aurora. Úrsula, sorridente, observava a natureza através de uma filmadora, documentando a viagem. Um novo universo abria os portais, intenso, colossal, exuberante. A filmadora não só registrava, como também amortecia o impacto, criando uma barreira entre Úrsula e o desconhecido. Algumas horas depois, Roma instruiu que parasse a filmagem, pois se aproximavam de uma região secreta. Úrsula guardou a máquina, o coração acelerou. O silêncio da floresta, de re-

pena, inexistia, nunca existiu. A respiração tornou-se prolongada, lenta, tensa. Alguns medos isolados fugiram à reclusão do inconsciente, causando um ligeiro arrepio e dissiparam-se na imensidão selvagem. A canoa avançou no rio que conduzia à aldeia de Arthur. Alguns poucos mosquitos, “febre amarela, malária, dengue”, paranoias modificando os pensamentos, protegendo a alma da exposição sem precedentes. Há limites nas verdades que o ser consegue suportar.

No início da tarde, Roma encostou a embarcação e concedeu a entrevista. Quando Úrsula acreditou que retornariam a Novo Airão, Roma a conduziu à aldeia. “Tem alguém que você vai querer conhecer.”

A primeira impressão, ainda de longe, causou tamanho alvoroço, que as pernas de Úrsula se inclinaram na tremedeira nervosa. Com cada passo, rumo a quem todos imaginavam ser Arthur, o coração expandiu-se, frenético, por corpo e alma.

“Bast? Ba? Bastian? Bastian? Como? Mas Bastian? É você? Não é possível, eu te vi morto!”

Úrsula caiu no choro e abraçou o irmão. Arthur, agora Bastian, também não conteve as lágrimas. Permaneceram assim, por longos minutos, em silêncio absoluto e, mesmo a floresta, sempre agitada, calou-se na emoção do improvável reencontro.

“O que é, como, eu vi você morto, a cobra, eu não entendo...!”

“A história é bem simples.”, Bastian explicou. “Eu e Arthur éramos fisicamente muito parecidos. Por isso combinamos que, caso um de nós fosse preso pelos militares, diria ser o outro. Assim, o meu arquivo foi para a lista dos

casos encerrados, enquanto Arthur constava como fugitivo. No início, tive que manter a história, pois demorava alguns meses para que as listagens dos procurados fossem atualizadas. Depois, não voltei atrás, para não ter que dar explicações. Planejava retornar a Manaus, onde o meu documento de identidade estava escondido, e tornaria a ser Bastian, que já não constaria mais na lista dos inimigos do Estado. O corpo que você viu deve ter sido transfigurado pelo veneno; assim, nem você percebeu a troca. Eu me apeguei à selva e larguei tudo, fui ficando, ficando e, quando me dei conta, minha vida era outra. Quis te contatar, Úrsula, mas, por questões de segurança, não o fiz. Os anos foram se passando, e quando a ditadura terminou, pensei novamente em te procurar. Mas fiquei com receio: não queria virar o homem que reapareceu das cinzas, dar milhares de explicações, sair do meu anonimato da selva. Fui adiando, adiando e acabei não te procurando. Isso aqui agora é a minha vida. Espero que você me entenda.”

“Olha, não sei se entendo, mas a última coisa que vou fazer agora é te julgar. Esse é o dia mais feliz da minha vida. Você tá vivo!”

Abraçaram-se novamente. Roma despediu-se e partiu rumo à Fazenda Morro Baixo. Úrsula prometeu passar semanas na aldeia de Bastian, convivendo com o irmão reencontrado, mas antes tinha uma entrevista e um livro a publicar. À noite, Bastian a conduziu de volta a Novo Airão, e marcaram de reencontrar-se no cais da cidade, duas luas adiante.

Roma deixou o Brasil sem imprevistos e, no dia 12 de novembro de 2006, pousou no Aeroporto Internacional

de Toronto, sendo recebido por Tiffany e milhares de jornalistas e curiosos de todo o mundo. O Governo brasileiro não contestou o asilo político concedido ao piloto. Hernandes enfrentou um pequeno processo por facilitação de fuga, mas, por ordem do Ministro da Justiça, o processo acabou sendo arquivado.

Roma e Tiffany vivem hoje no sul do Canadá, em uma pequena cidade com 1500 habitantes, próxima a uma reserva ambiental, onde Roma atua como guarda florestal. A filha, batizada de Madlen, é apaixonada pela natureza.

O livro de Úrsula tornou-se o mais vendido do mundo em 2007, sendo traduzido para 38 idiomas. O título do livro, “Tem um louco solto na Amazônia”, surgiu durante a entrevista com Roma.

No dia 14 de novembro de 2006, o maior jornal do país publicou a seguinte entrevista.

Jornal: Em julho de 2004, você foi abandonado no meio da selva após um sequestro. Qual foi o momento mais difícil nos meses que se seguiram, até o seu retorno a São Paulo em 2005?

Roma: Foi dar o primeiro passo, o primeiro passo sempre é o mais difícil. Todos os meus medos pareciam estar estranhados na mata. Fitei a selva por horas, até perceber que havia duas opções: morrer tentando ou morrer esperando. Decidi morrer tentando.

Jornal: Você não tinha a esperança de sobreviver?

Roma: Racionalmente não.

Jornal: Mas você sobreviveu. O que exatamente aconteceu?

Roma: Eu acreditava que a selva fosse me segurar, oprimir, assombrar. Mas tudo o que ela fez foi me empurrar pra frente, do jeito dela.

Jornal: Que jeito é esse?

Roma: O mesmo que te fez parar aqui, hoje, para me entrevistar. As forças que conheci na Amazônia estão em cada canto do planeta, apenas se manifestam com maior intensidade na selva. O potencial humano é infinito, e o universo está sempre nos empurrando rumo ao limite, para que percebamos que o limite não passa de uma ilusão.

Jornal: Então você acredita que qualquer um poderia ter se tornado o defensor da Amazônia, assim como você?

Roma: Claro que sim! Todo pássaro aprende a voar quando descobre que tem asas.

Jornal: Você quer dizer que todo ser humano pode manipular os marimbondos, macacos, onças, em fim, qualquer animal, assim como você faz?

Roma: É na sua pergunta que está a negativa. Manipular. Esse termo não existe nos conceitos universais. Antes de conhecer os caminhos para o seu potencial, você precisa se tornar ético. O universo se expande através da ética. Nenhum obstáculo na vida, ao contrário do que muitos imaginam, é punição, sadismo ou má sorte. Quando o universo lhe lança um grande desafio, é por acreditar no seu potencial. Quando você falha, é por você não acreditar em você. E o primeiro passo para acreditar no seu potencial é construir um conceito ético, de acordo com a lei número um do universo – fazer ao próximo somente aquilo que você gostaria que o próximo fizesse a você. Quem tem certeza de estar promovendo o bem do próximo, supera barreiras intransponíveis. Eu, Roma, não gosto de ser manipulado, por isso jamais manipulei animal algum. Somente lhes pedi auxílio, em uma questão que lhes interessava muito mais do que a mim.

Jornal: Mas como então você e os animais atacaram os trabalhadores nos desmatamentos, causando inclusive uma morte, se você

só pensa no bem do próximo?

Roma: A resposta está na regra que citei agora há pouco. Sim, se eu fosse ignorante ao ponto de desmatar a Amazônia, gostaria de ser impedido por alguém que conhecesse a importância da selva. Gostaria também de ter a chance de me render, e os trabalhadores tiveram. O homem que morreu, reagiu matando diversos macacos, e, infelizmente, não tivemos outra alternativa.

Jornal: Você conseguiu o feito antes unimaginável, de reduzir para quase 0% o desmatamento na Amazônia. Por que partir agora, permitindo o retorno da devastação?

Roma: Novamente por uma questão ética. Não sou protetor da selva, a Amazônia não precisa de nós, somos nós que precisamos dela. O ser humano não é capaz de sobreviver em um planeta sem vegetação. Quanto mais destruimos, maior o prejuízo para a nossa qualidade de vida. Se desmatamos todas as florestas, vamos desaparecer do planeta em poucas décadas ou, no melhor dos cenários, teremos a população humana drasticamente reduzida. Então a floresta retorna, no mesmo local, ou em outra parte do planeta.

Jornal: Mas por que deixar a Amazônia? Não entendi o que isso tem de ético...!

Roma: O universo necessita de se expandir, e a expansão só ocorre através da evolução. Um regime totalitário não traz evolução. Mostrei que é possível acabar com o desmatamento, basta querer. Se, sozinho, tive essa capacidade, imagine alguns milhões de brasileiros determinados, unindo forças. É muito cômodo ter um louco solto na Amazônia. Mas essa comodidade priva as pessoas da reflexão, de formar os próprios conceitos, de tomar as próprias atitudes. E ninguém deve nem pode ser privado de pensar e de agir. É uma simples questão de ética.

Jornal: Você é contra qualquer tipo de derrubada ou somente contra as grandes devastações?

Roma: A Nação precisa tomar uma decisão: dar ou não o devido valor à natureza. Sempre haverá razões para derrubar mais uma árvore. Vão dizer: "Só mais uma, a última, é pra ajudar os ribeirinhos.". E depois: "Só mais essa, é pra ajudar os sem-terra.". E finalmente: "Ah, só mais essa, é pra ajudar o pequeno agricultor." E, só então, vão se dar conta de que derrubaram a última árvore da Amazônia.

EM MEADOS DE 2008, o ritmo do desmatamento na Amazônia retornou ao nível anterior à intervenção de Roma.

Um marimbondo me picou.

Título: Tem um louco solto na Amazônia

Autor: Felix Richter

Revisão: Luiz Sérgio Charles

Ilustração de capa: Cláudio Parreiras

1 Edição, Rio de Janeiro, 2009

Copyright: Felix Richter - Todos os direitos reservados

Editora: Céu Azul de Copacabana Editora Ltda.

www.colorfotos.com.br

firma@colorfotos.com.br

0055-21-2267-2827

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R395t

Richter, Felix, 1975-

Tem um louco solto na Amazônia : romance / Felix Richter. - Rio de Janeiro : Céu Azul de Copacabana, 2009.
150p.

ISBN 978-85-87467-26-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

09-5828.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

12.11.09 13.11.09

016198

Dedico este livro a Gigi e Ernesto

Agradecimentos:

À Gigi, minha esposa, que aturou, durante quase dois anos, a resposta: “Agora não posso, tô escrevendo o meu livro!”

A meus pais, que me ensinaram o grande valor da natureza

Ao amigo Luiz Sérgio Charles, que respondeu a dezenas de emails, pedidos de auxílio em questões gramaticais e linguísticas, sendo fundamental no processo de transformação da história em obra literária.

Ao amigo Cláudio Parreiras, pela gentileza de criar a capa do livro.

A todos aqueles que se empenham na preservação da Amazônia, e àqueles que têm a audácia de sonhar com um futuro verde.

Sobre o autor:

Nascido no Rio de Janeiro, em 1975, Felix Richter é formado em Jornalismo. Fotógrafo profissional, tem diversos livros de fotografia publicados. Hoje, Richter divide seu tempo entre a fotografia e a literatura.

Livros de ficção publicados (até final de 2014):

Tem um louco solto na Amazônia - 2009

O último urso-polar - 2011

O conto azul de Leonardo da Vinci - 2012

www.felixrichter.com.br

Esta é uma obra de ficção. Personagens fictícios, como, por exemplo, o Presidente da República e o Ministro da Justiça, não têm qualquer ligação com os reais ocupantes dos respectivos cargos. Os personagens e situações desta obra não fazem referência a ocorrências e fatos, sendo qualquer semelhança com a realidade uma mera coincidência.

